



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Alexandra Alves Monteiro

**Identidades de marginais nos romances O Matador e O Invasor de Patrícia  
Melo e Marçal Aquino**

São Gonçalo

2019

Alexandra Alves Monteiro

**Identidades de marginais nos romances O Matador e O Invasor de Patrícia Melo e  
Marçal Aquino**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof. Dr. Armando Ferreira Gens Filho

São Gonçalo

2019

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D

M775 Monteiro, Alexandra Alves.  
Identidades de marginais nos romances O Matador e O Invasor de Patrícia  
Melo e Marçal Aquino / Alexandra Alves Monteiro. – 2019.  
98f.

Orientador: Prof. Dr. Armando Ferreira Gens Filho.  
Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade  
do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Ficção brasileira – História e crítica – Teses. 2. Melo, Patrícia – Crítica  
e interpretação – Teses. 3. Aquino, Marçal – Crítica e interpretação – Teses.  
4. Marginalizados na literatura – Teses. I. Gens Filho, Armando Ferreira. II.  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de  
Professores. III. Título.

CRB/7 4994

CDU 869.0(81)-95

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta  
dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Alexandra Alves Monteiro

**Identidades de marginais nos romances O Matador e O Invasor de Patrícia Melo e  
Marçal Aquino**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 21 de fevereiro de 2019.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Armando Ferreira Gens Filho (Orientador)  
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Shirley de Sousa Gomes Carreira  
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

---

Prof. Dr. Marcello de Oliveira Pinto  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

---

Prof. Dr. Gilberto Araújo de Vasconcelos Junior  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Prof. Dr. Paulo César Silva de Oliveira  
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

São Gonçalo

2019

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus que me concedeu saúde e coragem para realizar todas as atividades de professora, esposa e estudante.

À minha família, principalmente à minha mãe Maria Helena que sempre me apoiou e foi à luta quando mais necessitamos, sendo um grande exemplo para mim.

As minhas sobrinhas Kamilla e Angélica.

Ao estimado professor Armando Gens, um orientador com sensibilidade, paciência e dedicação indescritíveis.

Ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação do Programa de Formação de Professores da UERJ - São Gonçalo, pela oportunidade de crescimento pessoal e profissional que me foi proporcionada;

Às minhas colegas da Escola Municipal Joaquim Nabuco: Ana Maria, Sabrina e Claudiane.

Aos amigos Pâmela Viana e Érick Bernardes que estiveram comigo nessa jornada acadêmica.

“Cada um descobre o seu anjo, tendo um caso com o demônio”.

*Mia Couto*

## RESUMO

MONTEIRO, Alexandra Alves. *Identidades de marginais nos romances O Matador e O Invasor de Patrícia Melo e Marçal Aquino*. 2019. 98f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2019.

O advento da modernidade industrial reordenou o espaço urbano brasileiro, enquanto a democratização dos meios de transportes possibilitava maior mobilidade emigratória em decorrência da demanda de mão de obra de baixo custo, “forçando” assim os trabalhadores a ocuparem bairros com pouco ou nenhum ordenamento ou infraestrutura. Tais ocupações espaciais foram expandindo-se e como consequência trouxeram graves problemas pela falta de ações efetivas do Estado. Combinando desemprego, desproletarização, alta taxa de criminalidade, desprovimento de educação, esporte e cultura de qualidade, as estruturas familiares ancoradas em ideologias de base patriarcal, acirram-se as desigualdades sociais e as de gênero, e o homem contemporâneo é convocado a lidar com as mudanças acarretadas pelas mudanças de paradigma, como a perda de referências identitárias. Assim, para dar curso à proposta da dissertação, desenvolve-se uma leitura sobre as representações identitárias da marginalidade dentro do espaço urbano tomado pela violência. Buscando refletir sobre as particularidades que envolvem estas questões nos relatos ficcionais — *O Matador* de Patrícia Melo (1995) e *O Invasor* de Marçal de Aquino (2001) —, tem-se como objeto de investigação as representações de identidades de marginais na contemporaneidade da cidade de São Paulo, com base no seguinte aparato teórico: *Identidade e Diferença* (2000), *A Identidade Cultural na Pós Modernidade* (2006) de Stuart Hall, *Medo Líquido* (2006), *Identidade – entrevista com Benedetto Vecchi* (2005), *Confiança e Medo na Cidade* (2009) e *Globalização: as consequências humanas* (1999) de Zygmunt Bauman, *As Estruturas Narrativas* (2008) de Tzvetan Todorov, *Literatura Brasileira do Contemporâneo* (2012) de Regina Dalcastagnè, *Os Condenados da Cidade* (2001) de Lóic Wacquant, *O Cosmopolitismo do Pobre* (2004) de Silvano Santiago e *Heróis e vilões no romance brasileiro* (1979) de Gilberto Freire.

Palavras-chave: Personagens marginais. Contemporaneidade. Estudos Culturais. Romance brasileiro.

## ABSTRACT

MONTEIRO, Alexandra Alves. *Margin identities in novels O matador by Patricia Melo and the Invader by Marçal Aquino*. 2019. 98f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2019.

The advent of industrial modernity rearranged the Brazilian urban space, while the democratization of the means of transport allowed for greater emigration mobility as a result of the demand for low-cost labor, thus forcing workers to occupy neighborhoods with little or no planning or infrastructure. Such spatial occupations have been expanding and consequently have brought serious problems for the lack of effective actions of the State. Combining unemployment, deproletarianization, high crime rate, deprivation of education, sport and quality culture, family structures anchored in patriarchal-based ideologies, social and gender inequalities are exacerbated, and contemporary man is called upon to deal with the changes brought about by paradigm shifts, such as the loss of identity references. Thus, to give way to the proposal of the dissertation, a reading on the identity representations of the marginality within the urban space taken by the violence is developed. Seeking to reflect on the particularities that involve these issues in the fictional accounts — *O Matador* de Patrícia Melo (1995) and *O Invasor* de Marçal de Aquino (2001) —, has as its object of investigation the representations of marginal identities in the contemporaneity of São Paulo, Brazil, based on the following theoretical apparatus: *Identidade e Diferença* (2000), *A Identidade Cultural na Pós Modernidade* (2006) by Stuart Hall, *Medo Líquido* (2006), *Identidade – entrevista com Benedetto Vecchi* (2005), *Confiança e Medo na Cidade* (2009) e *Globalização: as consequências humanas* (1999) by Zygmunt Bauman, *As Estruturas Narrativas* (2008) by Tzvetan Todorov, *Literatura Brasileira do Contemporâneo* (2012) by Regina Dalcastagnè, *Os Condenados da Cidade* (2001) by Lóic Wacquant, *O Cosmopolitismo do Pobre* (2004) by Silvano Santiago and *Heróis e vilões no romance brasileiro* (1979) by Gilberto Freyre,

Keywords: Marginal characters. Contemporaneity. Cultural Studies. Brazilian Romance.



## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	8
1	<b>IDENTIFICANDO OS AUTORES</b> .....	11
1.1	<b>Na cena do crime: Patrícia Melo</b> .....	11
1.2	<b>A ficha corrida de Marçal Aquino</b> .....	15
2	<b>CONCEITO DE IDENTIDADE</b> .....	19
3	<b>A CIDADE E AS CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS: DIGITAIS DA VIOLÊNCIA</b> .....	34
3.1	<b>A digital da violência na cidade de São Paulo em O Matador e O Invasor</b>	37
4	<b>O DNA DE MÁIQUEL, O MATADOR</b> .....	45
5	<b>PRAZER, EU SOU O INVASOR</b> .....	55
6	<b>MAIQUEL E ANÍSIO: UMA PROBLEMATIZAÇÃO DA HEROICIDADE</b> .....	61
6.1	<b>Carteiras de identidade de dois heróis marginais</b> .....	63
6.2	<b>MáiqueL: um herói polêmico</b> .....	65
6.3	<b>Anísio: interrogações acerca de uma heroicidade</b> .....	73
7	<b>ESPAÇOS E IDENTIDADES</b> .....	78
7.1	<b>A casa como identidade do Sujeito</b> .....	78
7.2	<b>A representação da casa como fronteira identitária</b> .....	80
7.3	<b>A ultrassonografia do crime: a casa de dr. Carvalho e a Construtora Araújo e Associados</b> .....	86
	<b>CONCLUSÃO</b> .....	90
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	94

## INTRODUÇÃO

Representantes da literatura nacional contemporânea, Patrícia Melo e Marçal Aquino fazem parte do rol de escritores que se utilizam das temáticas da violência e da marginalidade em suas obras.

Podemos dizer que ambos olham para o caos urbano existente nos espaços citadinos, em parte fruto da grande concentração da população em busca de melhores oportunidades de vida nos últimos anos e da omissão do Estado no atendimento das novas demandas que emergiram. Esse inchaço demográfico provocou mudanças tanto no espaço físico urbano quanto na organização social da cidade. Conseqüentemente, mudanças também ocorreram nas relações de convívio entre as pessoas, que muitas vezes se configuraram na base na selvageria, brutalidade e de interesses pontuais e momentâneos.

Percebe-se que essas mudanças tiveram grande impacto na construção da identidade dos sujeitos, tendo em vista que sujeito e espaço exercem influência mútua.

Em vista disso, a presente dissertação busca refletir sobre a construção das identidades de marginais na obra *O Matador* (1995), de Patrícia Melo, utilizando, como contraponto para sustentar o diálogo que se procura estabelecer, a obra *O Invasor* (2002), de Marçal Aquino.

Tais escolhas baseiam-se no olhar que ambos os autores lançam sobre o cenário atual da cidade de São Paulo para construir seus discursos ficcionais. A partir desse olhar, abordam os tipos sociais e as relações que se estabelecem nesses espaços, onde a questão das fronteiras ultrapassa as delimitações geográficas, são sociais e excludentes.

Dentro dessa perspectiva, é possível observar no texto ficcional uma recondução do real, em que os deslocamentos observados impactam diretamente nas identidades do sujeito contemporâneo.

Partimos, assim, por meio das obras do *corpus* da dissertação, para uma análise das mudanças que ocorreram na figura do típico marginal na literatura brasileira contemporânea. Restringimo-nos às obras *O Matador* (1995), de Patrícia Melo, e *O Invasor* (2002), de Marçal Aquino.

Em suas narrativas ficcionais, encontramos dois protagonistas marginais que diferem em vários aspectos do marginal / bandido representado em muitas obras. Se tradicionalmente, a representação da personagem de identidade marginal estava mais voltada para o seu núcleo comunitário, no contexto contemporâneo, a personagem de identidade marginal sofreu diversas modificações nas suas ações e comportamentos, como por exemplo: passou a desejar

fazer parte de um grupo hegemônico que é visto como os que estão de certa maneira “no centro do poder”, ser reconhecida e também ter direito a participar do mercado de consumo.

Por essa razão, escolhemos as obras de *O Matador* (1995) de Patrícia Melo e *O Invasor* (2002) de Marçal Aquino, haja vista que, nestas obras, podemos observar representadas através dos textos ficcionais as transformações da identidade dessa figura e demonstrar algumas das alterações sofridas em sua maneira de agir e também no modo como é recebido pelo meio social ao qual atende.

No que diz respeito à organização dos resultados da pesquisa, dividimos a dissertação em oito capítulos. No primeiro capítulo, ofereceremos uma visão geral das ideias-núcleo que refletem as linhas mestras de nossa perquirição. No segundo capítulo, consideramos relevante discorrer brevemente sobre a trajetória de Patrícia Melo e Marçal de Aquino, buscando situá-los no cenário literário contemporâneo, tendo em vista que suas respectivas obras — *O Matador* e *O Invasor* — são o cerne de nossa dissertação.

Para que se possa compreender as alterações na identidade da personagem representante de marginal dentro das obras do *corpus* da dissertação, recorreremos, no capítulo três, a um conjunto de teóricos para estabelecer o conceito de identidade. A seleção dos referenciais teóricos foi pautada pela especificidade da pesquisa, ou seja, selecionamos autores que contribuiriam efetivamente para o estudo da representação da identidade marginal em *O Matador* (1995) e *O Invasor* (2002). Entretanto, ressalta-se que os conceitos apresentados nesse capítulo não se esgotam; antes, eles sinalizam e fundamentam, em perspectiva teórica, nossos pontos de vista sobre o tema central da dissertação.

Aprofundando as ideias das temáticas propostas, tomamos, como referente espacial estruturante, a cidade de São Paulo, buscando demonstrar no capítulo quatro a sua relevância na construção das identidades. Observamos ainda neste capítulo que a questão da violência, a degradação dos grandes centros, os conflitos de classes, a corrupção e a ganância são elementos presentes com maior ênfase dentro desse espaço e exercem grande influência na fragmentação identitária do homem contemporâneo, seja nos seus relacionamentos amorosos, familiares ou nos seus próprios questionamentos existenciais.

No capítulo de número cinco, iremos nos ocupar da investigação da personagem marginal de *O Matador* — Máiquel — visto que, em *O Matador*, temos a representação de um marginal mais restrito à comunidade que transita entre periferia e cidade “oficial” o tempo todo, podendo ser considerado como alguém num entre-lugar e que vai construindo sua identidade após receber uma “espécie de chamado”.

Ainda no âmbito da estrutura da dissertação, informamos que, no capítulo de número seis, realizaremos uma apresentação sobre *O Invasor* e discorreremos sobre a personagem marginal — Anísio —, enfatizando a sua (des) construção estereotipada, que comumente está na base das representações de marginais na literatura. Trata-se de uma representação de marginal que comporta uma identidade construída, porque passa por uma mudança identitária ao longo da narrativa ficcional: usurpa o protagonismo da história.

No capítulo sete, utilizaremos as conceituações de herói, a partir dos estudos de Joseph Campbell, Gilberto Freyre e Carlos Ceia, e as concepções teóricas de Stuart Hall para situar as personagens no espaço e tempo da contemporaneidade, visto que, para analisar as personagens marginais nas narrativas de *O Matador* (1995) e *O Invasor* (2002), observamos que as características que comumente definem um herói conseguem dar conta dessas personagens, desde que analisadas no âmbito do tempo e do espaço em que se encontram inseridos.

Por fim, no oitavo capítulo, analisaremos a casa de dr. Carvalho e a Construtora Araújo e Associados, levando em consideração a relevância que lhes cabe na constituição da identidade dos sujeitos, buscando, assim, explicitar como se constituem as relações do sujeito nesses espaços, uma vez que testemunham os segredos mais íntimos em seu interior, revelando conflitos, vivências e papéis dos sujeitos-personagens que permitem estabelecer ligações simbólicas com o contexto social e cultural.

## 1 IDENTIFICANDO OS AUTORES

### 1.1 Na cena do crime: Patrícia Melo

Representantes da literatura nacional contemporânea, Patrícia Melo e Marçal Aquino fazem parte do rol de escritores que apresentam em suas respectivas obras de ficção as dinâmicas e sociabilidades da vida no caótico centro urbano e lançam luz sobre aqueles que se encontram à margem desse espaço, principalmente sobre um novo tipo de marginal – o matador de aluguel e o justiceiro.

O caos trabalhado por ambos os autores engloba a toxidade do universo urbano, impregnado de *mass media*, estresse, solidão e, sobretudo, de violência, elemento característico de suas obras.

Ambos tratam em suas escritas das realidades urbanas, possibilitando leituras sobre a condição do indivíduo que se encontra isolado dentro da cidade grande e da sua organização psicológica para enfrentar medos, angústias e incertezas dentro desse espaço.

Tais autores vêm alcançando prestígio e notabilidade por despertarem inquietações no público e na crítica, através de suas obras ficcionais. Dessa feita, conquistando espaço como representantes de uma vertente da literatura brasileira contemporânea que retrata a cidade e seus habitantes em meio a conflitos éticos, culturais, sociais, econômicos e processos de extermínio arquitetados pela elite.

Tendo em vista que a dissertação se alicerça na análise de uma das obras de Patrícia Melo — *O Matador* (1995) —, julgamos ser adequado fazer uma breve apresentação da trajetória da autora. Destacamos que Patrícia Melo, romancista, cronista, dramaturga e contista, nasceu em 1962, em Assis, cidade do interior do Estado de São Paulo.

Patrícia teve sua estreia como autora na televisão, sendo a roteirista da minissérie *Colônia Cecília* da Rede Bandeirantes em 1989, que foi ao ar, entre os meses julho e agosto. A trama teve inspiração na comunidade anarquista homônima, situada no estado do Paraná e instalada por imigrantes italianos, no fim do século XIX.

Quatro anos depois, foi responsável pelo roteiro da novela *A banqueira do povo* (1993) na RTP (canal estatal português). A obra se baseava em fatos reais de Maria Branca dos Santos, banqueira da década de 80, envolvida em escândalos financeiros por causa do seu sistema de empréstimos a juros.

Como romancista, estreou com a obra: *Acqua Toffana* em 1994 — reunião de duas novelas policiais, cujas narrativas estabelecem um diálogo constante, estando interligadas ao final pela figura do estrangulador da Lapa — publicada pela Cia das Letras. Tal obra ganhou os palcos do teatro no ano de 2008.

Em 1995, publicou o romance *O Matador*, que lhe rendeu prêmios na França, na Alemanha e indicações para o *Prix Femina* de romance estrangeiro (França e Itália, em 1996; Inglaterra, Holanda, Estados Unidos e Espanha, 1997; e Noruega, 1999).

Em *O Matador* (1995) – obra do corpus dessa dissertação - Patrícia utilizou-se de um narrador em primeira pessoa para ficcionalizar a temática da violência na cidade de São Paulo. Nesta obra, encontramos a personagem Máiquel, jovem morador da periferia de São Paulo, que vê seu futuro sendo traçado de maneira turbulenta e corrosiva ao assassinar um rapaz por motivo fútil.

A obra foi adaptada para as telas do cinema no ano de 2003, com roteiro de Rubem Fonseca — que exerce grande parceria e influência nas obras literárias da autora — e dirigido por José Henrique Fonseca.

No ano de 1998, lançou *Elogio da mentira*. Nesse romance, Patrícia cria a personagem do escritor José Gruber, que é o responsável por contar a sua própria história. Inicialmente, o narrador-personagem escreve romances policiais feitos através de plágios dos grandes clássicos, mas depois alcança a fama com publicações de livros de autoajuda.

Sobre a personagem, cumpre ainda assinalar que José Gruber tem um relacionamento amoroso com Fúlvia Melissa, que trabalha no Instituto Soropático Municipal, lugar onde ele vai buscar inspiração para matar uma de suas personagens. Há mentira e bom-humor envoltos nas relações estabelecidas pelas personagens.

A obra *Inferno* é lançada no ano 2000, e recebeu o Prêmio Jabuti em 2001. Utilizando-se de uma linguagem ácida e veloz, conta a história de Reizinho (morador do Morro do Berimbau, localizado na cidade do Rio de Janeiro). Aos onze anos o menino começa a servir ao tráfico e anos após assume o comando do comércio de drogas do morro. A trama envolve temas como: corrupção policial, disputas por territórios e, obviamente, a violência.

Em *Valsa Negra* (2003), aborda a temática da violência através daquela que somos capazes de ser vítimas e algozes ao mesmo tempo. O autodestrutivo maestro-narrador se vê atormentado pela possível infidelidade de sua segunda esposa, trinta anos mais jovem que ele, e a partir desse sentimento de frustração amorosa são depreendidos uma série de

acontecimentos que colocam o sujeito capaz de ter pensamentos e ações dissonantes ao que julgamos ser racional.

No ano de 2006, Patrícia Melo lança *Mundo perdido*, trazendo o retorno de Máiquel às páginas de seu livro. Após dez anos da fuga da personagem, ele decide retornar, motivado pelo desejo de reencontrar Érica (a namorada) e Samantha (sua filha com Cledir) e de receber uma herança deixada por uma tia.

Patrícia trata nesse romance, além da violência, de elementos que revelam a decadência moral e ética pela qual o Brasil passa, como falsificação de documentos em cartórios, uso indevido de acampamentos de sem-terra com finalidade de cometer crimes, desmatamento ilegal e uso da fé como meio de enriquecimento.

Em 2008 lança *Jonas, o copromanta*. Nessa narrativa, Patrícia transforma o escritor Rubem Fonseca, de quem é bastante próxima — chamada por alguns críticos de discípula do escritor — em personagem.

O livro *Jonas, o copromanta* (2008) narra a história de Jonas, funcionário da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro que reescrevia obras e contos de grandes escritores, adaptando-os de acordo com seu gosto. No entanto, é, no hábito de observar suas fezes, que o enredo se desenvolve. Jonas surpreende-se ao ler em suas fezes (copromancia) que Fonseca teria entrado em seus pensamentos para plagiar a sua vida.

É a partir desse fato que ele sai em busca de provas que sejam capazes de incriminar Fonseca. Nessa obra de Patrícia Melo revela-se a quão solitária e paranoica pode se transformar a vida de uma pessoa, quando ela emprega um único ponto de vista para resolver ou julgar tudo.

Já em 2010, a autora fixou residência em Lugano (Suíça) e escreveu *Ladrão de cadáveres*. Por esse trabalho, recebeu o prêmio LiBeraturpeis concedido pela Feira do Livro de Frankfurt. No ano de 2011, publicou *Escrevendo no escuro*. Três anos depois, publica *Fogo-fátuo* e, no ano de 2017, *Gog-Magog*.

Para o teatro, Patrícia escreveu os seguintes textos: *Duas mulheres e um cadáver*, em 2000, que se baseia no encontro da amante, da esposa e do cadáver do psicanalista em um consultório; *A caixa*, em 2003, que desenvolve a temática da crise de criação de uma escritora. Cabe sublinhar que Patrícia Melo revelou, em uma entrevista para a *Folha de São Paulo* (13/11/2003), que *A Caixa (2003)* seria o seu texto mais autobiográfico.

Ainda na dramaturgia, Patrícia Melo foi responsável pelo roteiro de *A Ordem do Mundo* em 2008, no qual propõe uma reflexão sobre a sociedade contemporânea, através das

observações da personagem Helena. A personagem se pauta nas mais diferentes notícias de jornal, de onde retira sua matéria prima para refletir sobre o assunto.

No cinema, foi responsável pelo roteiro dos longas-metragens: *Bufo e Spallanzani*, em 2001, realizado junto com Rubem Fonseca, *Cachorro!* (1998) e *O Xangô de Baker Street* (2001).

Sobre a recepção da obra de Patrícia Melo, vale a nota que a autora atrai muitas críticas sobre a maneira de tratar o tema da violência. Assim, frisa Vejmelka (2005, p. 192) que seria problemático apresentar a violência como um fato dado sem problematizá-la.

Ainda na escutas das vozes da crítica, a posição de Schøllhammer, sobre *O Matador* (1995), tem suas virtudes, por ser uma das obras literárias de nossa pesquisa:

As personagens são esvaziadas de conteúdo, simplesmente acabando por se mostrar portadores de uma realidade de absoluta desumanidade e perdem a profundidade diante dessa proibição fundacional que os torna “pessoas”.

Nesse sentido, o livro perde o sentido porque, ao invés de envolver o leitor no drama de um homem em decadência moral, nos impõe a mesma indiferença que o aterroriza e nada nos assusta. (2001, p. 44)

Compreendemos a posição defendida por Schollhammer (2001), uma vez que, apesar de a narrativa ter como foco a personagem do justiceiro Máiquel, pouco se aborda acerca de sua história pregressa, havendo um tipo de reducionismo de sua marginalidade, numa espécie de é-assim-que-eles-são-e-sempre-serão.

No entanto, a nosso ver, apesar das críticas referidas à Patrícia Melo – de narrativas esvaziadas de problematização da criminalidade, por exemplo - encontramos na autora uma dicção própria e uma representação consistente da realidade do Brasil na contemporaneidade, observando, em sua produção ficcional, elementos capazes de possibilitar uma leitura que problematize a representação identitária de marginais e os valores éticos da cultura de violência presentes nas grandes metrópoles.

Embora nem sempre possa contar com a unanimidade da crítica literária, vale ressaltar que ela é uma escritora brasileira bastante premiada, tendo em 1999 sido inserida na lista das cinquenta “*Latin American Leaders for The New Millennium*” pela revista *Time Magazine*.

Outro fato relevante sobre as obras de Patrícia Melo é que elas são traduzidas em muitos outros países, como: Inglaterra, Estados Unidos, França, Alemanha, Itália, Espanha, Holanda, Grécia, Finlândia, Noruega e China,

Após este breve panorama sobre a obra de Patrícia Mello, passemos a Marçal Aquino, autor de *O Invasor* (2002). Trata-se da segunda obra sobre a qual nos debruçamos para



realizar o estudo de representações de identidades marginais. Insere-se igualmente no panorama das tendências da literatura brasileira atual, pelo viés de narrativas calcadas na linguagem da violência e nos marginais em conluio com empresários.

## 1.2 A ficha corrida de Marçal Aquino

Marçal Aquino nasceu em 1958 na cidade de Amparo/SP, graduou-se em jornalismo no ano de 1983 pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUC.

É jornalista, romancista, contista e roteirista de cinema e televisão. Em 1984, publicou seu primeiro livro de poemas, intitulado: *A depilação da noiva no dia do casamento*, fruto de edição independente.

Marçal mudou-se para a capital paulista em 1985, onde trabalhou até 1990 como jornalista, revisor e redator nos jornais *A Gazeta Esportiva*, *O Estado de São Paulo* e *Jornal da Tarde*, neste mesmo período publicou seu livro de poemas: *Por bares nunca dantes navegados*.

No ano de 1990, publicou mais um livro de poemas, sob o título: *Abismos, modos de usar*.

Estreou na ficção como contista com a obra *As fomes de setembro* (1991), a qual recebeu o prêmio na categoria contos, na 5ª Bienal Nestlé de Literatura Brasileira.

Em *As fomes de setembro* (1991) são narrados, através dos doze contos nele contidos, fragmentos do nosso dia-a-dia.

Outras produções na categoria contos fazem parte da bibliografia do autor, como: *Miss Danúbio* (1994), uma coletânea em que se explora a temática da decadência urbana provocada pela violência das mais diferentes formas (estupros, guerras entre facções criminosas, traições, prostituição); *O amor e outros objetos pontiagudos* (1999), que investe na temática da degradação humana como constante, que se faz notar através da incapacidade de cultivar sentimentos de lealdade, esperança e amizade. Por essa obra, Marçal recebeu o Prêmio Jabuti em 2001. Em *Faroestes* (2001) e *Famílias Terrivelmente Felizes* (2003), a violência se aplica às marcas de choques e desafios em diferentes esferas e ao pertencimento a espaços reservados à camada marginal, que, por vezes, reage à bala para que possa ser inserida em alguns locais.

O autor produziu também obras na categoria da literatura infantil e juvenil. *A turma da rua Quinze* (1989) tem como enredo uma história de cunho detetivesco que trata do sumiço de Marcão — morador da Rua Quinze — e o aparecimento de um homem com uma cicatriz no rosto, que, pela desconfiança gerada, impulsiona a turma da Rua Quinze a entrar em ação para tentarem resolver o caso.

Ainda na categoria infantil e juvenil, Marçal lançou, em 1992, *O jogo do camaleão*. O enredo apresenta o drama do menino Ricardo, que foge de casa para Belo Horizonte a fim de encontrar seu pai (que nunca conhecera). No entanto, no trajeto para a cidade mineira, Ricardo conhece Quico, um menino de sua idade que está viajando para traficar drogas. Os dois personagens estranham o fato de estarem sendo seguidos por um homem e tentam fugir. Contudo, acabam sendo capturados por diferentes gangues, que confundem Ricardo com Quico, dando início a uma negociação para a troca dos menores. Essa situação envolve polícia, vingança e violência. Entretanto, a maior surpresa reside no fato que o pai do menino é um grande traficante de uma cidade mineira.

Por fim, outros dois livros da categoria infantil e juvenil de autoria de Marçal são: *O mistério da cidade fantasma* (1994) e *O primeiro amor e outros perigos* (1996).

Na categoria romance, Marçal publicou as seguintes obras: *O Invasor* (2002), *Cabeça a Prêmio* (2003) e *Eu Receberia as Piores Notícias de Seus Lindos Lábios* (2005).

Em *O Invasor* (2002), a narrativa encarna a história de três engenheiros de uma construtora que entram em conflito quando surge o convite para participarem de uma licitação fraudulenta envolvendo o Governo e tal negócio geraria muitos lucros. Os dois sócios, frustrados pela negativa do sócio majoritário, decidem contratar um matador de aluguel para eliminá-lo. No entanto, os desdobramentos que esse assassinato assume colocam os dois em situações inusitadas e indesejadas.

A obra ganhou adaptação para o cinema e *O Invasor* foi unanimidade no Festival de Brasília de 2001. No ano de 2002, recebeu o prêmio de melhor filme latino-americano no Sundance Festival. Nesse mesmo ano, foi selecionado para o Festival de Berlim e ganhou sete prêmios no Festival de Recife, além de ser Premiado no 6º Festival de Cinema em Miami (2002).

Em *Cabeça a Prêmio* (2003), aparece novamente a figura do matador de aluguel, dessa vez nas personagens de Brito e Albano. Ambos trabalham para um poderoso traficante de drogas. O enredo envolve também a paixão entre um piloto de aeronaves (que transporta drogas) e Elaine (filha de um dos chefes do tráfico), que culmina no planejamento de uma

fuga, devido à vida do rapaz estar em perigo. A obra foi adaptada para as telas do cinema em 2010, sob direção de Marco Ricca.

Como roteirista, Marçal Aquino participou de várias produções cinematográficas, dentre elas: *Os matadores* (1997), *Ação entre amigos* (1998), *O amor segundo B. Schianberg* (2009), *Crime delicado* (2005), *Cão sem dono* (2007).

Uma das grandes parcerias de Marçal Aquino como roteirista foi com o diretor Beto Brant, destacamos, assim, a adaptação cinematográfica de sua obra homônima: *O Invasor* (2001), vale ressaltar que, em 1997, Marçal interrompeu o seu processo de criação literária para desenvolver o roteiro do filme, só terminando o livro após encerrarem as filmagens, publicando uma edição especial do livro com o roteiro e as fotos do filme em 2001.

*O Invasor* (2002) apresenta uma escrita direta, objetiva e pouco descritiva. Observa-se que é um texto que apresenta características próximas da linguagem jornalística, mas também pode ser depreendida uma aproximação com o roteiro de cinema, inclusive pela apresentação de sua forma gráfica.

Ao percorrer as páginas da obra, o leitor se depara com a existência de lacunas presentes no interior dos capítulos que parecem indicativos de “cortes” de um filme, estes cortes dão a ideia de divisões de cenas. É relevante também observar que há palavras em caixa alta no início dos capítulos, como se anunciasse a próxima cena, assim como a falta de pontuação indicativa de um discurso direto.

A adaptação de *O Invasor* para as telas do cinema presenteou Beto Brant com seu reconhecimento pela crítica especializada. Curiosamente, o interesse de Beto Brant pela obra não foi imediato, uma vez que, no primeiro contato com a obra, ele não viu potencial fazer um filme.

Como Patrícia Melo, Marçal Aquino destaca-se na crítica literária pela forma objetiva com que trata os temas da contemporaneidade, ligados diretamente à violência e às representações de identidades marginais, assim como às relações que delas se depreendem, numa espécie de cadeia relacional.

Cumprido, assim, ressaltar que o professor da PUC-Rio e crítico literário Karl Erik Schøllhammer refere-se, em *Ficção Brasileira Contemporânea* (2009), ao escritor Marçal como um dos escritores que renovaram o Realismo na da história literária brasileira, pois

Ainda que buscando formas estéticas diferentes da representação, confirma-se a tendência de “colocar a realidade na ordem do dia, [...] e denunciar os aspectos inumanos da realidade brasileira contemporânea” (SCHOLLHAMMER, 2011, p. 57). Permanece também o hibridismo que se intensificou no início da década de 1990 e gerou, conforme o pesquisador, “formas narrativas análogas às dos meios audiovisuais e

digitais, tais como as roteirizadas por Patrícia Melo, Marçal Aquino e Fernando Bonassi [...]” (SCHOLLHAMMER, 2011, p. 38)

Não se trata de um realismo tradicional e ingênuo em busca da ilusão de realidade. [...] os “novos realistas” querem provocar efeitos de realidade por outros meios. [...] o novo realismo se expressa pela vontade de relacionar a literatura e a arte com a realidade social e cultural da qual emerge, incorporando essa realidade esteticamente dentro da obra e situando a própria produção artística como força transformadora.

[...] um tipo de realismo que conjuga as ambições de ser “referencial”, sem necessariamente ser representativo, e ser, “engajado”, sem necessariamente subscrever nenhum programa político ou pretender transmitir de forma coercitiva conteúdos ideológicos prévios” (SCHOLLHAMMER, 2011, p. 54).

Após a breve contextualização dos autores das obras selecionadas para estudo das identidades marginais — *O Matador* e *O Invasor* —, o próximo capítulo apresenta um instrumental teórico para a construção do conceito de identidade para abalizar e legitimar o objeto de nossa dissertação: a representação das identidades marginais.

## 2 CONCEITO DE IDENTIDADE

É importante frisar que o objeto de estudo da dissertação destina-se a investigar identidades marginais nos romances *O Matador* (1995) de Patrícia Melo e *O Invasor* (2002) de Marçal Aquino. Faz-se necessário afirmar que, como assegura Hall (2005, p. 25), “este é o assunto do momento”.

A necessidade da construção de uma base teórica sobre identidade se impõe pelo fato de que, nas obras que fazem parte do *corpus* ficcional, queremos problematizar o tratamento concedido pelos escritores à concepção de inexistência de uma identidade unificadora e imutável na sociedade moderna, com especial destaque à figura do marginal em centros urbanos.

Comprova-se que tanto Patrícia Melo (1995) quanto Marçal Aquino (2002) constroem suas personagens como sujeitos que se coadunam com os fundamentos de descentralização, deslocamento e fragmentação identitária (HALL, 2001), lançando luz ao caráter flutuante, frágil e provisório (BAUMAN, 2005) do sujeito na modernidade; a bem dizer, argumento igualmente válido para a representação da identidade marginal. Esta mesma problematização exposta por Bauman encontra respaldo em Hutcheon (1991, p.15), quando pontifica que os romances contemporâneos “[...] desafiam o pressuposto humanista de um eu unificado e uma consciência integrada, por meio do estabelecimento e, ao mesmo tempo, da subversão da subjetividade coerente [...]”. Como se pode constatar, tais questões surgem englobando os sujeitos das mais diferentes classes sociais, assim como se tornam presentes nas representações de personagens em espaço literário.

Dessa feita, buscaremos apresentar um capítulo inicial que pretende versar, de maneira sucinta, sobre as questões teóricas que julgamos serem necessárias para a compreensão posterior dos estudos sobre as personagens marginais em *O Matador* (1995) e *O Invasor* (2002), pelo viés identitário que investe no múltiplo, no heterogêneo e no plural.

As identidades marginais, nas obras ficcionais anteriormente citadas, podem ser vistas como estando em processo constante de construção e ressignificação, de maneira consciente ou não, ou seja, mostram-se como identidades em curso, fora dos quadros de um “eu” absoluto e estável.

Apresenta-se assim, tanto na personagem Máiquel quanto em Anísio, deslocamentos identitários significativos, no decorrer das obras *O Matador* (1995) e *O Invasor* (2002).

Ambos vão sendo construídos e reconstruídos de acordo com suas necessidades e anseios pessoais, assim como pelas influências às quais estão expostos.

Seguindo a perspectiva de identidades em curso, iniciaremos propondo que se pense sobre as seguintes perguntas: "Quem é você?" Porém, desde já, adiantaremos que essa é uma das questões mais importantes que a maioria das pessoas jamais enfrentará. Podemos perguntar de nós mesmos e dos outros. Podemos enfrentá-la como indivíduos e como membros de grupos ou categorias sociais. Às vezes, podemos considerar explicitamente: "Quem é você?"; "Quem sou eu?"; "Quem somos nós?" (SILVA, 2000).

Mais profundamente, entretanto, a questão está implicitamente implicada em uma ampla gama de processos psicológicos e sociais, a saber: as escolhas que fazemos, as metas que buscamos, as nossas experiências emocionais, relacionamentos com os outros, tratamento amigável ou hostil de diferentes grupos de pessoas e, portanto, em última análise, o bem-estar psicológico e físico nosso e dos outros (SENNET, 2014).

Trouxemos tais questões porque elas serão muito úteis para a realização do estudo das identidades dos protagonistas de *O Matador* (1995) e *O Invasor* (2002), obras que se inserem no contexto da contemporaneidade e, conseqüentemente, envoltas na complexidade que permeia o processo identitário dos sujeitos na sociedade contemporânea e que, por sua vez, envolve rótulo categorial, equivalente à generalização e à percepção das fronteiras que são demarcadas através destes julgamentos.

O estudo da identidade é, no fundo, o estudo de como os indivíduos e grupos respondem à pergunta "Quem é você?" (VIGNOLES; SCHWARTZ; LUYCKX, 2001), os significados explícitos e implícitos de suas respostas (conteúdo identitário), os processos psicológicos e sociais envolvidos em alcançar, manter e, às vezes, revisar suas respostas (processos identitários) e as conseqüências pessoais e sociais desses conteúdos e processos.

Dada a amplitude do tópico, assim definido, talvez não seja surpreendente que a teorização e a pesquisa sobre a identidade se estendam muito além dos limites da personalidade e da psicologia social. A identidade tem sido o foco principal de inúmeras disciplinas, incluindo filosofia, sociologia, antropologia, teoria política, estudos de gênero, psicanálise (personalidade social, desenvolvimentista, discursiva e transcultural — campos da psicologia contemporânea) (SPEARS, 2011).

Dessa feita, dentro do campo da literatura, procuramos recorrer aos suportes teóricos em várias disciplinas com o principal enfoque na psicologia, a fim de compreender, mostrar e apresentar as identidades de personagens marginais na ficção contemporânea, tendo em vista

que, uma vez formadas através de categorizações, essas identidades são utilizadas como base para pré-julgamentos que se reafirmam nas obras literárias.

Apuramos no desenvolvimento da pesquisa que conceituações de identidade variam muito dentro e entre disciplinas, de modo que o conceito de identidade muitas vezes parece difícil de definir. Identidade foi definida como “unitária” ou “múltipla”, “real” ou “construída”, “estável” ou “fluida”, “pessoal” ou “social”, e de muitas outras maneiras que muitas vezes parecem contradizer-se mutuamente (VIGNOLES et al., 2011). Assim, alguns autores propuseram que qualquer tentativa de integração seria contraproducente ou mesmo que o termo “identidade” pode ser muito amplo para ser significativo (HALL, 2006).

Temos, em *O Matador* (1995), a narrativa da ascensão e derrocada da personagem de Máiquel, um jovem morador da periferia de São Paulo que, por acaso, se transforma em um assassino profissional. Fato que o torna sujeito admirado e querido pela vizinhança, pois constrói uma imagem de justiceiro do bairro, ou seja, aquele que elimina os bandidos que ameaçam a ordem da comunidade. Comprovemos:

Gonzaga, assim que me viu, estendeu a mão molhada, aquela mão objetiva e úmida apertando a minha mão, sorrindo e dizendo que eu poderia pegar o que eu quisesse, que era por minha conta, que a partir de agora seria assim, sempre assim, eu merecia, eu era corajoso, ele dizia, e agora será assim, tudo o que você quiser. Ele estava feliz porque eu tinha matado o Suel. O Suel é um miserável filho da puta, roubou o toca fitas do carro da minha irmã, todo mundo odeia o Suel, eu odeio o Suel, ele disse. (MELO, 1995, p.20)

Meu coração parecia um ninho de abelhas, só abelhas. Não aguentava mais ficar em casa. Quando abri a porta, encontrei um monte de pacotes na soleira: cigarros, carne moída, cerveja, pinga e flores. Tinha um bilhete também, com letra de criança: Obrigada, Máiquel. Outro: Bem feito para o Suel, letra de mulher. Bandido tem que morrer, letra de homem. Morreu porque não servia para a sociedade, à máquina. Claro, o porco. Ganhei um porco de presente pelo assassinato de Suel. E cigarros. Carne. Pinga e cerveja. O pessoal gostou. Gostei dos presentes.

Saí de casa resabiado, eu ainda não tinha entendido tudo. Estava começando a entender. Os vizinhos sorriram. Crianças, mães, empregadas, prostitutas, jornalista, cidadãos. Todos sorriram para mim. Na padaria, uma senhora beijou a minha face e disse: conte comigo. Bobs na cabeça, uma mulher decente como a minha mãe: conte comigo.

No Gonzaga, foi uma festa. Todos apertaram a minha mão, pediram para que eu contasse como tinha conseguido matar o Suel. (MELO, 1995, p.23-24)

No outro extremo, temos dr. Carvalho, dentista que se esconde atrás de um título profissional, para articular com outros sujeitos maneiras de “higienizar” ou excluir sujeitos que considera não serem úteis à sociedade; ou seja, os tipos que estão às margens da sociedade, aqueles que formam a força braçal de mão de obra e os que por algum motivo, foram levados a cometer delitos.

Já em *O Invasor* (2002), narra-se a ascensão de um matador de aluguel, que, após ser contratado por dois sócios minoritários de uma empreiteira para matar o sócio majoritário, responsável pela decisão final dos negócios, aproveita a oportunidade para chantageá-los e, nesse jogo, acaba por conquistar a filha do sócio assassinado e assume a gerência dos negócios da empresa, invadindo o espaço empresarial e a casa de Estevão.

Ainda em *O Invasor*, a narração incide na história de dois engenheiros que dificilmente levantariam suspeitas quanto ao seu caráter, mas que mantêm relações próximas com o mundo do crime.

Dentro da perspectiva psicológica, é razoável sublinhar que uma das primeiras coisas que um pesquisador pode aprender sobre identidade é que as identidades pessoais (ou individuais) e sociais (ou de grupo) devem ser distinguidas. Isso parece intuitivamente atraente, já que um indivíduo evidentemente não é a mesma coisa que um grupo e também ressoa com uma tendência mais ampla no pensamento ocidental de considerar individualidade e socialidade como forças opostas.

No entanto, em uma inspeção mais próxima, a distinção conceitual entre identidade pessoal e social torna-se menos clara. Em que sentido a identidade pessoal é "pessoal" e não "social", e em que sentido a identidade social é "social" e não "pessoal"? Uma resposta intuitiva é que a identidade pessoal e social se refere a diferentes classes de conteúdo de identidade. Tajfel (1978) definiu a identidade social como “essa parte do autoconceito de um indivíduo que deriva de seu conhecimento de pertencer a um grupo social (ou grupos), juntamente com o valor e o significado emocional associados a essa associação” (p. 63).

Por implicação, embora não esteja declarado na definição de Tajfel, a identidade pessoal pode ser o que sobra disso: aquelas partes do autoconceito que derivam do conhecimento do indivíduo sobre outros tipos de auto atributo. Nesta visão, então, a identidade pessoal e social são subconjuntos diferentes de conteúdo de identidade (TRAFIMOW; TRIANDIS; GOTO, 1991).

No entanto, como discutiremos mais adiante, a pesquisa e a teorização dentro da tradição da identidade social tornam a distinção entre identidade pessoal e social em termos de conteúdo bastante problemático. Aparentemente, é apenas a interpretação das pessoas de um determinado aspecto do conteúdo de identidade como "social" ou "pessoal" que o torna assim; e isso também pode ser altamente variável entre os contextos.

Não podemos confundir com máscaras que podem ser assumidas em um espaço ou no outro, mas sim adequações que são realizadas pelo próprio inconsciente do sujeito.



Abriremos, aqui, um parêntese, a fim de realizar um intercâmbio entre teoria e análise literária dos textos da dissertação, para informar que, nos estudos de *O Invasor* (2002), podemos verificar a figura de um marginal, Alaor, que assume duas posturas diferentes e complementares, na medida que estão relacionadas aos locais de sua vivência. Nota-se que entram em jogo as relações horizontais no seio familiar e as verticais no seu meio de trabalho.

Em certas circunstâncias, mesmo características tão pessoais quanto as preferências de uma pessoa por pinturas de dois artistas bastante semelhantes podem se tornar uma base para identificação social e relações intergrupais (BAUMAN, 2005). Assim, por mais intuitivo que possa parecer, classificar determinados aspectos de identidade como "pessoais" e outros como "sociais" não parece defensável.

Alternativamente, pode-se argumentar a favor de uma distinção entre processos de identidade pessoal e social. Nessa visão, a identidade social é 'social' não por seu conteúdo, mas porque é entendida como localizada nas interações sociais e no discurso cultural que acontecem entre as pessoas, e não dentro dos processos intrapsíquicos de cada indivíduo separado (RATTANSI; PHOENIX, 2005). No entanto, é precisamente a confluência de processos nesses diferentes níveis que confere à dinâmica identitária sua importância.

Partindo das observações das obras do *corpus*, verificamos que as identidades dos atores principais da narrativa têm base na rede de relações que se estabelecem entre os sujeitos nos mais diferentes espaços e valores trazidos dentro deles. Há inclusive, dentro dessa cadeia relacional, a criação de um modelo de herói mitológico na figura do matador de aluguel, Máiquel, apesar de todos os valores éticos apresentarem-se em declínio nas suas atitudes, os seus feitos são vistos como benéficos a determinado grupo.

Grande parte da teorização clássica sobre identidade social envolve processos intrapsíquicos (SOUZA, 2000), e muitas pesquisas e teorias atestam a importância dos processos interpessoais e culturais no mundo: gênese da autoconcepção pessoal das pessoas (SWANN; BOSSON, 2008).

Assim, processos intrapsíquicos, interação social e processos socioculturais mais amplos estão todos envolvidos na construção e manutenção da identidade, e concentrar-se em qualquer desses níveis isoladamente leva a uma visão reducionista e empobrecida do que importa sobre a identidade.

Os pesquisadores geralmente concordam que o conteúdo da identidade é amplo e multifacetado, estendendo-se muito além dos limites do corpo físico de um indivíduo. Uma declaração inicial dessa posição foi a definição de William James (1892) do que ele chamou de "eu":

Em seu sentido mais amplo possível, [...] o Eu de um homem é a soma total de tudo que ele PODE chamar de seu, não apenas seu corpo e seus poderes psíquicos, mas suas roupas e sua casa, sua esposa e filhos, seus antepassados e amigos, sua reputação e obras, suas terras e cavalos e iate e conta bancária. Todas essas coisas lhe dão as mesmas emoções. Se eles crescerem e prosperarem, ele se sentirá triunfante; se eles diminuem e morrem, ele se sente rejeitado - não necessariamente no mesmo grau para cada coisa, mas da mesma maneira para todos” (JAMES, 1892, p. 177, itálicos no original).

O processo psicológico descrito aqui pode agora ser denominado identificação. Muitas pesquisas agora exploraram como as pessoas identificam seus 'eus' não apenas com suas características físicas e psicológicas individuais, mas também com outros significativos, grupos ou categorias sociais, objetos materiais e lugares - resultando no conceito de um eu extenso (DUBAR, 1997).

A pesquisa de Belk (1988) que ilustra como as pessoas podem se identificar com outras pessoas, grupos ou categorias sociais, objetos materiais e lugares significativos. Isso não pretende ser uma lista exaustiva, nem um sistema categórico, mas sim para ilustrar a amplitude do que pode ser considerado como conteúdo de identidade.

Para estabelecer um paralelo entre a pesquisa realizada por Belk e nossa pesquisa, percebemos que as identidades de marginais presentes nas obras, tanto em Anísio quanto em Máique, identificam-se com os sujeitos da classe hegemônica, apesar de serem pertencentes ao grupo marginalizado socialmente. Na base, há um desejo de pertencer ao grupo dos que são modelo na sociedade capitalista contemporânea.

Essas condições supracitadas corroboram com o que se julga ser identidade na sociedade moderna. A identidade é confundida ou formada através do estilo de cada um, logo, você é a roupa que veste, os lugares que frequenta, os amigos que o rodeia, os alimentos que consome, o bairro em que mora.

Todos esses aspectos podem ser considerados como atributos de um self estendido, na medida em que se estendem para além do corpo físico e das características psicológicas do indivíduo (BELK, 1988).

Sobre esse aspecto, o que lhes dá importância psicológica é que as pessoas se identifiquem com elas pessoalmente, experimentando-os como "parte do eu" ou parte de suas respostas à pergunta "Quem é você?". Assim, longe de ser separado da identidade pessoal, é precisamente porque estão intimamente associados — ou mesmo cognitivamente intercambiáveis — ao senso de identidade pessoal que tais aspectos do "eu ampliado" importam tão grandemente.

Partindo dessa condição do “eu ampliado” e da ideia de que outras pessoas significativas possam ser experimentadas como “parte do eu” foi amplamente investigada por Aron e seus colegas. Aron, Aron, Tudor e Nelson (1991) relataram uma série de experimentos mostrando que outros próximos eram tratados como intercambiáveis com o *self*, quando alocavam recursos e em tarefas de memória e tempo de reação.

Além disso, a extensão da “auto outra sobreposição” nos relacionamentos amorosos estava fortemente associada aos sentimentos de proximidade e amor, e previa a manutenção do relacionamento após três meses (KIM, 2007). Uma medida pictórica de sobreposição de auto outro — a inclusão de outros na escala do *self* (chamado de IOS) (ARON; ARON; SMOLLAN, 1992) — é agora amplamente usada na pesquisa de relacionamentos pessoais.

Enquanto a perspectiva do IOS foca em relacionamentos específicos, outra linha de pesquisa examinou as diferenças individuais na tendência de ver os relacionamentos próximos em geral como importantes e auto definitivos.

Cross, Bacon e Morris (2000) desenvolveram o *Self-Construal Relacional-Interdependente* como uma escala para medir essas tendências, incluindo itens como “Meus relacionamentos íntimos são uma reflexão importante de quem eu sou” e “No geral, meus relacionamentos íntimos têm muito pouco a ver com o que sinto por mim mesmo” (pontuação invertida), ou seja, são buscadas as identidades que são julgadas mais próximas ao que os sujeitos julgam ser as suas.

As pontuações nesta escala foram apenas modestamente correlacionadas com uma medida do parceiro de relacionamento IOS, mas previram a medida em que os indivíduos levaram em conta os outros quando tomavam uma decisão significativa na vida, bem como o grau em que os participantes foram percebidos como responsivos em uma interação diádica (CROSS, 2000).

Consideramos importante relacionar essa construção a partir do outro com narrativas em estudo. Observa-se que Máiquel tenta construir o seu ser pela identidade de Cleidir, preterindo Érica num primeiro momento. Dessa mesma maneira, também Anísio constrói sua nova identidade à imagem de Marina.

Além disso, os maiores pontuadores tinham representações cognitivas mais detalhadas de relacionamentos próximos e melhor memória para informações relacionais (CROSS; MORRIS; GORE, 2002).

A ideia de que grupos ou categorias sociais formam uma parte importante da identidade tem sido extensivamente pesquisada dentro da tradição da identidade social (SPEARS, 2011). Embora nem sempre seja retratado dessa forma, uma premissa central da

teoria da identidade social é que, em certos aspectos, os processos de identidade de grupo operam de maneira semelhante aos processos de auto avaliação individual: assim como os indivíduos se esforçam para se ver de forma positiva, ou melhor do que os outros sobre as dimensões com as quais se importam, eles também se esforçam para ver os grupos com os quais se identificam como positivamente diferenciados dos grupos externos relevantes nas dimensões de comparação (NASCIMENTO; SOUZA, 2017). Dessa feita, observamos o olhar positivo revelado por MáiqueL acerca do grupo de dr. Carvalho, não compreendendo de imediato o que sua identidade representa para tais homens.

Uma grande quantidade de pesquisas suporta essa previsão. Assim como as pessoas defendem suas identidades contra ameaças à autoestima ou à auto integridade pessoal (COHEN, 2006), elas se engajam em uma ampla gama de estratégias de manutenção da identidade social que podem ajudar a restabelecer a distinção positiva do grupo.

Como foi o caso das relações pessoais, os indivíduos diferem na medida em que se identificam com os grupos a que pertencem. Numerosas medidas de identificação social foram desenvolvidas, capturando várias maneiras pelas quais um indivíduo pode se sentir mais ou menos conectado ao seu grupo (MCLAUGHLIN-VOLPE, 2004).

Pesquisadores tentaram distinguir as facetas da identificação do grupo: auto categorização, comprometimento do grupo e autoestima do grupo, importância, comprometimento, superioridade e deferência (EIDELSON, 2008), identificação e (des) identificação, ou auto definição em nível de grupo (compreendendo auto estereótipos e homogeneidade em grupo) e autoinvestimento (LEACH et al., 2008).

Apesar de ainda não existir consenso sobre qual destes modelos dimensionais, se houver algum, deve ser preferido, assim como observações de que o quadro é ainda mais complicado pela falta de clareza sobre os limites conceituais da "identificação", julgamos pertinente apresentar as teorias correlatas. Dessa maneira, algumas facetas teorizadas, como a autoestima coletiva e a homogeneidade em grupo, podem ser conceitualizadas melhor como correlatos de identificação, em vez de componentes dela (GRUSZYNSKI; FIALHO, 2017).

Por outro lado, dimensões que potencialmente se encaixam muito melhor dentro da esfera conceitual de identificação são frequentemente tratadas como construções separadas.

Por exemplo, o conceito de fusão de identidade — envolvendo um sentimento visceral de "unidade" com o grupo, e às vezes medido com uma medida pictórica adaptada da escala do IOS — está conceitualmente no coração do construto de identificação definido aqui, mas foram representados na pesquisa empírica como um constructo separado (SWANN et al., 2012).

No entanto, vale ressaltar que, diante das contradições em grande escala relativas à economia, ética e moral presentes na sociedade contemporânea, o desequilíbrio entre identidade social e coletiva vem aumentando. Tal resultado, é um sujeito fragmentado.

Além de focar diferentes tipos de conteúdo, as tradições teóricas na literatura de identidade enfocam diferentes tipos de processos de construção de identidade e, assim, localizam a identidade conceitualmente em diferentes níveis de explicação (SILVA, 2000).

Perspectivas teóricas em psicologia social e de personalidade enfatizam diferentemente os processos psicológicos de uma pessoa individual, processos relacionais que ocorrem entre indivíduos, processos grupais e intergrupais, ou processos socioculturais e históricos mais amplos. Assim, os pesquisadores podem definir a identidade como "pessoal" ou "social" de acordo com os processos que consideram mais importantes na construção da identidade (SWANN et al., 2012).

Diante da matéria prima de nossa dissertação, nas narrativas ficcionais de *O Matador* (1995) e *O Invasor* (2002), Máiquel e Anísio são construídos como sujeitos socialmente interpretados pelo olhar de quem está de fora, o primeiro figurando entre marginal e herói. Através do viés pessoal são assumidas identidades que se distanciam bastante, apesar das suas origens sociais oriundas da periferia da cidade.

Sendo assim, concentrar-se em processos que ocorrem em qualquer nível isoladamente dará apenas uma explicação muito parcial - e potencialmente reducionista - de como as identidades são construídas, mantidas e transformadas ao longo do tempo. Se alguém vê a pessoa como um ator social incorporado, que não apenas habita, mas também contribui para moldar seu ambiente físico, social e cultural mais amplo (YAMAGISHI, 2010), então uma explicação adequada da construção da identidade deve considerar a interação pessoal, processos interpessoais, grupais e culturais, passando por escalas de tempo de desenvolvimento individual e mudança histórica.

Isso requer conectar os *insights* fornecidos por diversas perspectivas teóricas (SALDANHA, et al., 2016). A construção da identidade começa com um contexto sociocultural e histórico particular. Nesse contexto, a construção da identidade envolve a negociação de quem você é através de interações sociais com outras pessoas importantes.

Essas dinâmicas relacionais são complementadas por processos intrapsíquicos, focados em torno da satisfação dos principais motivos da identidade. A comparação social e os processos de auto categorização localizam o indivíduo em posições de identidade particulares, que podem variar em resposta a diferentes contextos e ao longo do tempo.

Juntos, esses vários processos e dinâmicas ajudam a explicar por que as identidades tendem à estabilidade, mas também como elas podem mudar.

Estudar identidades, os processos de sua formação e as formas pelas quais ambos são moldados e ajudam a moldar contextos sociais e culturais mais amplos é uma preocupação fundamental em muitas disciplinas das artes, humanidades e ciências sociais. Esses campos de investigação acadêmica estão voltados principalmente para os seres humanos, seus pensamentos e crenças, as formas pelas quais eles interagem uns com os outros e as estruturas e sistemas dentro dos quais essas interações ocorrem.

As identidades estão intrinsecamente ligadas a cada uma dessas preocupações. Como Mennell (1994) apontou, as identidades são multifacetadas e em camadas. Eles variam do intimamente pessoal e único ao amplamente coletivo e vinculativo. As identidades são uma maneira de dar sentido a quem somos e, como tal, podem ser o resultado de um processo muito individual de reflexão e escolha e uma expressão fortalecedora de crenças, gostos e valores.

Observamos que as personagens em pauta buscam dar esse sentido de “quem são” através de suas composições pessoais, escolhas pessoais que são usadas como reafirmações sociais. Para corroborar tal assertiva, destacamos um exemplo significativo relacionado a Máiquele, que busca compor o estereótipo de marginal através dos seguintes aparatos: “Calça preta, blusa preta, cinto preto. Cruzei os braços diante do espelho, eu me sentia bem com aquela roupa”. (MELO, 1995, p.94).

No entanto, as identidades também são socialmente construídas e determinadas por contextos sociais, culturais, políticos e econômicos mais amplos. Elas podem ser reinterpretadas ou mesmo impostas a certos grupos ou indivíduos por outros, frequentemente como resultado de desigualdades de poder e autoridade.

Tal influência pode ser metaforizada por espécie de “efeito manada”, pela qual a partir desse pressuposto, pensamentos diferentes são reprimidos, a fim de obter aceitação dentro de determinado grupo, como no caso de eleições para escolha de governantes.

Nesse caso, as identidades podem ser divisivas e repressivas, ou mesmo rebeldes e subversivas. Recorremos ao estudo de Elias e Scotson (1965) para que possamos vislumbrar tal condição identitária. Elias e Scotson (1965) discorrem sobre as relações estabelecidas entre os residentes da "aldeia" e a "propriedade" numa comunidade da classe trabalhadora nas Midlands inglesas fornece um exemplo claro das complexidades de identidade e desigualdade e sua relevância para o estabelecimento e manutenção de relações desiguais de poder e autoridade.

Neste estudo, o poder de representação e os valores normativos produzidos pelos discursos dominantes sobre o *self* e o outro vêm à tona: os 'aldeões' são capazes de definir sua própria identidade coletiva, usando 'louvores fofoqueiros' baseados em uma minoria do melhor, enquanto a identidade coletiva dos residentes da "propriedade" é em grande parte definida para eles, usando "focacas de culpa" com base em uma minoria dos piores.

A marginalidade dos membros da "propriedade" e sua falta de poder para desafiar essas definições é agravada por sua ausência de posições-chave em associações comunitárias, sua falta de uma rede de comunicação estreita e eficaz e talvez mais significativamente pelo fato de que

Sua própria consciência estava do lado dos detratores. Eles mesmos concordaram com as pessoas da "vila" de que era ruim não ser capaz de controlar os filhos ou ficar bêbado e barulhento e violento. Mesmo que nenhuma dessas reprovações pudesse ser aplicada a si mesmas pessoalmente, elas sabiam muito bem que elas se aplicavam a alguns de seus vizinhos. Eles poderiam ser envergonhados por uma alusão a este mau comportamento de seus vizinhos porquê ... o mau nome ligado a ele ... foi automaticamente aplicado a eles também. (ELIAS; SCOTSON, 1965, p. 202-2).

No entanto, a impotência dos grupos marginalizados, conforme representada neste estudo, não deve ser super enfatizada. Estudos mais recentes, bem como desenvolvimentos sociais e políticos contemporâneos, mostraram que o controle dos grupos dominantes sobre o poder de definir e sua capacidade de subordinar identidades, valores e percepções alternativas das realidades passadas ou presentes não é ilimitado. De fato, as pessoas marginalizadas frequentemente usam identidades, tanto individual quanto coletivamente, como um meio de desafiar suposições normativas e valores prescritivos.

Assim, por exemplo, na grande São Paulo, uma cidade populosa, umas das maiores metrópoles do mundo, existem duas realidades diferentes, há partes em que se tem luxo, conforto e maior segurança; do outro lado, há periferias onde o jovem acha-se cercado por uma violência desumana, tendo sua identidade construída dentro de padrões violentos. Identidade essa que forma o caráter e a personalidade desse jovem, tornando-o possivelmente mais um marginalizado na sociedade (NEVES, 2016).

Para Almeida (2011), conflitos diários em áreas afastadas, a violência doméstica, o tráfico que ronda as ruas, fazem com que o jovem cresça acreditando que essa realidade é consideravelmente normal. Muitas vezes, aprende que o tráfico é um meio de ganhar dinheiro fácil então não se preocupa com as consequências desse ato, pois em sua identidade traços marginalizados já estão formados e normalizados.

A desigualdade social também desempenha grande papel dentro dessa marginalização, por mais que haja um discurso proferindo que as oportunidades são iguais para todos, a realidade se mostra um pouco diferente. Objetivamente e racionalmente, podemos observar que frequentemente o jovem da periferia não tem tempo de estudar, o ensino formal público oferecido diferencia-se muitas vezes do oferecido pela rede privada (apesar de haver um currículo nacional de base), as horas que frequentam a escola são muitas vezes menores que as da rede particular, além disso precisa auxiliar com dinheiro na renda de casa, como resultado de todos esses fatores muitos abandonam a escola antes mesmo de chegarem ao ensino médio. Jovens da periferia são hostilizados e discriminados diariamente, muitos preferem o “caminho fácil” que a violência proporciona e assim o círculo vicioso de marginalização se forma (NEVES, 2016).

Quando há violência significativa em uma comunidade, há fortes incentivos para mecanismos de autodefesa. Esse é particularmente o caso, se a violência for considerada uma ferramenta legítima para resolver conflitos e somado a este fato, se o Estado não puder garantir a segurança das pessoas. Nesse cenário, a reputação e a construção de determinada identidade frente à sociedade, pode ser usada como um escudo contra ameaças e a violência pode ser usada para apoiar e manter uma reputação ou status social.

De acordo com Almeida (2011), confrontos mesquinhos, conflitos e disputas, se vistos como reputações ameaçadoras, podem se tornar uma questão de vida ou morte. Quando a segurança pessoal depende de sua imagem pessoal ou reputação social, há muita sensibilidade envolvida e a quaisquer ameaças são vistas como desafios à sua reputação.

Responder a essas ameaças pode resultar em um ciclo de retribuições: retaliações e vingança. Na pesquisa de Fernandes e Neves (2010) os valores e normas referentes à violência foram explorados por meio de situações apresentadas aos respondentes. As situações envolviam valores sobre autodefesa, honra, ciúme, resposta a insultos, disputas sobre parceiros etc. A maioria dos entrevistados concorda que a violência pode ser usada para autodefesa e que uma pessoa tem o direito de matar para se defender (inclua-se a família), mas apenas um terço aprova a morte para defender a propriedade.

No estudo das obras selecionadas para a nossa pesquisa, percebemos que, em *O Matador* (1995), o jovem morador da periferia paulista comete assassinato para defender sua “honra”, em resposta ao que considerou ser um insulto à sua pessoa. A partir dos desdobramentos que ocorreram a este fato, ele começou a construir a sua identidade social e sua reputação dentro da comunidade.



Essas questões não se restringem ao Brasil ou a países em desenvolvimento, ainda mais em tempos de globalização. Acerca das observações de Cohen sobre tais questões, nos Estados Unidos, é possível reconhecer que essa aprovação é menos forte nas repostas dos entrevistados por Fernandes e Neves do que nas dos entrevistados nos Estados Unidos. Estudos realizados para identificar as raízes das diferenças na violência entre os estados do Sul e outros estados dentro dos Estados Unidos apontaram para uma maior aceitação do uso da violência em autodefesa nos estados do Sul (COHEN; NISBETT, 1994).

Os resultados da pesquisa brasileira de Fernandes e Neves (2010) apontam para uma menor aceitação da violência — mesmo que usada para autodefesa — do que a das pesquisas nos EUA, independentemente de os dados se referirem ao Sul ou a outros estados fora do Sul (COHEN; NISBETT, 1994). O uso da violência para resolver disputas entre homens sobre uma mulher ou entre mulheres sobre um homem é rejeitado pela maioria, assim como a posse de armas por segurança. Ainda é válido ressaltar que esta rejeição é menos forte entre o grupo mais jovem, especialmente em referência à posse de armas.

Um terço dos jovens entrevistados acredita que ter uma arma na casa aumenta a segurança e quase um quarto acredita que carregar uma arma aumenta a segurança de uma pessoa. Além disso, entre um terço e um quarto dos entrevistados mais jovens aceitam que a violência pode ser usada em resposta ao que é percebido como traição por um parceiro, punindo fisicamente o parceiro ou o terceiro envolvido. Tais crenças podem torná-los mais vulneráveis ao envolvimento em conflitos que resultam em violência (FERNANDES; NEVES, 2010).

O conceito de que a violência para a autodefesa é legítima foi reafirmado pelas repostas dos entrevistados a outras perguntas sobre se o recurso à violência era justo ou injusto. Essas repostas reiteram a aceitação da violência usada para autodefesa e, para algumas faixas etárias, para defender sua propriedade. Parece que certas formas de violência, enraizadas na necessidade de “manter a cara”, são consideradas por algumas pessoas (mais de um terço dos entrevistados) legítimas (NEVES, 2016).

Mais importante, os jovens parecem acreditar mais nessa legitimidade do que os mais velhos. Isso, juntamente com sua maior tendência a acreditar na eficácia de possuir armas e sua maior exposição a situações de risco, poderia ser um elemento-chave em sua maior vulnerabilidade.

Um estudo de Fagan (1998) sobre o contexto de homicídios de jovens em Nova York mostrou que a necessidade de manter *status* e reputação era o motivo por trás de muitos homicídios. O homicídio está associado a incidentes considerados como insultos (ou

desrespeitosos ou ameaçadores) à masculinidade do perpetrador (como a competição por meninas) ou à violência preventiva (“levando-o antes que ele me pegue”), competição por poder ou influência no território, ou retribuição por humilhação ou violência anterior. A reação da comunidade, em particular dos espectadores, é fundamental para o resultado dos incidentes que levam a tais conflitos.

Espectadores ou as comunidades podem desencorajar ou encorajar um resultado fatal. O que Fagan observou é que, nas comunidades onde há violência significativa, há também a tendência de os espectadores incentivarem disputas. Quando drogas e álcool estão presentes, a linguagem se torna mais provocativa, a raiva é exagerada e há uma maior sensibilidade ao encorajamento do grupo.

Observamos tal *constructo* dentro da narrativa ficcional de *O Matador* (1995), em que Patrícia Melo consegue captar tais fatos do mundo real e aproveitá-los para construir sua comunidade fictícia. Vejamos:

Havia uma festa para mim. Gonzaga ofereceu cerveja de graça, Manuel do açougue trouxe uma picanha, vamos fatiar, vamos fritar, vamos assar. Parabéns, parabéns, era só o que eles diziam. Robinson e Marcão ficaram com cara de quem viu fantasma até o álcool fazer efeito. Quando o programa de ocorrências policiais entrou no ar, Gonzaga aumentou o som: Menos bandido na rua. Estuprador de Santo Amaro é morto a pauladas! É isso aí, Máiquel, parabéns, bandido tem é que se ferrar! Eles estavam felizes, faziam fila para me cumprimentar e aquilo não me parecia filme de faroeste. Um rapaz contou que estava passando pela rua quando eu matei Ezequiel, vi tudo, vou contar como foi. As pessoas gostaram da parte em que eu martelei a cabeça e furei os olhos de Ezequiel. As mães adoraram e eu achei normal que elas adorassem. Os presentes foram melhores do que quando matei Suel, binóculos, cinco quilos de arroz, uma peça de alcatra, baralho, óculos de sol, camisetas, muita bobagem também. (MELO, 1995, p. 54-55)

Dessarte, também é relevante abordar que tais situações fogem, às vezes, da lógica e da coerência avaliativa pessoal do sujeito, em *O Matador* (1995), Máiquel insta sobre essa reação da comunidade.

Depois que matei Suel, muita coisa mudou na minha vida. Eu ia pela margem, pelo escuro, eu andava na contramão e tudo bem margens e contramão. Eu fazia tudo errado, ninguém via, e se via não ligava e se ligava, esquecia, porque a vida é assim, já foi dito que tudo acaba assim, no esgoto do esquecimento. (MELO, 1995, p.25)

No Brasil, devemos ter em mente que o comportamento ou o imaginário popular acerca do policial é um elemento-chave que pode auxiliar no incentivo à violência. Percebe-se que muitos policiais fornecem um modelo extremamente negativo para as comunidades seja porque usam força excessiva e/ou estão envolvidas em atividades criminosas.

Esse comportamento reforça a falta de confiança na polícia e reforça a ideia de que a polícia traz uma imagem de pouca ou nenhuma credibilidade para ajudar a resolver conflitos de modo pacífico. Somado a isso, há inclusive a crença da falta de eficiência desses representantes na resolução de casos. O resultado dessas situações é a pouca confiança das pessoas nas forças policiais. Os sujeitos que se sentem ameaçados ou que foram vítimas de crimes violentos são encorajados a resolver os problemas por seus próprios meios.

Tanto em *O Matador* (1995) quanto em *O Invasor* (2002) aparecem tais peculiaridades sobre as discrepâncias do papel exercido pela polícia. Em Máiquel, personagem de *O Matador* (1995), encontram-se questionamentos sobre a função da polícia de maneira velada em seu discurso: “Foi uma bobagem não ter fugido na noite anterior, por que a polícia não me prendeu? A função da polícia não é prender assassinos?” (MELO, 1995, p. 23). Em *O Invasor* (2002) será o desfecho surpreendente que nos fornece implicitamente essa questão.

É no âmbito da dinâmica pela qual as identidades são construídas — relacionais, coletivas, psicossociais entre outras — que nos propomos a analisar as personagens principais das narrativas ficcionais do corpus da pesquisa — *O Matador* (1995) e *O Invasor* (2002) —, para que possamos abordar inclusive o viés de heroicidade pelo qual as personagens podem ser estudadas.

No entanto, antes de dar prosseguimento à análise das personagens principais, consideramos relevante abordar algumas considerações sobre o espaço geoliterário em que essas identidades se encontram inseridas, tendo em vista que identidade e espaço se relacionam mutuamente.

### 3 A CIDADE E AS CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS: DIGITAIS DA VIOLÊNCIA

A cidade e suas dinâmicas apresentam-se frequentemente retratadas na literatura. Nessas representações, a cidade configurou-se como palco de grandes feitos de heróis épicos, assim como espaço de sociabilidade de nobres e burgueses, de rotinas de grupos familiares e como local de idílio para amantes apaixonados, por exemplo. Entretanto, aqueles que representavam a força de trabalho, produziam riqueza para seus senhores/patrões e vivenciavam uma identidade coletiva, de um modo geral, não figuravam com certo destaque, uma vez que suas histórias existenciais possivelmente não eram consideradas relevantes para que ocupassem um primeiro plano da narrativa literária que versava sobre o espaço urbano.

Posteriormente, quando as representações literárias se voltaram para as personagens marginais da cidade, estas costumavam aparecer ligadas à violência urbana, principalmente em meados do século XX.

Considerando a existência de uma relação direta entre o espaço e a constituição das personagens, através de uma pressão exercida pelo ambiente sobre os corpos representados, verificamos, também, que as relações concebidas, a partir desta influência espaço-geográfica-social, podem ser engendradas pelo olhar ou pela interação da personagem com o mundo e com as demais existências presentes nesse meio.

Ao examinar essas reflexões sob o viés das representações construídas na relação personagem-espaço, consideramos uma possível intencionalidade no processo de criação da obra literária que busca erigir uma visão de verdade sobre o mundo representado. Essas representações de verdades construídas pelo autor acerca das personagens se dão através da validação do leitor sobre as características dos seres representados, quando reafirmam interesses, emoções, escolhas comportamentos, linguagem, preconceitos, visões preestabelecidas na apresentação corporal materializada dessas personagens.

Dentro da perspectiva da construção de personagens como representativas de determinado espaço, compreendemos que é possível, na leitura de uma obra, perceber nela o perfil escolhido pelo autor, de acordo com o espaço de pertencimento da personagem.

Assim, seria como se existisse uma espécie de conduta acordante entre corpos e demandas locais. Nesse sentido, recorreremos à Eric Schollhammer (2000) para esclarecer a interação entre a cidade e as personagens, ressaltando que “há uma subjetividade das personagens que parece absorver a cidade, confundindo seus próprios corpos, não separando a experiência sensível da realidade factível”. (SCHOLLHAMMER, 2000, p.243)

No que diz respeito à representação da cidade e respectivas personagens, é interessante refletir quais condições esta abarca, como, por exemplo, a de ser local de desigualdades sociais e ordenações hierárquicas, responsáveis pela configuração de uma cidade fragmentada. Nessa esteira de pensamento, ressaltamos a dificuldade de convivência em total harmonia no interior desses espaços e dessa forma, surgem os mais variados tipos de violência. Embora perigos contra uma desejada ordem nas cidades sempre tenham existido desde os primórdios das comunidades humanas, a desejada ordem social passou a ser ainda mais ameaçada com a formação de grupos e comunidades construídos às margens dos centros econômicos e insatisfeitos com as relações impostas pelos que controlavam os espaços em que eles se inseriam, assim como os que viam nessa classe uma ameaça ou uma afronta ao espaço que julgavam serem seu.

Se por um lado, os conflitos sociais vivenciados nas cidades sempre forneceram matéria prima que alimentaram narrativas literárias, enriqueceram enredos e atraíram o público através de representações de grandes feitos realizados por personagens grandiosos (geralmente masculinos) ligados à defesa ou à conquista de espaços com os quais se identificavam como parte integrante.

Esses embates sociais respondiam ainda pelas representações de espaços urbanos através de uma estética voltada para a exaltação de uma beleza desses conflitos e por uma escrita que buscava reafirmar, ideologicamente, a necessidade de enfrentamento de tais embates como forma de garantia do bem-estar geral e da manutenção da ordem.

Com o passar dos tempos, — em decorrência da queda de certos regimes sociais e de anseios e tentativas de construção de uma sociedade democrática com igualdade e liberdade de direitos —, uma nova realidade se apresentou e desafiou a estrutura do romance tradicional. Assim, foi necessária uma escrita mais diversificada por parte dos autores diante de uma grande realidade ou não, até então, pouco representada. Será, pois, nessa representação que iremos nos concentrar. Tendo em vista que, a partir dessa representação, o espaço da cidade — não mais visto como idealizado — foi compreendido como ponto de partida para a criação de novas expressões literárias, calcadas em novos caminhantes e modos de caminhar, bem como por certos questionamentos de ordem social e valores. Assim,

Para os romancistas que se viam diante de cidades em processo de auto-organização, o problema era grave porque a forma do romance havia se especializado em apresentar a multiplicidade dos destinos individuais ou a vida das famílias interligadas. Como escreveu Raymond Williams, os romances tradicionais eram “comunidades cognoscíveis”: narravam histórias de namoros e casamentos,

acompanhando de perto as vicissitudes de uma dúzia de personagens que se conheciam entre si. (MORETI, 2009, p. 867)

Nesse sentido, a proposta do capítulo não é realizar um estudo sobre as cidades, mas, sobretudo, investigar os olhares que a contemporaneidade lança sobre ela enquanto espaço marginalizado e sobre uma nova realidade que emergiu em decorrência de mudanças sociais – conflitos diversos, novas concepções de tempo e do próprio indivíduo — que ocorreram, principalmente, devido ao acentuado e acelerado aumento demográfico no tecido urbano. Estas mudanças sociais acarretaram estruturas amplamente transformadas. Diante de tais transformações sócio demográficas e espaciais, o interesse de muitos escritores voltou-se para as representações do caos urbano, da digital da crescente violência, do abuso de poder e do descaso de regentes sociais.

Assim, literariamente as cidades, que antes foram representadas de modo pacífico como pano de fundo para conflitos pontuais e que, no geral, tematizavam dramas amorosos de personagens em altas e médias posições na hierarquia social, encarnam uma multiplicidade de conflitos na contemporaneidade.

As complexas questões vivenciadas nas cidades não puderam mais ser ignoradas na contemporaneidade, uma vez que elas se mostravam através de repressão, luta, censura e violência. Diante de tal estrutura, o contexto literário se vê motivado pela representação e observação de novos pontos de vista, a saber: menos focado no universo pessoal do literato e mais próximo aos problemas que se apresentam na sociedade, como por exemplo, de abarcar novas formas de vivências e sociabilidades daqueles que se localizam às margens da sociedade e que estão presentes (embora considerados muitas vezes invisíveis por determinado grupo) nas franjas do tecido urbano.

Diante do exposto, sublinha-se que a personagem cidade foi sendo construída ao longo dos tempos e, como observou MORETI (2009), em decorrência da necessidade de representação de novos modos de vida que a ela foram atrelados. Assim, como os expedientes narrativos da comunidade cognoscível eram inadequados para a escala multifacetada das cidades do século XX, incapazes de fazer justiça à complexidade da interação entre os indivíduos e suas demandas, se fez necessário um novo modo de representação literária das cidades, dentro de suas dinâmicas de violência cotidiana e superpopulação.

### 3.1 A digital da violência na cidade de São Paulo em *O Matador* e *O Invasor*

A cidade de São Paulo apresentada nas narrativas ficcionais de *O Matador* (1995) de Patrícia Melo e *O Invasor* (2002) de Marçal Aquino é representada, entre outras características que dela poderíamos depreender, pela digital da violência e pelas diferentes modalidades pelas quais a violência se manifesta no espaço urbano ficcional.

Cabe esclarecer que, entre essas modalidades, destacamos a violência criminal, que se verifica inclusive com o objetivo de obtenção de lucros, disputas sem limites, valorização do poder, tráfico de drogas, práticas delituosas e violentas. Um outro braço dessa modalidade de violência criminal encontra-se nas elites econômicas e políticas, como: crimes de corrupção, assalto ao patrimônio público, “os quais, mesmo não importando diretamente em agressões físicas, se realizam sob a forma espetacular de uma intensa violência simbólica, porque, impunes, difundem na população um sentimento de impotência e de descrédito nas instituições e até na própria viabilidade da vida coletiva” (SCHOLLAMMER, 2000, p.40).

Existe ainda uma terceira modalidade que diz respeito à violência observada nos enredos das obras estudadas, voltada para o que ocorre no espaço da casa contra mulheres, envolvendo relações abusivas e violências de cunho étnico-raciais, tão bem representadas nas relações vividas pelas personagens Cleidir, Érica, Cecília, vítimas de estupro, traições e objetificação de seus corpos.

Através das modalidades da violência, buscamos pontuar elementos da identidade assumida pela cidade, a saber: um espaço conflagrado por conflitos humanos múltiplos e a violência com que os sujeitos tentam solucioná-los. Ou seja, tenta-se combater a violência com o emprego da violência. A violência é dessa forma vista, quase que exclusivamente, como a única opção capaz de resolver as frustrações existentes nos diversos espaços, extrapolando os cinturões periféricos da cidade e atingindo as diversas esferas da sociedade. Levando-se em consideração a prática da violência como solução de conflitos tanto em *O Matador* como em *O Invasor*, observamos um recorrente mal-estar, em particular entre personagens pertencentes aos espaços polarizados da cidade: centro e periferia.

Dando prosseguimento à representação ficcional da cidade, observamos que, em *O Matador* e *O Invasor*, há uma ressignificação de São Paulo, já que os autores buscam narrar uma dimensão urbana que muitas vezes é camuflada: a da violência.

Outro aspecto que nos chamou a atenção na representação da cidade por ambos os autores se refere a uma nova roupagem para o crime, uma vez que as narrativas mostram

sujeitos pouco prováveis de envolvimento com o mundo do crime. Apesar de não executarem o crime de maneira direta, patrocinam, investem e propagam-no, mostrando-se tão cruéis quanto os que realizam o serviço final.

Enfim, tais narrativas lançam uma possível leitura crítica e uma reflexão polêmica e incômoda através da exposição das mazelas sociais e hipocrisias pessoais; frutos de relações que se dão por meio da necessidade de sobrevivência no cenário urbano em que se encontram e sentimentos líquidos entre as suas personagens, uma vez que para elas tudo é efêmero. Diante de tal condição, não há mais garantias de que alguém que, em um determinado momento está ao lado de alguém, ali permanecerá. São geradas, assim, constantes desconfianças e ameaças.

Intensifica-se desse modo uma cultura do individualismo, em que cada um defende seus interesses; conseqüentemente, a defesa dos direitos pessoais precisa ser mantida a qualquer custo. Verifica-se que a questão da violência é muito mais profunda, ela chega a quase estruturar o cenário urbano contemporâneo; encontra-se enraizada, naturalizada, difundida. Por mais hedionda que seja, há uma quase ausência de espanto entre as pessoas. Dá-se origem a uma cultura do medo e não se pode ignorar que existe um impacto de tal situação, sentido de modo mais intenso pelos sujeitos que fazem parte da população marginalizada.

É possível observar como são vivenciados de modo diverso o espaço social dessa cidade — elite e marginalizados —, tendo em vista que a camada desprovida economicamente sofre o impacto direto da violência do descaso e da corrupção dos regentes sociais. Uma das causas é estar alocada em bairros distantes dos centros econômicos, desprovidos de infraestrutura, segurança, saúde e educação adequados, o que faz com que os habitantes levem horas para chegar em seus postos de trabalho, a esse panorama hostil, acrescenta-se a própria violência imposta por grupos de poder paralelo dentro de suas comunidades. Destaca-se, ainda, que existem dificuldades dentro e fora do local de convivência, uma vez que sofrem a violência do preconceito, quando presentes em ambientes diversos dos seus.

Assim, nessa São Paulo contrastante, “as experiências de vida são tão diferentes que não dá para saber o que os moradores dos dois lados poderiam conversar, caso se encontrassem para um bate papo” (BAUMAN, 1998, p.95)

Um outro fator da dinâmica de violência cidadina exposta nas narrativas é a condição de quase impossibilidade de fugir, principalmente por questões econômicas. Dentro dessa



perspectiva, não devemos nos ater ao fato de tornar-se marginal, mas de se tornar refém de certas ilicitudes encontradas no meio.

Gonzaga, assim que me viu, estendeu a mão molhada, aquela mão objetiva e úmida apertando a minha mão e dizendo que eu poderia pedir o que quisesse, que era por conta da casa, que a partir de agora seria assim, sempre assim, eu merecia, era corajoso, ele dizia, e agora será assim, tudo o que você quiser. Ele estava feliz porque eu tinha matado o Suel. O Suel é um miserável filho da puta, roubou o toca fitas do carro da minha irmã, todo mundo odeia o Suel, eu odeio o Suel, ele disse. Fiquei surpreso, eu só queria um café, a partir de agora, você não paga mais nada. (MELO, 1995, p.20)

Eu te matei, Ezequiel, não foi por maldade, eu até te achava um cara legal, eu te matei porque o mundo é ruim e a maldade do mundo esmaga o coração do homem, foi isso que aconteceu comigo. (MELO, 1995, p.75)

Em *O Matador*, observamos que os sujeitos vivenciam a violência do acordar ao dormir, produto dos meios de comunicação, que também são responsáveis por difundirem a violência e o sentimento de pânico no imaginário coletivo, tendo em vista que há um mercado que se mantém rentável com essa marca que a cidade adquire: empresas de segurança privada, seguradoras, fornecedoras de alarmes, de vigilância por imagens etc.

Moradores incendeiam ônibus. Tráfico adota fuzil mais leves. Comerciante é encontrado morto na porta malas do carro. Ladrões roubam dezesseis carros em clube do Rio de Janeiro. Armas para defesa pessoal em três vezes sem acréscimo. Polícia invade favela e mata dez. Só vi o rosto ensanguentado, diz a mãe. O dia foi bom para a polícia, diz o apresentador. (MELO, 1995, p.92)

Em *O Matador* e *O Invasor*, notam-se traços de criação de uma identidade nacional assentada na construção de um espaço narrativo que apresenta a multiplicidade de relações sociais, culturais e étnicas existentes entre periferia e centro da cidade. Nesse sentido, ambas as obras mostram a pluralidade de identidades nas cidades brasileiras, abalando uma visão hegemônica que privilegia as elites do país. Dessa forma, tanto o texto de Aquino quanto o de Melo evidenciam que a identidade brasileira é, além de plural, periférica e polarizada.

Nessas construções narrativas que apresentam a periferia como parte da identidade do país, o narrador, em sua contemporaneidade, independentemente de se apresentar em primeira ou terceira pessoa, não se posiciona como um ser distanciado do espaço da cidade; há, por vezes, aparência de participação nos acontecimentos que nela se desenrolam. Assim, as reflexões desse narrador possibilitam focalizar contrastes, problemas e tensões urbanos, assumindo um caráter mais especulativo do que o de uma narração de simples apresentação ou descrição externas e/ou distantes dos eventos que se exibem no momento da narrativa.

Delineia-se, assim, na cidade de São Paulo representada nas narrativas de Melo e Aquino, um caráter verossímil, na medida em que o tecido urbano ficcionalizado decalca a violência. São facilmente identificáveis pelos leitores, nesse decalque da violência, tensões sociais e existenciais assim como espaços (ruas e bairros), histórias e lugares.

Por exemplo: Máiquel, protagonista de *O Matador*, apresenta uma história de envolvimento com a violência muito próxima a de dezenas de homens que habitam espaços menos favorecidos da cidade. Corrobora-se, então, a ideia anteriormente apresentada. As exclusões sociais, o acesso à saúde básica e à educação de qualidade podem ser vistos como manifestação da violência nos espaços urbanos, como bem ilustra o desabafo de Máiquel: “É bom contar essas histórias. É um jeito de lembrar que antes de ser um cachorro eu era outra coisa, eu era um homem, eu era bom. Justo. Eu era honesto, puro, eu era uma caçarola que mantinha quente todas as coisas que eles jogavam para eu cozinhar.” (MELO, 1995, p.80)

Vale ressaltar que a verossimilhança aqui defendida é quanto à representação da cidade, tendo em vista que, em *O Invasor*, há uma quebra de expectativa que abala as bases da verossimilhança em vista do enredo. Não pelas personagens escolhidas pelo autor para protagonizarem a narrativa — engenheiros, pais de família e economicamente estáveis e confortáveis dentro desta situação — mas sim pela trajetória delas no desenvolvimento do enredo, uma vez que o matador de aluguel consegue envolvê-los numa trama que culmina com a assunção do marginal na empresa que eles desejavam controlar.

Uma outra aparente fuga da verossimilhança da narrativa de *O Invasor* (2002) pode ser associada ao relacionamento amoroso que Anísio consegue estabelecer com a herdeira, apesar da menina ter envolvimento com drogas, esse pode ser considerado um outro ponto em desacordo com a verossimilhança.

Tomamos de empréstimo as palavras de Regina Dalcastagné (2012), acerca dessa condição supracitada, equiparada a um descompasso com o mundo social, tendo em vista que balança as estruturas do determinismo pelos quais os marginalizados muitas vezes são retratados na literatura. Diz, então, a pesquisadora:

Anísio, o bronco matador de aluguel, acaba namorando a moderninha filha do sócio assassinado e até mesmo assume o seu lugar nos negócios da família, ocupando, sem nenhuma dificuldade, o papel do zeloso e experiente avô da moça. De uma hora para outra, o matador de aluguel torna-se um deles e ninguém mais repara no desacordo de sua presença. Em suma, a invasão se transforma numa ocupação, sem qualquer resistência, e a história muda de rumo, passando a focar no descontrole emocional do narrador. (DALCASTAGNÈ, 2012, p.133)

Na cidade permeada de conflitos de diferentes ordens, apresentam-se personagens que são representadas em vidas marcadas por fragilidades do universo ao qual estão inseridas. Nesse cenário, as obras narram através de um plano amplo e a existência dessas vidas pertencentes ao eixo urbano periférico, mas também com um olhar especial voltado para personagens que vivenciam “o sofrimento” da “classe média que corre o risco de acabar vítima de um processo que não controla e não conhece, e de perder o bem-estar conquistado no decorrer das últimas décadas” (BAUMAN, 2005, p.9).

É interessante abordar que o papel de destaque dos espaços coletivos da cidade somado à utilização destes pelos sujeitos (d)à margem, por Patrícia Melo em *O Matador* e Marçal Aquino em *O Invasor*, vai na contracorrente do imaginário popular sobre a cidade de São Paulo. Assim, um possível efeito de leitura reside em uma desestabilização ou estranhamento quanto à engessada visão coletiva a respeito da cidade de referência, constantemente identificada como uma cidade cosmopolita, envolta no luxo, alto consumo, cultura, gastronomia refinada e grande fluxo de capital:

Mesmo seguindo as indicações de Anísio, demoramos um bocado para encontrar o bar, numa rua estreita e escura da Zona Leste. Um lugar medonho. Estacionei perto do que parecia uma fábrica abandonada, um galpão enorme e cinzento, com paredes pichadas e vitrôs quebrados... então ali estávamos, naquele local sem nenhuma vocação para ser cartão postal. (AQUINO, 2002, p.1)

Pensamos que, para um leitor estrangeiro, por exemplo, o impacto de leitura das obras em questão pode ser um choque, já que a imprensa e meios de comunicação construíram uma imagem positiva da cidade de São Paulo comparada à cidade de Nova Iorque, como podemos verificar em notícias do jornal *Travel Weekly* (15/08/2016) e *BBC* (26/11/2014), por exemplo. Nos periódicos citados, as matérias sobre a cidade de São Paulo estimulavam o turismo, chamando a atenção para seus *skylines*, para a mistura de culturas, para o potencial econômico, para o forte mercado financeiro da cidade, assim como para a sofisticação a ela atribuída.

Contudo, diferente da construção da imagem da cidade de São Paulo veiculada pelas agências de turismo e revistas estrangeiras, *O Matador* e *O Invasor* acendem os holofotes sobre: vidas e vias do submundo paulista, imagens do trânsito caótico e de espaços que nenhum publicitário quer iluminar, por não apresentarem qualquer viabilidade econômica para turismo ou cartão postal. Há comunidades que se assumem como circuito para turismo, mas há um aparato que dá um subentendimento de exotismo (como por exemplo as visitas à Favela da Rocinha no Rio de Janeiro)

É por meio dessa marca digital obtida pelos escritores das obras do *corpus* dessa dissertação que pensamos haver um caminho ácido e escorregadio seguido por Melo (1995) e Aquino (2002) em suas narrativas. Ao promoverem a desmistificação das várias formas de violência — apesar da física ser mais proeminente nas obras —, dão relevo à violência causada pelas discriminações racial e sócio econômica aos sujeitos que não pertencem à “cidade oficial” ou a certas regiões mais prestigiadas da cidade de São Paulo. Nestes espaços, eles vivenciam a antipatia, a desconfiança, o olhar atravessado e o não-acolhimento de um espaço que os rejeita, o que possivelmente acarreta sentimentos de solidão, privações e vergonha pessoal:

O ruído da velha batendo no vidro começou a me deixar inquieto. Evitei olhar para ela e fiquei torcendo pro sinal não demorar. (AQUINO, 2002, p.18)

Fiquei com vontade de pedir licença para ir ao banheiro, mas seu Sílvia colocou a mão no meu braço: eu sou dono da empresa de reciclagem de papelão, Máique. O vigilante da minha empresa foi assassinado a tiros por esses filhos da puta. Sabe quantas vezes fui assaltado neste mês? Seis vezes, você acredita nisso? Depois, esses padrecos que adoram foder com ovelhas vêm falar de Direitos Humanos. Tribunal Internacional de Direitos Humanos. Estão matando as nossas crianças, eles dizem. Eu digo: pensam como homens, agem como homens, as nossas crianças. As nossas crianças são homens. Pobres e pretos. Pragas. (MELO, 1995, p.63)

Apesar de os sujeitos e os espaços oficial e não oficial serem tratados de modo dicotômico, a convivência entre ambos é inevitável, visto que as relações socioeconômicas envolvem a interdependência de sujeitos em posições de poder e subalternidade. Nesse sentido, lembramos que o país apresenta um histórico de relações de trabalho permeado pela oferta de mão de obra barata para o cuidado da casa e dos filhos. Além disso, constata-se a acentuada procura dessa mesma mão de obra para execução de trabalhos não convencionais ou considerados “sujos” moralmente, demanda excepcionalmente desenhada em *O Matador*.

Ao decorrer do tempo histórico, observamos, em ambas as obras do *corpus* da pesquisa, que as relações de subserviência estão mais relacionadas a funções que exigem maior esforço físico, menor esforço intelectual ou trabalho de repetição automática, como as que se dedicam à garantia de patrimônio privado, à limpeza da casa, aos serviços de pedreiro.

São relações baseadas apenas na exploração do serviço e envoltas em desconfianças mútuas, como uma espécie de passaporte aos menos providos economicamente aos espaços da elite e associações diretas / relações com esses sujeitos não devem ser expostas, como se pode observar em *O Invasor*:

Não é isso. É que se você ficar aparecendo aqui na construtora, alguém pode desconfiar de alguma coisa.  
 Desconfiar do quê?  
 Espera aí, Anísio, eu disse. É bom a gente tomar cuidado, não é? Você é estranho aqui na empresa e ...  
 Eu sou amigo de vocês. Nunca prejudiquei nenhum amigo meu. (AQUINO, 2001, p.71)

Uma das conclusões a que podemos chegar sobre a marca digital da violência na cidade de São Paulo, nas obras *O Matador* e *O Invasor*, é que ela está relacionada ao desejo desenfreado dos sujeitos por lucro e consumo e não há consciência sobre os impactos indiretos que esse fato tem sobre a disseminação da violência. Confira-se: “Eles queriam que eu matasse aquele menino? Pernas finas, cara de quem passou fome a vida inteira, doze anos, no máximo, eles queriam que eu matasse um menino de doze anos?” (MELO, 1995, p.85)

Aparentemente, há uma ideia de que todos querem participar de um modelo de vida de ostentação e consumo, não havendo preocupação com o outro. Vidas são retiradas a todo tempo e o valor a elas atribuído é atrelado ao seu poder e potencial econômico:

Experimente esse cigarro americano. Percebi que ela notou o meu sapato todo fodido. Os cigarros americanos são os melhores do mundo. Ninguém faz igual. Ela usava sandália cor de cobre e eu tentava esconder o s meus pés, deixei o jornal em cima deles, quando estava sentado no sofá, me dê esse jornal, ela disse, as crianças, ela disse, as crianças fazem a maior bagunça. Meus sapatos eram feios pra caralho. (MELO, 1995, p. 61)

O álbum passou das mãos do dr. Carvalho para as de um fabricante de espumas, olha aqui o filho da puta, foi ele mesmo, ladrãozinho filho da puta, pena que não puseram a cara desse filho da puta aqui no jornal para eu cuspir, disse o fabricante de espuma, eu ia adorar cuspir nesse filho da puta. Enfiei um punhado de pistache na boca, dei outro gole no uísque, nunca tinha comido pistache, gostei. Seis filhos da puta a menos, disse o fabricante de espuma, contando os cadáveres do álbum, oito, eu corrigi, tem dois que não estão aí, o Suel e o Ezequiel. Rimos. Pistache. Gostei da calça de pregas do dr. Carvalho. (MELO, 1995, p.101)

Nesse contexto, a cidade marcada pela violência não exclui de seu alcance nem os mais pobres, nem os mais ricos. A vida de cada cidadão parece depender das intenções que um outro ser tem sobre algo ou alguma coisa, não havendo aparatos tecnológicos suficientes que possam libertá-los dessas grades da insegurança e do medo impostas pela cidade.

Podemos mapear, assim, um estado psicológico imprevisível tanto da cidade quanto das personagens, a partir das possibilidades que o meio no qual estão inseridas lhes oferece:

Dê uma volta por aí, sabe o que você vai encontrar? Vai encontrar grades. Muros. Arame farpado. Cacos de vidro, é isso que você vai encontrar por aí. Vai encontrar alarmes. Portas blindadas. Aço. É isso, trincheiras. Nós só pensamos em nos defender. Casamatas. Vivemos assim, ele continuou... Farol, quem quer parar em

farol? Não paramos em faróis. Não damos gorjeta. Não olhamos para trás. Não saímos de casa... (MELO, 1995, p.42)

Detecta-se que também há uma situação real de desproteção do Estado e da fragilidade da aplicação dos dispositivos legais, seja pela corrupção dos seus agentes ou falta de interesse em resolver certos conflitos:

Uma viatura parou diante do bar e só então a cocaína começou a fazer efeito. Senti meu corpo se transformar num iceberg. Uma emboscada, eu pensei, o PM caminhava na minha direção, era realmente um PM, roupas, botas, armas de PM e o Gonzaga falou bem alto, olhando para o policial, foi ele, foi ele mesmo que matou o Suel....

O PM já dando um tapinha nas minhas costas e dizendo que admirava homens corajosos. (MELO, 1995, p.20)

Uma segunda conclusão é que a exposição das questões tematizadas acerca da violência da cidade aparece em forma de reflexão crítica apresentando um *continuum* de denúncias sociais, exposição de desigualdades e corrupções de diferentes esferas.

Portanto, a partir do exposto até aqui, esta dissertação, assentada nos Estudos Culturais e centrada em *O Matador*, de Patrícia Melo, e *O Invasor*, de Marçal Aquino, teve como objetivo oferecer uma breve leitura da violência como marca digital da cidade de São Paulo em dimensão contrastante, permeada pelos sentimentos das personagens, sejam elas pertencentes ao centro de poder ou às periferias. Por tal razão, a digital da violência reverbera no estudo das personagens, pois se manifesta em sentimentos como angústia, solidão e insegurança, bem como em dramas e contradições vivenciadas de modo radical e em diferentes instâncias pelas personagens que, conseqüentemente, se posicionam socialmente de acordo com seus interesses; estes, aquém de qualquer prerrogativa moral e/ou ética.

#### 4 O DNA DE MÁIQUEL, O MATADOR

Em uma primeira aproximação, parece ser fácil definir “identidade”. A identidade é simplesmente aquilo que se é: “sou brasileiro”, “sou negro”, “sou homossexual”, “sou jovem”, “sou homem”. A identidade assim concebida parece ser uma positividade (“aquilo que sou”), uma característica independente, um “fato” autônomo. Nessa perspectiva, a identidade só tem como referência a si própria: ela é autocontida e autossuficiente. (HALL, 2000, p.74)

Essa espécie de autorreferência seria uma remissão ao que se é identificável ou aquilo que não se é. No entanto, na contemporaneidade, essa estrutura rígida já não é suficiente para identificação dos sujeitos, tendo em vista a ausência de uma força simbólica para definir de maneira absoluta quem eles são ou quem não são.

Vivemos assim, na contemporaneidade, um momento em que é possível pensar que a identidade é restrita à percepção do estilo individual ou de um grupo, sendo, então, a identidade definida, no momento atual, como a roupa que você veste, o restaurante que você frequenta, os amigos que você tem, a praia que você vai regularmente.

Esse fenômeno se caracteriza pela alocação de indivíduos em categorias sociais, a partir de atributos como características físicas, status social ou qualquer outra informação que se torna acessível a mente, quando se percebe o indivíduo alvo, tendendo a desprezar quaisquer outros atributos que ele possua (FISKIE; NEUBERG, 1990).

Fortalece-se, desta forma, o pressuposto de que a identidade é múltipla, fragmentada ou algo que está em constante transformação e formação num mundo que a globalização advinda da Modernidade a tornou líquida, pois conforme aponta Bauman: num mundo em que tudo é ilusório, onde a angústia, a dor, e a insegurança causadas pela “vida em sociedade” exigem uma análise paciente e contínua da realidade e do modo como os indivíduos são nela inseridos (BAUMAN, 2005, p.4)

É importante reconhecermos as causas que nos fizeram chegar a tal ponto dentro dessa perspectiva de crise identitária na Modernidade.

Podemos citar, entre essas causas, as consequências do fracasso advindo do Modernismo – nessa época, ainda havia no sujeito esperanças no poder do Estado — organizado, justo, garantidor de qualidade de vida para todos, assim como a responsabilidade do aparelho estatal como controlador do Capitalismo civilizado — dessa forma, em um futuro

próximo, vislumbrava-se que o capital seria repartido entre todos e diante dessas esperanças, o homem ainda “sabia” onde queria chegar.

Ainda sobre as perdas crenças do homem na Modernidade, ele mantinha até esse momento a crença na transformação do mundo através da ciência e da racionalidade, algo que também foi sendo fragmentado.

A decepção com o curso tomado pelo Modernismo fez com que o homem acordasse em um Modernismo tardio onde a única lei a ser seguida seria a do mercado. Dessa forma, o despertar de um maldito sonho colorido, trouxe-lhes grandes impactos na sua concepção de identidade.

Após acordar do sonho do Modernismo, o homem se vê assolado com a preocupação latente com a administração da sua vida e, assim, se distancia das reflexões morais, sendo levado a uma posição de ambivalência e de relativismo moral diante dos fatos, tendo em vista que a ele já não é possível acreditar em nada, constatando que o legado foi de um vazio posto à sua frente e que é preciso “correr” para sobreviver.

Apoiamo-nos no pensamento de Zygmunt Bauman, para tentar exemplificar o estado em que o homem se encontra na Modernidade. Bauman recorre à reflexão de Ralph Waldo Emerson (poeta e filósofo do séc. XIX) numa tentativa de explicar a crise pela qual passa a identidade do homem pós-moderno: ele vive como se estivesse sobre uma fina camada de gelo, que pode rachar a qualquer momento e engoli-lo. Há uma constante desconfiança dos sujeitos em relação ao futuro.

Prosseguindo: certo é que o ser humano, diante da consciência do fracasso da modernidade, é assolado pelo sentimento da angústia, medo e insegurança. Entendendo o Pós-Modernismo como um momento de correria desenfreada, em que as relações vividas por ele são líquidas, uma procura a felicidade na satisfação de seus interesses particulares, sendo que os valores também não são mais os mesmos.

Ao buscar articular estas questões teóricas para entender o processo da construção identitária de Máiquel, que se define, em certo ponto da narrativa de Melo, como **um matador**, observa-se que ele não utiliza o verbo estar — condição temporal, para se definir —, mas sim, emprega o verbo ser para tal. Notamos que essa construção foi se dando aos poucos. Mesmo após as sequências dos assassinatos de Suel e Ezequiel, ainda se via como “um homem comum”, mas com aquisição de benefícios por matar “maus elementos” da comunidade.

Contudo, após o assassinato de seu primo Robinson, Máiquel “entendeu” esse crime como uma vingança a sua pessoa e sofreu um abalo emocional acarretado por essa perda.



Então, resolve assassinar um menor de idade acusado de cometer furtos – o menino Neno – e, dessa forma, despeja seu ódio interior e se autodenomina “matador”. O exemplo, que segue, ilustra o clímax dessa autodenominação:

Neno pediu pelo amor de Deus para eu não matá-lo. Mas eu não acreditava mais em Deus. Eu acreditava em úlceras. Eu vou te matar, seu filho da puta, eu vou te matar porque, a partir de agora, eu sou o matador. Eu sou a grade, o cachorro, o muro, o caco de vidro afiado. Eu sou o arame farpado, a porta blindada. Eu sou o Matador. Bang. Bang. Bang. Bang. (MELO, 1995, p.92)

Assumir-se como matador, como marginal, como um fora da lei nos faz refletir sobre as implicações relacionadas a este fato, tendo em vista os seus impactos pessoais e sociais. Comprova-se que a função é assumida como identidade. Assim sendo, Máiquel apresenta, em seu interior, todos os sentimentos de solidão, desesperança, medo, incredulidade no mundo, nas pessoas e em si mesmo. Por isso, decide aceitar o que acredita ser uma “missão”.

Por esses motivos, ele propõe a si mesmo como desafio transformar-se em alguém novo; mas algumas questões ainda são incômodas, quanto à sua opção em assumir a identidade “de matador”.

Tais incômodos estão presentes no cotidiano em que vive e são vistos e ouvidos o tempo todo:

Moradores incendiam ônibus. Tráfico adota fuzil mais leve. Comerciante é encontrado morto no porta malas do carro. Ladrões roubam dezesseis carros em clube do Rio de Janeiro. Armas para defesa pessoal em três vezes, sem acréscimo. Polícia invade favela e mata dez... O dia foi bom para a polícia, diz o apresentador. Desenho animado, um homem sorridente atirando num velho. Governo diz que a operação foi legal! O problema, disse o dr. Carvalho, o problema desses meninos é que a polícia prende e a Justiça solta. (MELO, 1995, p.92)

Perguntamo-nos: Que posição de identidade ele quer assumir? Que outras identidades estão envolvidas? Quais são as identidades que estão, aqui, em conflito? Como são elas negociadas? Quais são as contradições entre subjetividade e identidade apresentadas?

Buscamos analisar tais questões pelas teorias propostas por Zygmunt Bauman e Stuart Hall acerca da crise identitária do homem moderno, assim como, realizar um intercâmbio com a obra *O Matador* (1995), de Patrícia Melo, e, principalmente, a construção identitária da personagem Máiquel.

Inserimos, assim — para poder entender o processo de construção identitária à luz da modernidade — a personagem de Máiquel num contexto em que a lei de mercado precisa ser seguida como meio de sobreviver a um momento marcado pela liquidez das relações e da

construção da ideia advinda do pensamento marxista de que todos somos mercadoria. Através das observações realizadas sobre a função da personagem de Máiquel, podemos vislumbrar que nela se reproduz a imagem comum voltada ao homem moderno: descrente com o futuro, com o homem e com o mundo em que se encontra. Comprove-se:

I love my dog, ontem, disse Érica, ontem eu vi uma mulher com este plástico grudado no carro, I love my dog. Sabe o que eu fiz? Peguei uma merda de cachorro que estava na calçada e coloquei no vidro do carro da mulher. É desses caras que estou falando, ela disse. Essa gente. Eu tenho nojo dessa gente. Eles amam seus cachorros, amam seus poodles, seus dálmatas, seus pastores de quinhentos dólares, eles treinam seus cachorros, ensinam seus cachorros a cagar nas calçadas para a gente pisar na merda e lembrar de seus cachorros fedidos, temer seus cachorros ferozes, eles ensinam tudo. Os cachorros aprendem rápido. Se bobear, você vai aprender, Máiquel. Você vai aprender. Vai aprender a latir. A atacar. A morder. A farejar cocaína. A receber restos de comida. É isso, você aprende, ódio é uma coisa fácil de aprender. É mais fácil você aprender a odiar do que a cozinhar ou usar computador. Eles dizem, aquilo é uma merda, você acredita, aquilo fede. Fede mesmo, eu sinto o fedor. Aquilo é podre. Podre, é podre, a gente aprende. O homem aprende tudo. Por isso o homem progride. A ciência progride. Os Estados Unidos progridem. A indústria. A tecnologia. Mas o coração do homem, eu ouvi um homem falando isso na televisão, um homem muito importante, o coração do homem não progride. Então, disse Érica, os progressos não servem de porra nenhuma, vacinas para salvar bestas, a verdade é essa. (MELO, 1995, p.89)

Enquanto caminhava e olhava para os meus sapatos fodidos, eu pensava que a vida é uma coisa engraçada. Ela vai sozinha como um rio, se você deixar. (MELO, 1995, p.63)

Tomando por base esse “quadro” de *O Matador*, propomo-nos a realizar uma remissão aos pensamentos da personagem a fim de justificar o seu posicionamento. Logo no início do romance, através das colocações de Máiquel, é possível realizar a imagem da percepção identitária que a personagem possui de si — as angústias, frustrações, medos e desesperanças, assim como seu pouco valor mercadológico. Tal imagem vem à tona, quando ele tingue seus cabelos de loiro:

Quando finalmente recebi permissão para ver o resultado, fiquei surpreso: meu cabelo estava completamente loiro. Loiro mesmo, que nem esses cantores de rock da Inglaterra. Sempre me achei um homem feio. Há muitas curvas em meu rosto, muita carne também, nunca gostei. Meus olhos de sapo, meu nariz arredondado, sempre evitei espelhos. Naquele dia foi diferente. Fiquei admirando a imagem daquele ser humano, que não era eu, um loiro, um desconhecido, um estranho. (MELO, 1995, p.10)

Ao ver sua imagem refletida no espelho pela primeira vez, ele permite que seus pensamentos e sentimentos — reflexos da crise identitária pela qual vive — mais íntimos sejam expostos ao leitor, assim como se situa no tempo e no contexto social vigente para construir sua autoimagem.

Apesar de percebermos uma falta de conhecimento concreto da personagem sobre o assunto, verificamos, em Máiquel, a existência de um desejo em se ajustar. A personagem tem consciência de que ela não se coaduna ao modelo social aceito e imposto a uma identidade que se quer aceitável na atualidade.

Depreende-se, também, que, ao se mirar no espelho, a personagem vive emocionalmente uma espécie de despertar. Ao pintar o cabelo, sugere uma espécie de rito de passagem. Essa mudança transforma o personagem que logo passa a ser caracterizado pelos cabelos louros dourados (estilo relacionado à questão cultural apresentada na obra).

No momento em que sua imagem é refletida por um loiro iluminado, dá-se início a uma contradição identitária, ou seja, coexistem nele: o malandro, o bandido e o mocinho que reside no subúrbio e se contradizem o tempo todo:

Fiquei admirando a imagem daquele ser humano, que não era eu, um loiro, um desconhecido, um estranho. Não era só o cabelo que tinha ficado mais claro. A pele, os olhos, tudo tinha uma luz, uma moldura de luz. De repente, todos os meus traços se tornaram harmônicos, a boca que sempre fora caída, continuava caída, o nariz, continuava redondo, as pálpebras inchadas, porém tudo isso era bobagem porque havia algo maior, mais importante, a moldura. Havia luz em minha face, e não era uma luz artificial de refletores. Era aquela luz que a gente vê em imagens religiosas, luz de quem é iluminado por Deus. Foi assim que me senti, próximo de Deus. (MELO, 1995, p.10)

Nessa esteira de pensamento, pode-se fazer a leitura de Máiquel como uma personagem que tem em si as ansiedades do típico sujeito moderno apresentado por Stuart Hall. Eles (sujeitos inseridos na modernidade líquida) são compostos por múltiplas identidades que se contradizem e se complementam, e estas são líquidas e mutáveis. Na medida em que as mudanças acontecem, nesse momento são construídas novas relações sociais ou novos meios de se conviver, de viver em sociedade, suas identidades se apresentam numa espécie de contínua reconfiguração, com a finalidade de se adaptar ao imediatismo, a instabilidade e a ansiedade que o cercam, pois, segundo Hall,

Os termos “identidade” e “subjetividade” são, às vezes, utilizados de forma intercambiável. Existe, na verdade, uma considerável sobreposição entre os dois. “Subjetividade” sugere a compreensão que temos sobre o nosso eu. O termo envolve os pensamentos e as emoções conscientes e inconscientes que constituem nossas concepções sobre “quem nós somos”. A subjetividade envolve nossos sentimentos e pensamentos mais pessoais. Entretanto, nós vivemos nossa subjetividade em um contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos e no qual nós adotamos uma identidade. Quaisquer que sejam os conjuntos de significados construídos pelos discursos, eles só podem ser eficazes se eles nos recrutam como sujeitos. Os sujeitos são, assim, sujeitados ao discurso e devem, eles próprios, assumi-lo como indivíduos que, dessa forma, se posicionam a

si próprios. As posições que assumimos e com as quais nos identificamos constituem nossas identidades. (HALL, 2000, p.55)

De alguma maneira, Máiquel tem consciência das identidades socialmente aceitáveis na hegemonia da raça e na influência de um modelo pré-estabelecido, mas, ao mesmo tempo, falta-lhe a consciência identitária que tem sobre si, ficando suscetível às influências dos discursos socioculturais existentes. Comprove-se:

Tingiu minha autoconfiança, o meu amor próprio. Foi a primeira vez em vinte e dois anos, que me olhei no espelho e não tive vontade de quebrá-lo com um murro. Beijei Arlete e saí feliz, pensando que passei a maior parte da minha vida querendo ser outro cara. (MELO, 1995, p.11)

Através desta reflexão de Máiquel sobre si, observamos o quanto a percepção de uma identidade, atrelada ao que é desejável num homem nos quadros da sociedade capitalista atual e ao seu não atendimento, constrói estigmas e estereótipos de indivíduos ou grupos sociais. Fica, então, implícita a ideia do que os novos tempos exigem do sujeito a identidade de um homem autoconfiante, iluminado, capaz.

Diante de tais convenções pré-estabelecidas social e culturalmente é justificável e previsível que ele busque assumir uma identidade de sujeito-função como meio de saciar seus desejos, o que corrobora a ideia de que ele é subproduto do meio moderno.

É a partir do primeiro assassinato que Máiquel começa o seu processo de transformação identitária, mostrando-se vulnerável aos discursos que, a respeito desse evento, se depreendem em seu meio social. No entanto, ainda é possível observar uma mistura de sentimentos como os da razão e emoção agindo em seu íntimo, através de suas dúvidas e medos, como já assinalou Hall:

A “descoberta” do inconsciente, de uma dimensão psíquica que funciona de acordo com suas próprias leis e com uma lógica muito diferente da lógica do pensamento consciente do sujeito racional, tem tido um considerável impacto sobre as teorias da identidade e da subjetividade. A ideia de um conflito entre os desejos da mente inconsciente e as demandas das forças sociais, tais como elas se expressam naquilo que Freud chamou de supereu, tem sido utilizada para explicar comportamentos aparentemente irracionais e o investimento que os sujeitos podem ter em ações que podem ser vistas como inaceitáveis por outros, talvez até mesmo pelo eu consciente do sujeito. (HALL, 2000, p.62)

Mas tais dramas de consciência somente se realizam num curto período de tempo, pois, logo em seguida, Máiquel começa a receber agradecimentos e reconhecimento pelo

serviço prestado à comunidade; uma espécie de aprovação pela identidade que assumiu como sua.

Até então, ele era um homem cinza — mais um no meio social, que não possuía muitas perspectivas —. Porém, tanto os sujeitos da periferia com a qual ele mantinha pertença quanto os policiais e comerciantes da região viram além disso. Viram nele um sujeito determinado, confiante e capaz.

Quanto ao reconhecimento que essa nova imagem descortina, Máiquel não havia provado anteriormente. Sua autoimagem era demasiadamente despotencializada. Somente em sonhos, ele era capaz de pôr para fora as enzimas de ódio que nele existiam:

Sonhei muitas vezes com essa piada. Inventei um rosto para o ermitão e dei meu próprio rosto para o viajante solitário. Eu sou o viajante solitário que tem o pneu do carro furado. Tudo na minha vida funciona dessa forma, um pneu furado e alguém que não quer me emprestar o macaco. Espero o pior da vida, das pessoas, da natureza, do diabo. Quando penso em fazer alguma coisa desisto, porque sei que não dará certo. E se começo, faço pela metade. Largo tudo pela metade. (MELO, 1995, p.17)

Como bem demonstra o exemplo anteriormente destacado, é possível observar a existência de uma crise dos valores e o relativismo existente na contemporaneidade. Tais condições fazem com que nada possua tanto sentido ou tenha uma estrutura rígida. O resultado é uma flexibilidade dos sujeitos observáveis pelas suas reações em momentos específicos — como de violência —, que, até então, eram julgadas por diretrizes mais sólidas e racionais.

No âmago da personagem é igualmente possível concluir que havia o desejo de ser uma outra pessoa, alguém aceitável. Inesperadamente, ele havia conseguido um momento oportuno para iniciar esse processo. Era a grande oportunidade de assumir uma nova identidade social, pois, após o assassinato de Suel, as cadeias relacionais foram se construindo e aumentando. Mesmo que fosse difícil de ele entender o sentido de tais cadeias — reconhecimento pela comunidade, “respeito” dos policiais da região, possibilidade de frequentar a casa de alguém que não pertencia ao seu meio social — sabia que dependia de sua escolha pessoal mudar sua posição dentro da hierarquia social em que estava inserido.

Aqui, cabe rememorar a explicação que Hall oferece para explicar, em parte, o que leva o sujeito do mundo moderno a se aventurar em novos modelos identitários, marcados por aparente falta de lógica e razão. Sublinha o pesquisador que o inconsciente, de acordo com a psicanálise, é formado de fortes desejos, frequentemente insatisfeitos (HALL, 2000, P.62).

Dessa maneira, chegamos até mesmo ao ponto de realizar ações que podem ameaçar nossas vidas apenas para afirmar uma determinada identidade (HALL, 2000, p. 63).

Apresenta-se, assim, a construção da identidade de Máiquel associada diretamente a de justiceiro pelos desejos inconscientes que ele possuía e por uma forma de responder às expectativas que o grupo social depositava nele, desde que cometeu o primeiro assassinato. De alguma maneira, ele tinha sido aceito pelo assassinato cometido e gostaria de continuar aceito, mas, para isso, não podia decepcionar a comunidade. Será, então, a sua insuportável dor de dentes a responsável pela escolha de se afirmar identitariamente como matador ou não. Compreende-se, pois, que a personagem de dr. Carvalho desempenha um papel principal nesse processo da construção identitária de Máiquel. Em um primeiro momento, existe a dúvida: “não achava nada boa a ideia de ter que matar outro cara. Mas meu dente doía pra caralho”. (MELO, 1995, p.33). Porém, a dor falou mais forte.

Voltando à participação de Dr, Carvalho, destacamos que o dentista, por meio de uma argumentação que generaliza e reduz o cotidiano da cidade de São Paulo a um espaço de violência e exclusão, utiliza-se de argumentos maniqueístas no âmbito das questões religiosas e do mundo do crime que desestabilizam Máiquel e nele inoculam dúvidas quanto à potencialidade real de cometer mais um crime: assassinar um rapaz, que seria o suposto estuprador da filha do dentista:

Não sei como é a alma de um bandido, mas a alma do homem honesto, do homem bom, é um inferno, o dr. Carvalho tinha lido essa frase em algum lugar, veja que interessante, pense nisso, ele disse. [...] Dê uma volta por aí, sabe o que você vai encontrar por aí? Muros. Arame farpado. Cacos de vidro, é isso que você vai encontrar por aí. (MELO, 1995, p.42)

Surge, nessa ocasião, o momento de negociar a identidade de matador/justiceiro, embora esteja em conflito com suas outras identidades. Ele precisa encontrar uma identidade que seja um meio de resolver um conflito psíquico, financeiro (visto que não possui recursos econômicos para pagar pelo tratamento dentário) e até mesmo de satisfação do seu desejo de ser alguém aceito socialmente.

Apesar da confusão moral que o assola, as colocações de um “homem bom e honesto”, que o ajudam a resolver a dor dente, mostram-lhe que estava em vias de “abrir a torneira do esgoto” e, assim, exprimir toda a maldade adormecida dentro dele para resolver boa parte de suas frustrações pessoais.

O julgamento de dr. Carvalho sobre a índole de Ezequiel (um homem covarde que, supostamente, havia estuprado sua filha de 15 anos, quando ela voltava do colégio), os

benefícios maiores decorrentes do extermínio do estuprador e as vozes da população que ratificavam as justificativas do dentista, — cada pessoa no bairro me trazia um naco de ódio para engolir, o jeito que Ezequiel atacava as mulheres pelas costas, [...], obrigando as mocinhas a imitarem éguas, [...] esmurrando, machucando, cortando, cuspidando nas bocetas [...] (MELO, 1995, p.44) — , incentivavam Máiquel a deixar sair de seu interior o que estava adormecido e começasse a construir a sua identidade de justiceiro.

Neste exato ponto da construção da identidade de justiceiro, convém evocar Bauman para esclarecer a trajetória de Máiquel, ao escolher se inserir num “outro mundo”:

O pertencimento e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age — e a determinação de se manter firme a tudo isso — são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade” (BAUMAN, 2004, p.17, 18)

Vê-se que as palavras de Bauman explicam perfeitamente a construção do processo identitário da personagem. Máiquel negociou e se decidiu pelos benefícios pessoais que estava recebendo. O fator social, as influências nas relações que ele estabeleceu — a partir do primeiro assassinato (Suel) —, seu olhar sobre o mundo e o assassinato de Ezequiel são “fatores” que o conduzem à aquisição da identidade de justiceiro, assim como promovem uma falsa atmosfera de acolhida no novo espaço que criara. Porém, tal ‘pertencimento’ é temporário. Só se mantém enquanto ele é útil aos que desejam resolver seus problemas pessoais, sem sujarem as próprias mãos.

Nessa nova identidade assumida, Máiquel é admirado, porque presta um “bom serviço” para a sociedade e auxilia os agentes do poder público na manutenção da “ordem social”. A função que toma para si levou-o a frequentar lugares que antes não lhe eram permitidos: era recebido na casa de dr. Carvalho e entrava em contato com muitos profissionais liberais — dono de empresa de reciclagem, fabricante de espumas — e os denominados “cidadãos de bem”:

Nós estamos muito satisfeitos com você, ele disse, muito satisfeitos mesmo, esse rapaz, esse Conan, esse ladrão roubou o carro de muita gente aqui no bairro. Bar de mogno, mesa de jantar de mogno, estante de mogno, gostei. Roubou o carro do doutor. Ricardo. Do doutor Pedro, do doutor José Carlos. Quadro de cavalos, adorei. O dono da farmácia ali da esquina, como é que chama aquele cara? Flores secas, adorei. Pistache. Roubou o carro dele também. Pato de madeira. (MELO, 1995, p.101)

Atuando como justiceiro do bairro, foi-lhe permitido construir uma nova identidade, esta construção identitária envolve a compra de roupas de cor escura, de boa qualidade e no estilo social, fixar residência em um bairro fora da periferia, frequentar restaurantes caros e dentro dessa nova identidade até o modo de sorrir é aprendido por ele.

Essa transformação identitária possibilita a Máiquel desfrutar de bens e serviços que nenhum outro emprego, de acordo com suas habilidades e formação, seria capaz de lhe garantir.

No entanto, até então, ele estava matador. Ele aprendeu a matar e dessa maneira ia realizando os serviços e sendo remunerado por tais trabalhos. Mas, algo vai além e a profissão é assumida como uma identidade, como parte do sujeito. E isso é colocado pela própria personagem, quando as barreiras éticas e racionais caem de uma vez por todas e Máiquel passa a se alimentar de ódio e de violência, como uma espécie de vício. O ápice da transformação da personagem ocorre quando seu primo Robinson é assassinado. Para Máiquel, matar é a válvula de escape, é a razão de seu ser. Por isso, proclama: “Eu vou te matar, seu filho da puta, eu vou te matar porque a partir de agora, eu sou o matador”. (MELO, 1995, p. 92)

A conclusão primeira que pode ser tirada, a partir da construção identitária assumida por Máiquel em *O Matador* (1995), é que a personagem, ao se autoproclamar matador e assumir tal posição, não se orienta por simples escolha pessoal consciente. Houve mesmo um recrutamento para tal posição nas relações existentes dentro do contexto em que ele se apresentava. Podemos dizer que ele investiu para construir sua identidade; no entanto, a cultura da violência e do medo que extrapola os espaços marginais na contemporaneidade assim como a liquidez moral e ética da sociedade em geral funcionaram também como engrenagens cruciais, para que o processo identitário se realizasse em Máiquel.

Através das colocações apresentadas neste capítulo, depreendemos a ideia de como a identidade é uma característica do sujeito que está ligada às influências externas e ao universo dos valores, marcando-se por um tipo de dinamismo. É formada e reformulada constantemente em consonância com novos valores, demandas sociais, conhecimentos e contexto geográfico.



## 5 PRAZER, EU SOU O INVASOR

Como já se sublinhou na breve apresentação do autor, a violência é um dos temas recorrentes na produção ficcional de Marçal Aquino, fruto das inquietações do autor em relação ao crescimento da violência no Brasil, na década de 90 do século XX. *O Invasor* foi publicado em 2002, pela editora Geração Editorial. É composto de 15 capítulos e, ao longo deles, é possível relacionar como as identidades dos sujeitos são fragmentadas e múltiplas.

É importante para o conhecimento da gênese da obra mencionar que *O Invasor* (2002) nasceu de uma reflexão do autor acerca da violência, após uma entrevista realizada com um presidente de uma multinacional. As colocações feitas pelo entrevistado sobre a violência na cidade causaram surpresa em Marçal Aquino, tendo em conta que o presidente não se sentia vulnerável à violência, em virtude da sua moradia estar localizada distante da periferia e por possuir recursos financeiros capazes de monitorar seus espaços de convivência familiar e empresarial, assim como por utilizar de meios de transportes próprios para se locomover na grande urbe. O impacto de tal declaração fez com que Marçal colocasse para si a seguinte questão: de que forma centro e periferia se relacionam?

E essa questão foi problematizada na obra ficcional de *O Invasor* (2002), através das personagens centrais de Ivan, Alaor e Anísio. Na performance dessa tríade, é possível visualizar a relação de prestação de serviços entre seus integrantes, assim como depreende-se que a violência não está relacionada exclusivamente às identidades dos sujeitos oriundos da periferia.

O enredo de *O Invasor* (2002) apresenta personagens oriundos de universos diferentes (social e cultural) que, pela categorização aplicada às identidades dos sujeitos, ocupam posições antagônicas em espaços polarizados, mas que se valem dos mesmos métodos inescrupulosos para solucionar os problemas cotidianos.

A narrativa em primeira pessoa é assumida através do engenheiro Ivan, que narra uma história cujos desdobramentos resultam em um crime brutal encomendado pelos sócios minoritários — Alaor e Ivan — de uma empresa de construção — Araújo e Associados —, para assassinar o sócio majoritário — Estevão —, que, segundo eles, estava atrapalhando os “negócios” isso seria: firmar contrato fraudulento com o Governo.

A história começa com a ida de Alaor e Ivan a uma periferia da cidade de São Paulo, para contratar um matador de aluguel através da indicação de Norberto, amigo pessoal de

ambos. Chegando à periferia, dirigem-se a um bar. Este é o lugar onde se dá o primeiro contato com Anísio, o matador.

Do primeiro contato, queremos realçar que Anísio, um pistoleiro de poucas palavras, define-se como um arguto observador e orgulha-se de realizar observações precisas:

Quando vocês entraram, nem precisei olhar duas vezes, Anísio disse. Estava na cara que eram os dois bacanas que eu estava esperando.  
Mas você podia ter se enganado, eu comentei, provando a cerveja.  
Nunca, Anísio ficou sério. Eu nunca erro. Sei olhar para uma pessoa e dizer direitinho quem é ela e o que ela faz da vida. Tem a ver com o meu trabalho.  
(AQUINO, 2002, p.9)

Anísio é uma personagem-chave na narrativa. Sua identidade vai sendo revelada aos poucos. Observamos que Ivan revela a racionalidade de Anísio como matador de aluguel, quando comunica ao assassino o que estão decididos a fazer. Ao assumir a negociação da encomenda do assassinado com Anísio, expõe os motivos que os levaram a tomar tal atitude: “O Estevão não aceita nossos pontos-de-vista e agora está ameaçando desfazer a sociedade. Ele quer comprar a nossa parte e acabar com os problemas”. (AQUINO, 2002, p.12)

A reação de Anísio — o matador de aluguel— e o pré-julgamento dos motivos pelos quais eles desejam assassinar o sócio derivam da experiência que ele tem sobre o assunto, mas também contribui para traçar um perfil psicológico do matador. A lógica do matador não coincide com a dos engenheiros, podendo provocar surpresa no leitor, tendo em vista que o matador de aluguel julgava que os sócios estavam sendo roubados por Estevão, e não o contrário.

Aparentemente num primeiro momento, há uma impressão de certa “ética” em relação ao que o matador julga ser “razoável” para se executar alguém; algo como “uma justificativa” para cometer um assassinato.

No entanto, nas páginas seguintes, podemos observar que a identidade de Anísio está mais associada ao “matador de aluguel”, aquele que é capaz de resolver um problema para alguém a preço fixo, de forma direta, de acordo com o agrado do cliente e mantendo sigilo e discrição:

Vocês querem tirar o homem do caminho, é isso? Ok. Eu posso fazer isso para vocês, sem problema.  
O Norberto falou que você resolveria, Alaor comentou, dando a impressão de que tinha alguma coisa sob a língua.  
Eu nunca deixo na mão os clientes que ele manda, Anísio disse.  
E quanto isso vai nos custar?, eu perguntei, notando que a minha cerveja havia terminado.  
Depende. Esse estevão anda com guarda-costas, essas coisas?

Que nada. Ele é tranquilo igual a nós. Vai ser moleza, você vai ver, Alaor, de repente pareceu ficar excitado.  
 Você acha? Anísio perguntou, olhando-o de forma direta. Nunca é moleza. Se fosse, vocês não tinham vindo me procurar.  
 O sorriso sumiu do rosto de Alaor.  
 Quanto você quer para fazer o serviço?, eu perguntei, tentando amenizar o clima da mesa.  
 Vinte mil. Metade agora e metade depois. (AQUINO, 2002, p.12)

Identificamos, assim, que não cabe ao prestador de serviços analisar as motivações que levam seus clientes a procurarem seus serviços, mesmo que ultrapassem seus critérios de razoabilidade. Ele está a serviço, fecha o contrato e cumpre com o que foi combinado.

Mesmo assim, é importante observar que a colocação feita por Anísio é capaz de despertar uma leitura que reflete acerca da ideia de como a violência está sendo utilizada na contemporaneidade, de maneira desenfreada e por motivos fúteis, para resolver conflitos de difícil compreensão por um viés da razoabilidade do pensamento.

Estevão, além do sócio majoritário, não estava exigindo nada de anormal ou ilegal dentro dos seus negócios. No entanto, frustrava os possíveis ganhos financeiros dos outros dois sócios e isto já foi considerado motivo suficiente para que a violência fosse aplicada como solução do desacordo de pensamento.

A partir do momento em que firmam o contrato, inicia-se o processo de observação e levantamento da rotina da vítima. Há um passo a passo a ser seguido, a fim de garantir que o serviço seja realizado de maneira eficiente. Como podemos observar no trecho abaixo:

E quando é que você cuida disso?  
 Não sei. Anísio disse. Eu preciso estudar o cara primeiro, saber tudo sobre ele. É assim que eu trabalho.  
 Quanto tempo leva isso? Alaor quis saber e sua voz soou engraçada.  
 Varia muito. Às vezes duas semanas, às vezes um mês. Outras vezes um pouco mais.  
 Não dá para ser mais rápido?, eu perguntei.  
 Dá, só que é mais complicado. E aí eu cobro o dobro, Anísio tragou e atirou mais um cigarro quase inteiro no chão. (AQUINO, 2002, p.13-14)

É dessa forma que Anísio vai sendo identificado, nas primeiras páginas da narrativa ficcional de *O Invasor* (2002), de maneira linear e com certa rigidez em sua caracterização enquanto um matador de aluguel.

O marginal Anísio pede fotografia, endereço, referências. Mostra também seriedade quando está negociando os termos do contrato:

Alaor pegou a pasta, abriu o zíper e mostrou uma foto em que aparecíamos os três na empresa, diante da maquete de um condomínio que tínhamos lançado. Quando Anísio pegou a foto para examiná-la. Alaor colocou o dedo sobre Estevão: O Estevão é esse aqui, o de barba. Não vá se enganar e matar m de nós, heim? A brincadeira deixou Anísio contrariado (AQUINO, 2002, p.14).

Anísio mantém-se numa categorização pré-concebida e sem muitas surpresas, até que ele começa a revelar a crueldade pessoal, num certo prazer em matar com requintes de crueldade: “Anísio olhou para a fotografia por um instante. Eu posso fazer ele sofrer antes dele morrer...” (AQUINO, 2002, p.14). Não lhe faltam lembranças de casos em que pode extravasar seus requintes de violência.

Contudo, os desdobramentos da trajetória de Anísio na empresa é que provocam a surpresa na narrativa ficcional de Marçal Aquino (2002). O pistoleiro assassina Estevão e também a esposa que o acompanhava e, após a conclusão do trabalho, começa a chantagear Alaor e Ivan, revelando uma face diferente da esperada por quem executa esse tipo de serviço.

O potencial de Anísio e as desconfianças que pouco a pouco se voltavam contra ele até esse momento na narrativa, começam a ganhar maior relevância, a partir da conclusão do assassinato de Estevão – que ultrapassa o contratado previamente e inclui Silvana, a esposa do engenheiro.

No entanto, há um gradual “descortinar” de sua identidade, no momento em que se apresenta na construtora após executar seu serviço. Anísio se apresenta com ar de intimidade com os sócios, aparentando estar confortável naquele ambiente: “Quando abri a porta, Anísio veio em minha direção com a mão estendida. Velhos amigos. [...]. Bonito isso aqui, disse,[...]. Ele sentou-se e tirou um maço de cigarros do bolso da jaqueta.” (AQUINO, 2002, p.69)

Na sequência de acontecimentos desse encontro, revela-se um outro lado da nova identidade de Anísio. Ele agora se apresenta meio agressivo, demasiadamente intrometido, oportunista, um pouco carismático, perigoso e enigmático:

Passei para saber se vocês estavam precisando de alguma coisa.  
Alaor sentou-se ao lado de Anísio. Ainda não recuperara a cor.  
Escuta aqui Anísio: a gente ainda não tem a grana para te pagar.  
Anísio bateu a cinza do cigarro e colocou um chaveiro sobre a mesa. Eu não entendi aquilo.  
Não estou aqui para receber. Só passei para saber se vocês ficaram satisfeitos.[...]  
Anísio apagou o cigarro no cinzeiro. Sorriu.  
A pressa é de vocês. Mas, por mim, tudo bem. Amanhã eu passo aqui. (AQUINO, 2002, p.70-71)

Anísio vai “invadindo” a narrativa e “conquistando” seu espaço, na medida em que deixa a maior parte do pagamento com os sócios Ivan e Alaor e assume um posto na segurança da empresa:

Ele pegou um maço de notas e guardou no bolso. Então fez algo inesperado: deslizou a pasta sobre a mesa na minha direção.  
 Confio tanto que quero pedir um favor.  
 Alaor se voltou para mim, deu um risinho nervoso.  
 Se ficar comigo, acabo torrando tudo em besteira. Vocês podem guardar para mim?  
 (AQUINO, 2002, p.74)

Existe ainda um fator que vai posicionar Anísio de maneira vantajosa frente aos engenheiros: a sua aproximação com Marina — única herdeira de Estevão —, com quem assumirá um relacionamento amoroso.

Entre as etapas que se sucederam até que se efetivasse a ocupação de Anísio no espaço da Construtora Araújo e Associados, ressaltamos que Anísio, por ser carismático, também conseguiu conquistar a simpatia de Alaor, que, por sua vez, acreditava ser mais fácil lidar com o pistoleiro, se houvesse uma postura baseada no “jogo de cintura”. Na verdade, Alaor tinha outros negócios que demandavam sua atenção — um prostíbulo —, sendo assim Anísio não era a sua prioridade.

A referida ocupação de Anísio vai demandar o dismantelamento da relação triangular entre engenheiros e matador de aluguel. A constatação de que os domínios de Anísio estão sendo ampliados, ficam mais explícitos quando ele começa a trazer “aliados” para dentro do espaço da construtora e se vale de outros recursos para conquistar o território. Por exemplo, Anísio traz Claudino para tomar um empréstimo na empresa e também se apresenta com as roupas de Estevão: “Anísio usava uma camisa folgada – a barra cobria a cintura da calça e as mangas compridas quase escondiam suas mãos. [...] Contudo o que mais me perturbou nessa hora foi reconhecer aquela camisa. Não era à toa que ficava tão folgada no corpo de Anísio.” (AQUINO, 2002, p. 92).

Quanto a uma possível recepção da obra, a leitura de *O Invasor* pode causar um certo sentimento de perplexidade diante dos acontecimentos do enredo, em decorrência da banalização da violência e do baixo valor atribuído à vida humana ao longo da narrativa.

Aparentemente, Anísio continua resolvendo os problemas de natureza financeira da Construtora Araújo e Associados, mas agora como alguém que pertence ao quadro da empresa, como fica subentendido, quando um empresário do setor de materiais de construção

é morto, aparentemente, em virtude de um assalto. No entanto, tal empresário era conhecido como agiota e os sócios Alaor e Ivan deviam um considerável montante de dinheiro a ele.

Anísio encarna uma personagem que não se pauta pelos valores éticos consagrados. Insidiosamente, revela-se, no desenrolar da narrativa, como uma personagem cruel que, para conquistar um território, se vale da força física, da ameaça, do amedrontamento e dos signos de morte sangrenta. Com essa breve descrição da personagem, queremos dizer que Anísio exemplifica a desconstrução da identidade de um sujeito marginal: de mero executor de serviços pré-contratados e permeados pelo uso da violência.

Apesar de Anísio ser um sujeito marginal, ele desconstrói a reduzida identidade pela qual um sujeito de sua origem frequentemente é representado, revelando-se como um sujeito que age com calma e inteligência e transforma-se em *O Invasor* dos negócios e da vida de Estevão, assim como será responsável por frustrar os negócios dos engenheiros minoritários.

Anísio se assume como responsável pelas decisões, deixando os sócios em segundo plano. A invasão de Anísio rompe com as expectativas da narrativa, apresentando novos rumos a serem seguidos. À medida em que Anísio vai conquistando o território da firma, ele também vai ganhando destaque na narrativa. Entendemos que a trama narrativa delineia uma certa trajetória de sucesso, na qual oportunidades surgem e são assumidas como pontes para uma nova construção identitária. Anísio caminha pelas brechas para atingir a posição de protagonista.

Nesse caminho, é preciso valer-se de inteligência (inclusive emocional), coragem, planejamento e cruzamento de fronteiras, já que algumas provações se apresentarão, assim como inimigos, a obstruir a concretização dos seus interesses pessoais. No entanto, ao superar os obstáculos, o sujeito obtém a recompensa e alcança a almejada vitória.

Dessa feita, como se pode constatar no desenvolvimento da análise de Anísio e Máiquel, ambos são personagens que merecem destaque e estudos que estejam livres de reducionismos e rompam barreiras do esperado. A fim de desenvolvermos tal proposta, buscaremos investigar, na próxima sessão, as posições-sujeito ocupadas por Máiquel e Anísio que produzam diferentes efeitos de sentido, acerca de suas identidades com base em um conceito de heroicidade próprio e previsto nesses tempos de violência, medo e desumanização.

## 6 MAIQUEL E ANÍSIO: UMA PROBLEMATIZAÇÃO DA HEROICIDADE

É chamada herói, na mitologia, toda a personagem que exerceu, sobre os homens e sobre os acontecimentos, uma determinada influência, que lutou com tanta bravura, ou realizou feitos de uma tal temeridade, que se elevou acima dos seus semelhantes, os mortais, e que pôde ousar aproximar-se dos deuses, merecendo assim depois da morte uma veneração e um culto particulares

*Joel Smith*

Com o objetivo de arrematar as sessões anteriores, o presente capítulo fará uma breve retomada da trajetória do herói em diferentes momentos e concepções, tendo em vista que esta categoria sempre figurou no imaginário social devido a uma demanda de solução para a existência de problemas comunitários. Por esse motivo, a comunidade elege alguém (o herói) para que estes problemas sejam resolvidos.

Inicialmente, antes de problematizar a heroicidade, tendo como parâmetros Máiquele e Anísio, é importante reafirmar que, em nosso estudo, eles se distanciam da figura dos heróis que nasceram de mitos e das abordagens históricas dos semideuses na Grécia Antiga. Ou seja, são frutos das identidades dos heróis que foram sendo moldadas pelas mudanças político-sociais, entre outras. Observamos que os heróis, se nos propusermos a busca por desenhar uma trajetória identitária na atualidade, identificam-se cada vez mais com pessoas sem superpoderes e com o meio social concreto. Atentemos para o fato de que, mesmo com essa identificação com seres comuns, os feitos e a trajetória por eles vividas permanecem sendo contadas através de um viés mítico.

Portador de uma identidade cambiante e ambígua, ele pode reaparecer rompendo as barreiras do ser divino para adentrar o plano do herói humano, e, nesta perspectiva, surge com seus vícios, fraquezas e falhas. Menos provido de poderes divinos ou superpoderes, sobressai em relação às demais personagens por ser movido pela paixão e pelos objetivos que possui no combate às mazelas sociais.

Passemos à modernidade. Ela levantou uma questão que veio a influenciar diretamente a caracterização genérica do herói, tendo em vista a promoção de valores e objetivos mais voltados para o individualismo humano ou para as comunidades. Sendo assim, o herói passa a buscar sua identidade e a verdade sobre si. Observamos que os feitos do herói ficam em segundo plano e as narrativas focam mais em suas questões particulares e em suas peculiaridades.

Se a modernidade cunhou a identidade do herói através da opção de temas que atraíssem o público, foi porque o motor que acionou tal mudança residiu na finalidade de aumento dos lucros. Houve, sim, um crescente número de adaptações cinematográficas de obras escritas para o cinema e para a televisão, visando a alcançar o grande público e a atender diversidade deste, propondo para o herói uma configuração moldada por características mais próximas ao espectador/leitor.

Na nova identificação do herói, tanto a flexibilidade moral quanto a ética são postas em questão, uma vez que as marcas identitárias investem no uso da violência, na crueldade, na exploração dos sofrimentos pessoais e no estereótipo físico mais próximo do homem comum, entre outras.

Por tais razões, o estudo sobre o herói, em *O Matador* e em *O Invasor*, nos conduz a realizar abordagens que contemplem variadas composições ou maneiras de identificação, bem como apresentações diante de contextos socioculturais, temporais e espaciais.

Mas antes de avançar sobre o principal foco desse capítulo, pontuamos que, atualmente, há o emprego frequente do termo herói no dia-a-dia, para se fazer referência e caracterizar homens comuns de nosso círculo ou meio social. Explicamos: alguém que, por algum motivo, assumiu uma identidade de destaque. Nesse sentido de amplo espectro, julgam-se heróis os sujeitos que enfrentam batalhas pessoais, lutando contra um mundo marcado por abismos sociais e direitos básicos negados.

Por exemplo: atribui-se ou refere-se a uma mulher o termo de heroína, a uma mulher que tem dois empregos, três filhos e consegue educá-los muito bem e ainda manter sua casa muito organizada; tão herói é o pai de família que ganha um salário mínimo e faz “bicos” no final de semana para complementar a renda. Poderíamos dar um grande número de exemplos nos quais o termo herói é comumente empregado para ressaltar o dispêndio de energia empregado nas batalhas travadas pelos sujeitos sociais em nome de uma vida digna.

Esse tipo de reconfiguração ocorre em uma sociedade como a brasileira. Por ela ser marcada por grandes desigualdades sociais, são árduos os obstáculos para se conseguir ascender socialmente. Por conseguinte, nos espaços urbanos de menor prestígio os heróis são



eleitos, em parte, com fundamento nas adversidades e defasagens culturais, sociais e econômicas.

O reconhecimento das dificuldades e das complexidades de ser um sujeito marginal, reconhecido além dessa característica, é o que faz com que o termo herói seja tão plurissignificativo na contemporaneidade: “As identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas”. (BAUMAN, 2005, p. 19)

Resumindo: um dos principais motivos, que consideramos válido para que houvesse essa flexibilização relativa à identidade do herói, foi a nova dinâmica das cidades globais envoltas em violência, medo e insegurança. Recorrendo ao senso comum, sejam incluídos, neste rol de motivos, aqueles que trocaram o meio rural, migrando para as cidades. Estes, solapados pela miséria, fome e descaso, possibilitaram reconfigurações do conceito de heroicidade, na medida em que atravessaram as dificuldades, conseguiram sobreviver e colonizaram espaços citadinos. Por isso, herói é também aquele que vive lutando pela sobrevivência, enfrentando seus medos diante destas circunstâncias do mundo moderno e demonstrando atitudes baseadas na cordialidade, educação e apoio ao próximo.

### **6.1 Carteiras de identidade de dois heróis marginais**

Para investigar essa “nova” identidade assumida pelo herói, buscamos estabelecer diálogo com os apontamentos realizados por Stuart Hall, Joseph Campbell, Gilberto Freyre, Carlos Ceia, para embasar os estudos realizados no decorrer desta dissertação. Tais diálogos irão versar sobre algumas das possíveis causas que possibilitaram a mudança de uma identidade nos sujeitos/personagens que recebem a denominação de herói. Não seria possível enquadrá-los na definição clássica do termo. Por tal motivo, Hall esclarece que “Ao analisar como as identidades são construídas, sugeri que elas são formadas relativamente a outras identidades, relativamente ao “forasteiro” ou ao “outro”, isto é, relativamente ao que não é. (HALL, 2000, p.50)

Através desse pensamento compartilhado por Hall (2000), observamos que a caracterização do herói, sob uma abordagem geoliterária, sofreu modificações impostas pelas exigências de novos espaços ocupados pelos sujeitos que serviram de parâmetro para a

criação de personagens heroicas apresentadas nos romances. Como consequência das mudanças no quadro da realidade, surge um herói mais concreto, menos perfeito e que atua na solução de problemáticas de diferentes meios sociais e respondem às demandas de segmentos diversificados através de contratos. Mais distante das especificidades daquela categoria de herói que se apresentava como semideus, oriundo de família nobre e herdeiro natural ou sucessor patrilinear (pais e filhos no quadro de relações de um sistema social baseado na propriedade privada), esse herói, sobre o qual discorreremos, afasta-se das matrizes clássicas e pode desempenhar funções que ignoram a ética e o princípio da legalidade.

No livro *Heróis e vilões no Romance Brasileiro* (1979), Gilberto Freyre faz menção a esta nova apresentação:

Ligando-se um estudo do romance brasileiro aos tempos sociais e aos espaços também sociais – além de físicos – que vêm condicionando nele alterações de figuras de “heróis” e de “vilões”, é inevitável aceitar-se a ideia, partida de Bergson e aplicada à literatura de ficção principalmente por Proust, de que, com o tempo, o que é no homem – ou na mulher – personalidade, se altera. E com essa alteração também se modificam conceitos do que seja herói ou heroína, podendo-se chegar até – como vem sendo tendência na literatura de ficção mais recente – ao extremo do anti-herói ou da anti-heroína. Ou à consagração como heróis de tipos outrora considerados negações da figura heroica ou digna de exaltação real ou romanesca. (FREYRE, 1979, p.16)

De acordo com a citação, observamos um binarismo presente à identidade de heróis especialmente na dimensão espacial, quando características mais particulares ou numa acepção maior, de cultura própria, levam, por exemplo, uma comunidade ou região a julgar um modelo de herói inapropriado ou ilegal, enquanto outra o vê com ares de normalidade. Fica, então, patente que não podemos resolver a questão relativa à identidade do herói apenas com base em modelos binários, tendo em vista que o sujeito iluminista deixou de ser sólido, como já observou Bauman, na contemporaneidade.

Por meio desse diálogo que rompe com o binarismo proposto por Freyre, entendemos que, entre as transformações causadas pelo advento da globalização, a identidade não é sólida e imutável, como já se sublinhou no desenvolvimento dessa dissertação. Por tal motivo, compreende-se que o conceito de heroicidade passa por reconfigurações que promovem uma revisão dos pilares da ética, da justiça, do bom-senso, por exemplo, ao elevar à categoria de herói identidades marginais.

Isto posto, passemos a problematização da heroicidade presente na construção do personagem Máiquel, em *O Matador* (1995), sob a óptica da comunidade com a qual ele mantém pertencimento, a fim de emitir uma nova carteira de identidade para o herói.

## 6.2 Máiquel: um herói polêmico

Houve uma época em que o mundo era ordenado de modo divino, de maneira a não conhecer “a necessidade nem o acaso, um mundo que apenas *era*, sem pensar jamais em como ser” (BAUMAN, 1999, p. 12). Nessa época, havia uma estrutura econômica e social que se sustentava, principalmente, pelo *status* fixo, conseqüentemente a mobilidade social quase inexistia. As posições sociais, intimamente relacionadas aos meios de produção, eram heranças familiares que asseguravam a rigidez e a manutenção do sistema.

No entanto, com o advento da globalização passamos por uma mudança radical e irreversível na estrutura social, não sendo mais possível conceituar a identidade por modelos preestabelecidos ou únicos. Por conseguinte, uma profunda mudança no campo da representação literária dos heróis também se fez necessária.

Uma das razões pelas quais houve reconfigurações do conceito de identidade do herói pode ser atribuída ao contexto em que se apresentam as obras. Neste sentido, vamos encontrar sustentação para a nossa tese na sociologia, quando Bauman declara que “o colapso do Estado no que diz respeito ao bem-estar social e ao posterior crescimento da sensação de insegurança com a “corrosão do caráter” que a insegurança e a flexibilidade no lugar de trabalho têm provocado na sociedade”. (BAUMAN, 2000, p.11)

Para que se possa reconhecer os motivos pelos quais levaram um sujeito marginal e transgressor das leis como Máiquel a alcançar o status de herói da sua comunidade, recorre-se mais uma vez à sociologia. As palavras de Bauman oferecem o mapa do caminho a ser percorrido em território literário: “há que se verificar o contexto social, cultural, político assim como o comportamento coletivo e estilo de vida em que o fenômeno ocorre”. (BAUMAN, 2000, p.9). As respostas não serão tranquilizadoras ou de fácil aceitação num primeiro momento, mas apresentarão certa razoabilidade.

Podemos observar que o processo de transformação da personagem Máiquel está atrelado às concepções do tempo em que a personagem se encontra. A construção desse herói é dada a partir do momento em que perde uma aposta relacionada ao seu time de futebol e, por esse motivo, vê-se obrigado a tingir seus cabelos de loiro para cumprir sua parte no acordo, como já foi explicitado nesta dissertação.

Sempre me achei um homem feio. Há muitas curvas em meu rosto, muita carne também, nunca gostei. Meus olhos de sapo, meu nariz arredondado, sempre evitei espelhos. Fiquei admirando a imagem daquele ser humano que não era eu, um loiro,

um desconhecido, um estranho. Não era só o cabelo que tinha ficado mais claro. A pele, os olhos, tudo tinha uma luz, uma moldura de luz. De repente todos os meus traços tornaram-se harmônicos, a boca que sempre fora caída, continuava caída, o nariz continuava redondo, as pálpebras inchadas, porém tudo isso era bobagem porque havia algo maior, mais importante, a moldura. Havia luz em minha face, e não era luz artificial de refletores. Era aquela luz que a gente vê em imagens religiosas, luz de quem é iluminado por Deus. Foi assim que me senti, próximo de Deus. (MELO, 1995, p.10)

Compartilhando o pensamento de Hall que afirma: “o corpo é um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem nós somos, servindo de fundamento para a identidade.” (HALL, 2006, p.15). Concluímos que, de alguma maneira, após tingir os cabelos, Máiquel assumiu uma identidade que sempre desejou ter. Havia a vontade de mudança na sua vida. É relevante colocar que a Psicologia Social mostra que fatos presentes na vida da pessoa acabam por ressignificar o passado e, conseqüentemente, modificar o presente (MOSCOVICI, 1978; JODELET, 1989; ALMEIDA; CUNHA, 2003). Então, a risada de Suel pela nova coloração de seus cabelos somada à insatisfação com o trabalho, com a sua vida financeira e com ele mesmo, fez com que se sentisse outro. A autoestima cresceu:

Aquela tinta tingiu alguma coisa muito profunda em mim. Tingiu a minha autoconfiança, o meu amor-próprio. Foi a primeira vez, em vinte e dois anos, que olhei no espelho e não tive vontade de quebrá-lo com um murro. Beije Arlete e saí feliz, pensando que passei a maior parte da minha vida querendo ser outro cara. (MELO, 1995, p.11)

No entanto, para começarmos a entender os motivos pelos quais Máiquel se assume como herói, não podemos nos concentrar apenas no fortalecimento da autoestima da personagem, precisamos também considerar o seguinte pensamento de Stuart Hall, que envolve terceiros:

Embora possamos nos ver, seguindo o senso comum, como sendo a “mesma pessoa” em todos os nossos diferentes encontros e interações, não é difícil perceber que somos diferentemente posicionados, em diferentes momentos e em diferentes lugares, de acordo com os diferentes papéis sociais que estamos exercendo (HALL, 1997, p.7).

Diferentes contextos sociais fazem com que nos envolvamos em diferentes significados sociais. (HALL, 1997, p.30 e 31)

É importante reconhecer a reflexão de Zygmunt Bauman acerca da identidade alicerçada na sociologia humanística para a natureza de nossa indagação. Podemos entender que ele nos apresenta a identidade como algo que é vista como intangível e ambivalente, ou seja, não é algo concreto e palpável, pois carrega diferentes valores ou poderes contrários ou

não. Compreendemos, assim, que as identidades ainda são assumidas de acordo com o espaço em que se encontram em determinado tempo. Dependendo do contexto, o receptor irá (re) significá-la pelos anseios e desafios que se impõem no momento e espaço em que ela se coloca. Dessa forma, a identidade, — reafirmando as palavras de Bauman —, não deve ser concebida como algo rígido e imutável.

Na articulação dos conceitos de Hall e Bauman sobre a identidade, vemos que há pontos de contato que podem justificar por que Máiquel foi eleito o herói de seu bairro. A posição de Máiquel, como alguém capaz de defender as pessoas, primeiramente em seu bairro e depois nas redondezas de Santo Amaro (bairro comercial da Zona Sul paulista, próximo a muitas favelas) como membro da Alpha — Serviços de Segurança e Vigilância Patrimonial— são fortes argumentos na defesa da sua heroicidade, tanto que chegou a ganhar o troféu de Homem do Ano, e sua prisão causou comoção no bairro.

Inicialmente, ele está posicionado em locais de pouco prestígio social, onde a população se encontra desservida de segurança pública. Logo, o papel social exercido por ele é da “lei” e da ordem, tanto que o delegado Santana assim o define: “ele é um líder comunitário que tem uma carreira pela frente”. (MELO, 1995, p.146). Ora, o próprio contexto social permite que ele se identifique como o herói, líder ou o salvador, ao livrar a comunidade dos transgressores, como bem demonstra o exemplo a seguir:

Procurei o envelope que Santana ficou de deixar na minha gaveta, estava lá. Sidenil, pardo, dezessete anos, Jardim Campinas. Roubou cigarros e bebida na padaria do Carlos. Carlos, Carlos, Carlos, lembrei, Carlos era nosso protegido. Quinho, dezesseis anos, preto, faz parte de uma quadrilha de traficantes. Evaristo, treze. Imagina, treze anos, vendendo limões, cheirador de cola. Tentou levar o relógio do Tito, o investigador. (MELO, 1995, p.134)

Um outro fator importante na discussão da identidade do herói é o tempo da narrativa que Máiquel protagoniza. O tempo em que ele atua é o da sociedade capitalista, no qual poucos conseguem mudar de condição social. Porém, Máiquel não só conseguiu passar da “identidade de um homem cinza”, como atingiu um patamar financeiro, que lhe permitia se destacar dos demais sujeitos de sua comunidade.

Se nos propuséssemos a analisá-lo em um outro ambiente, dificilmente ele seria considerado herói, pois a sua identidade seria reduzida, por exemplo, a de um criminoso, um “forasteiro” cuja transgressão o excluiria ainda mais da sociedade convencional, tendo em vista que a sua primeira condição de exclusão social já é dada desde o início da narrativa,

“produzindo uma identidade que, por estar associada à transgressão da lei, é vinculada ao perigo, sendo separada e marginalizada”. (HALL, 2000, p. 47)

Entretanto, no contexto da narrativa de *O Matador* (1995), ele se enquadra na categoria de herói. Se, por um lado, tal enquadramento é justificável, por outro, parece ser contestável e polêmico.

Justifica-se, pois, seu heroísmo, na exata medida em que Máiquel se apresenta como uma personagem que faz parte de um lugar “abandonado” pelos pressupostos constitucionais individuais e coletivos arraigados na Constituição Federal da República Federativa do Brasil, sem garantias, por exemplo, de segurança, lazer, igualdade, liberdade entre outros.

Dessa maneira, ele se apresenta como uma personagem capaz de “fazer justiça” e, conseqüentemente, manter certa ordem e certos “direitos” para a comunidade na qual está inserido. Ressaltamos que Máiquel reúne em si características para assumir uma posição que se aproxima do herói mitológico, a saber: a chamada à aventura (perder a aposta), a recusa do chamado (depois de ter lançado o desafio do duelo, cogita desistir), o auxílio sobrenatural (ajuda do dentista Carvalho), apoteose (Cidadão do Ano) (SILVEIRA, 2000).

A professora da UERJ Ana Cristina Chiara (Matraga 12, 1999) faz colocações que nos permitem reforçar a possibilidade de uma leitura de Máiquel como o que traz consigo a identidade de herói.

Segundo a professora, que, nesse posicionamento, utiliza comparativamente os autores Patrícia Melo e Rubem Fonseca, o que torna as personagens heróis são os processos de criação utilizados pelos autores. Embora, no final de sua reflexão, conteste se esse herói consegue manter a força nos tempos atuais, considera que Máiquel é um herói de seu tempo. Entende-se que só é possível observar Máiquel e os seus feitos valorosos dentro do ambiente e do tempo em que ele está posicionado. Assim, é possível aproximar a leitura de sua trajetória à Jornada do Herói proposta por Joseph Campbell (1949).

À guisa de ênfase, vale ressaltar que, para Campbell, o primeiro passo do herói é a chamada à aventura. Esse chamado, em *O Matador* (1995), é realizado quando Máiquel vai ao consultório de dr. Carvalho com a finalidade de se livrar da dor de dente que o assola. Diante da visível dificuldade financeira da personagem, o dentista propõe que Máiquel mate Ezequiel, supostamente o estuprador de sua filha inocente.

Podemos aproximar tal condição à definida por Joseph Campbell (1949) como o chamado à aventura: o herói começa em uma situação de normalidade e desta recebe alguma informação que atua como um chamado para se dirigir ao desconhecido. Como não possuía

antecedentes criminais ou habilidades com armas de fogo, até matar Suel, supostamente em defesa de sua honra, não aceita o chamado de imediato.

De acordo com Campell, a recusa ao chamado é previsível na trajetória do herói. Muitas vezes, quando se efetiva, o futuro herói primeiro se recusa a ouvi-lo. Tal recusa pode estar ligada a um senso de dever ou obrigação, medo, insegurança, sentimento de inadequação, ou a qualquer uma das razões apresentadas que trabalham para manter a personagem em suas atuais circunstâncias.

As circunstâncias indesejadas que se apresentam a Máiquel, como a surpresa da gravidez de sua namorada, a humilhação que sofre diante dos amigos pela sua baixa remuneração, a “fama” repentina que ganhou na comunidade e o cumprimento da promessa pelo dr. Carvalho fazem com que ele aceite a missão.

A seguir, Dr. Carvalho fornece o dinheiro para que ele compre o revólver, convencendo Máiquel de que nada ali é injusto, utilizando-se inclusive de passagens bíblicas, que partem do princípio de que a justiça é um direito divino. Dr. Carvalho é visto por Máiquel como um homem sábio, que o ensina a ver o outro lado do mundo, muito diferente do seu. Também é responsável por apresentar Máiquel a outras pessoas e insere-o em um novo quadro identitário, e, como já dissemos, a identidade também é construída a partir das relações sociais que são mantidas pelos sujeitos:

Não é na ciência que eu busco meus argumentos, ele disse. Deus. Deus é quem me dá as respostas. Eu estudei o Apocalipse, os atos dos Apóstolos e a Epístola dos Romanos. Não falo sem saber. O apóstolo Paulo, por exemplo, capítulo XXV versículo 10: Convém que eu seja julgado aqui, diante do tribunal de César. Muito inteligente o dr. Carvalho [...] Sabe o que o apóstolo Paulo quis dizer com isso? Não, não sei. Ele quis dizer que o julgamento na terra é justo, é aceitável. É correto. Não é só Deus que pode julgar. O homem pode, o homem deve julgar [...] Cristo também. Cristo admitia essa possibilidade. Pilatos, quando estava interrogando Cristo, irritado porque Cristo não respondia as suas perguntas, disse: sabes que teu destino estás em minhas mãos? A resposta de Cristo foi: Deus te deu esse poder. Ou seja, Cristo, o próprio Cristo, admitia que não só Deus, mas o homem também, sob o comando de Deus, o homem poderia matar. (MELO, 1995, p.31)

Em suma, o dentista funciona como uma espécie de mentor de Máiquel, se levarmos em conta um modelo adaptado do circuito postulado por Campell sobre a trajetória do herói, a saber: uma vez que o herói se comprometeu com a missão, consciente ou inconscientemente, seu guia e ajudante mágico aparece ou se torna conhecido. Mais frequentemente, este mentor sobrenatural apresentará ao herói um ou mais talismãs ou artefatos que o ajudarão mais tarde em sua busca.

Buscamos aproximar tais conceituações de Campell à figura de dr. Carvalho, por ser ele o responsável por fornecer meios para que Máiquel cumpra à sua maneira a “justiça”. Põe ao alcance dele: arma, interessados nos serviços dele, incentivos como o tratamento dentário e palavras.

Dessa fase de instrumentalização, chega-se à morte de Ezequiel. Este é o ponto onde o herói realmente cruza o campo de aventura, deixando os limites conhecidos de seu mundo e aventurando-se em um ambiente desconhecido e perigoso, onde há novas regras e novos limites. Esse pode ser considerado o momento “do cruzamento do limiar”, em que a nova identidade é concebida e vai sendo sedimentada, como podemos verificar após outros assassinatos: “Eu mudei. Eu não era mais aquele homem do início, eu era um matador” / “Eu não gosto de mulher que me chama de meu amor, meu amor, o caralho, eu sou o matador”. (MELO, 1995, p. 94;115)

Dessa maneira, Máiquel é contratado para assassinar ou “eliminar” outras pessoas, através de indicações do Dr. Carvalho que é o responsável por alçá-lo a uma categoria superior. Nessa proposição, vemos Máiquel sendo “eleito” como aquele capaz de aventurar-se por espaços proibidos e desconhecidos e lutar contra “inimigos”, como se pode observar através da conversa que Santana, o delegado de polícia, mantém com ele:

Eu tenho acompanhado o seu trabalho, meus homens falam muito de você. Fui eu que pedi para o dr. Carvalho nos apresentar. As pessoas aqui do bairro te adoram e você sabe disso. Os comerciantes te respeitam. E o que você faz, Máiquel? Eu matava pessoas, mas isso eu não disse, fiquei esperando ele responder. Filantropia para a polícia, é isso o que você faz. (MELO, 1995, p.123)

Entendemos que a fala de Santana ilustra a ascensão da trajetória do herói, pois Máiquel prova o sabor do reconhecimento e é tomado pelo sentimento de ser essencial às pessoas. Trata-se de um momento que culmina com o final da parte um da narrativa:

Senti uma coisa quente dentro do meu peito, uma paz quente, sei lá o que me deu, não foi o uísque, foram as palavras do delegado que me trouxeram aquela paz, aquele orgulho, um delegado me propondo sociedade, eu era mesmo uma pessoa querida no bairro, eles passavam e buzinavam, acenavam as mãos, senti tanta paz [...] (MELO, 1995, p.124)

Pontuamos que, mesmo considerando importante garantir a segurança da comunidade e ser reconhecido, Máiquel também viu a oportunidade de obter ganhos financeiros com seu serviço de proteção, o que muito se aproxima das dinâmicas das milícias, fenômeno social presente no cenário urbano:



Daríamos mais segurança ao bairro: desde os favelados, faça as contas, se cada barraco pagar cinco dólares, ele disse, o preço tem que ser em dólar, verdade seja dita, o dólar é nossa moeda, se cada barraco pagar cinco dólares, quinhentos barracos, dois mil e quinhentos dólares, isso não é nada, é merreca, porque tem os pequenos comerciantes, os grandes comerciantes, os industriais, as multinacionais, os multimilionários, os deputados, as disputas, as amantes dos deputados, os amantes em geral, os maridos que atrapalham tudo, as esposas que atrapalham tudo, os sócios que atrapalham tudo, os ecologistas, os defensores de direitos humanos, tem tudo isso, todo mundo vai querer nosso serviço, ele disse. (MELO, 1995, p.124)

Na tarefa de zelar pela segurança da comunidade, Máiquel associa-se ao delegado Santana. Juntos vão colocar em funcionamento uma firma de segurança patrimonial denominada ALPHA (Serviço de Segurança e Vigilância Patrimonial S.C. Ltda.). Trata-se de uma empresa que funciona como “escritório do crime”, onde um delegado se esconde a fim de obter lucros com informações privilegiadas que possui — inclusive forjando assaltos — e coloca um “laranja” à frente, não só para executar como também para ser responsabilizado pelos atos ilícitos, caso haja a necessidade de indicar um autor.

A empresa é vantajosa para Máiquel, pois, através dela, obtém ganho financeiro que lhe possibilita morar num lugar melhor, vestir-se melhor, ter motorista e secretárias. Ao mesmo tempo, a empresa é responsável pelos problemas surgidos na vida de Máiquel, tendo em vista que ele era uma espécie de coordenador dos negócios. Era ele quem executaria todo o trabalho fim e ficaria exposto como responsável pelos atos:

Santana, era esse o nome do delegado, Santana entraria com o escritório, as secretárias, o telefone, a placa da firma, o advogado e, claro, ele disse, com o poder, as influências, a cobertura. Eu entraria comigo mesmo, com a minha equipe, com o que eu sabia fazer, ele disse. O meu nome não vai aparecer no contrato social, ele disse, você sabe, eu sou delegado, e tem sempre um civil, tem sempre um delegado, um advogado, um defensor dos direitos humanos, tem sempre um cara desses querendo criar problemas para um cara como eu, como nós, vamos colocar o nome de um conhecido, não se preocupe, ele não vai apitar nada, nós é que vamos apitar. (MELO, 1995, p.124)

O envolvimento com a empresa, a sua falta de tempo e as preocupações acabam fazendo com que ele perca Érica, sua namorada, e Samantha, sua filha. As perdas causam-lhe grande desequilíbrio emocional e são um dos principais motivos pelo início de sua derrocada ou o fim de sua trajetória; lembremo-nos que essa também é uma das partes da jornada do herói.

Consideramos que esse ciclo entra em colapso quando Máiquel, tomado pelo ciúme, agride Marlênio; em seguida, o pastor vai à delegacia denunciar Máiquel. Na ilusão de pertencer a um novo mundo, Máiquel vai à casa do dr. Carvalho se aconselhar. Ali, toma ciência da internação de Gabriela, filha do dr. Carvalho, é delatado pela menina ao pai como

fornecedor de cocaína. Esse pode ser considerado o ponto de corte da trajetória de Máiquel como frequentador da casa de dr. Carvalho e retorno à sua condição marginal:

Pai, fique sabendo, esse cara que está sentado na sua frente, esse pedaço de cocô, que agora usa calça de pregas e cordão de ouro, esse homenzinho indecente que vive matando menor abandonado, ele vende droga para mim. Antigamente, ele me dava pó de presente. Depois, começou a cobrar [...]

Gabriela saiu do escritório, eu e dr. Carvalho ficamos com aquilo entre nós, aquela batata quente. [...]

O dr. Carvalho sentou e eu falei mais umas três vezes que não vendia pó. Ele levantou. Foi até a porta. Voltou. Pegou o telefone. Desligou o telefone. E então, assim, sem que eu esperasse, agarrou um peso que estava sobre os receiptários e atirou na minha direção. Acertou na minha boca, quebrou meu dente, eu disse, o senhor quebrou o meu dente. [...]

O problema não era eu ter vendido pó para a filha dele. O problema não o fato da filha ser cocainômana. O problema era a filha dele ter contado para mim que ia ser internada, era isso que ele não podia tolerar, as pessoas saberem. (MELO, 1995, p.173-174)

A partir desse ponto, Máiquel começa a ter consciência da sua verdadeira identidade social de marginal e das construções de identidade existentes no meio social. Tomado pela raiva de ter sido humilhado na casa do dr. Carvalho, somada ao abandono de Érica, vai alcoolizado ao encontro de Enoque e, num momento de ira e revolta, atropela e mata um jovem pertencente à classe média, filho de uma dona de boutique e de um médico pediatra. Cabe aqui abrir parênteses para observar que tal situação ocorreu anteriormente na narrativa, em páginas iniciais da obra. Narra-se o envolvimento de Máiquel no atropelamento de um mendigo, o que não causou transtornos ao justiceiro.

A partir desse evento, Máiquel se vê diante de um abismo, onde a decadência pessoal e financeira vem em sua direção. Ao ser denunciado por Marlênio e preso pela morte do menino de classe média, Máiquel perde o seu frágil posto de herói e de justiceiro e tem ratificada a sua condição de “marginal”, aquele que não está inserido num centro de poder, sendo abandonado pelos que ele considerava serem seus amigos. Sendo também abandonado na prisão, sofre uma tentativa de assassinato; afinal, ninguém poderia ter seu nome associado a ele. Verifica-se, neste processo descendente, um estado de conscientização do eu:

Eu não estava muito longe de entender que existe o lado de lá e o lado de cá, e que não se muda de lado. Nunca. Você pode até pensar que mudou, eles fazem você pensar isso, entre e feche a porta, você acha que mudou, mas não, na verdade não é mudança, se você está do lado de lá é porque eles estão precisando de alguém para lavar o banheiro de mármore deles. É isso simplesmente. (MELO, 1995, p.180)

Por fim, ele começa o seu caminho de volta, um regresso ao mundo comum, através da fuga e de vingança. O desfecho da narrativa é aberto, podendo ser entendido como um momento que possibilitará uma “ressurreição”. A partir do momento em que passou por tal teste — traição, abandono, sensação de quase morte—, poderá usar tudo o que foi aprendido para retornar ou para optar por libertar-se para viver.

A partir de tais premissas, buscamos aproximar também a personagem Anísio da condição de sujeito-herói, uma vez que as argumentações acima expostas também podem no espaço e no tempo de *O Invasor* (2002) abarcar a personagem do matador de aluguel.

### 6.3 Anísio: interrogações acerca da heroicidade

Ao investigar traços de heroicidade na personagem de Anísio, é importante definirmos, de imediato, a nomenclatura “herói”. De acordo com António Muniz, no *E-dicionário de termos literários*, vemos que tal nomenclatura

Designa, genericamente, o protagonista, ou personagem principal (masculina ou feminina), da epopeia, prosa de ficção (conto, novela, romance) e teatro. (CEIA, 1995, p.272)

Uma vez que a avaliação do herói, feita pelo leitor /espectador, assume sempre aspectos subjectivos, uma vez que, no quadro da apreciação humana das situações de vida e dos acontecimentos, a ambiguidade dos pontos de vista é uma constante, que se inscreve no carácter dialéctico da condição humana, qualquer reacção do protagonista é sempre susceptível de interpretações antagónicas

[...] Por outro lado, a ideologia do leitor/espectador condiciona sempre a leitura do comportamento dos heróis épicos, sobretudo na nossa época, bastante avessa aos códigos aristocráticos. (<http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/anti-heroi/acesso> em 05/05/2019)

Antes de avançarmos na indagação, esclarecemos que as flutuações do conceito de herói serão utilizadas face às mudanças que a figura do herói sofreu ao longo dos anos. Mas não só isso. Pretendemos também, nesta investigação sobre a heroicidade analisar a personagem Anísio segundo as construções identitárias do herói previstas na contemporaneidade.

A investigação se pautará na problematização do processo de heroicizar Anísio, partindo da ideia de instabilidade e deslocamento que vai permitir que o termo herói não possua um único centro existente capaz de identificá-lo. Já se sabe que o modelo clássico de herói não é capaz de identificar sujeitos no âmbito do que se considera ser indispensável para

a caracterização de um herói na contemporaneidade. Dessa feita, não podemos resolver essa classificação (da identidade do herói contemporâneo) com base no modelo preestabelecido. (BAUMAN, 2000, p.11)

O fato é que a concepção unificadora e imutável de identidade já não é mais aceita e em seu lugar os diferentes autores discutem identidades descentradas, deslocadas, fragmentadas (HALL, 2001), destacando seu caráter flutuante, sua condição frágil e provisória (BAUMAN, 2005). Destacam, ainda, autores o quanto essas modificações estão relacionadas aos processos de hibridização cultural (CANCLINI, 2007); ou seja, prender-se a modelos de classificação de identidade é ineficiente, tendo em vista que: “não é mais possível solidificar o que se tornou líquida”. (BAUMAN, 2000, p.12). É assim também que entendemos as definições voltadas ao herói ou a heroicidade do sujeito moderno.

Sabemos que as condições da sociedade individualizada, repartida e tomada pelos sentimentos do medo e da insegurança, problematizam e possibilitam inúmeras contradições na eleição de heróis no contexto atual.

Tais condições baseiam-se no fato de as pessoas de diferentes categorias sociais, etárias e de gênero encontrarem-se atormentadas por seus próprios medos e apresentarem carências em relação ao medo e proteção, buscando eleger alguém que seja capaz de construir uma ordem, que tenha habilidade e coragem o suficiente para livrá-las de tormentos momentâneos.

E o que vemos são pessoas considerando normais e válidas o emprego de ações violentas e aprovando exclusões dos outros, a partir do momento que tais ações evitem que elas sejam atingidas. O que se vê é uma espécie de eleição de sujeitos a que se recorre, a fim de que — em caso de problemas — possam ser acionados como guardiões da segurança, mesmo que seja a nossa. Nas observações feitas por Zygmunt Bauman, em *Modernidade Líquida* (2000), em que toma por empréstimo o termo usado por John Dunn, tal dinâmica funciona como um mecanismo ajustado para servir à “ordem do egoísmo”.

Observamos tal dinâmica nas ações de Ivan e Alaor. Os engenheiros elegem seu “possível herói”, tomados pelo que se chama “medo derivado” — um sentimento de ser suscetível ao perigo — pelos quais o homem moderno passa constantemente, em menor ou maior escala. A eleição a qual nos referimos está relacionada à condição de alguém que possa livrar os sócios de um problema emergencial. Se pensarmos por esse viés, Anísio é o sujeito que poderá defendê-los.

Ambos sentem uma insegurança em relação à figura de Estevão, tendo em vista que o sócio majoritário era visto como uma ameaça à propriedade, à segurança de seu sustento

(renda, emprego) e ao lugar deles no mundo (a posição na hierarquia social, a identidade de classe). Essas possíveis ameaças poderiam levá-los à degradação ou à exclusão social.

Ao encontrarem-se diante da ameaça, para Alor e Ivan há duas possíveis alternativas como solução: a fuga ou a agressão. A fuga pode ser vista, no caso dos sócios, como a desistência em firmar o contrato fraudulento ou a busca por um novo emprego. Entretanto, optam pela agressão, mas tal ação implica a eleição de Anísio, como aquele que é capaz de resolver os possíveis problemas causados por Estevão.

De imediato, não há uma identificação da personagem Anísio como alguém de destaque dentro da narrativa de Marçal Aquino, o que inviabilizaria a sua condição de heroicidade. No entanto, começamos a perceber uma usurpação do protagonismo, que dá início a uma possível aproximação da personagem com as marcas de heroicidade, após o assassinato do sócio majoritário e da sua esposa. No protagonismo conseguido aos poucos, há um elemento fundamental que diferencia Anísio das demais personagens e permite que ele se destaque na narrativa: o poder.

Retornando à investigação da heroicidade, é importante assinalar que, após assassinar Estevão, Anísio já dá indícios de que irá se fixar no território da empresa. Ele vai lá cobrar pessoalmente e se sente à vontade. Arruma meios de mostrar que ele é o que menos tem a perder com a revelação do crime e acaba por intimidar os sócios de maneira muito peculiar.

A coação ou o que pode ser considerado uma espécie de terror psicológico praticado por Anísio indica quem está com as rédeas da situação. Há uma guerra silenciosa. Anísio instila o medo para fixar naquele lugar: “Vou estar protegendo o que é meu, não é mesmo?” (AQUINO, 2000, p.77)

Então, a partir desta fala, observamos a ascensão de Anísio. Ela representa uma tomada de poder vertiginosa. Ele vai se aproveitando de maneira voraz. Naquele momento, nota-se quem está na posição de comando. O matador de aluguel se impõe como alguém do qual Ivan e Alor não podem mais abrir mão. Confirma-se assim, a consumação da ocupação dele dentro da empresa.

Com a finalidade de defender a heroicidade da personagem de Anísio relacionada a outras personagens presentes no enredo, uma das obras a que recorremos foi ao *Dicionário de termos literários* (1985), a fim de rever o conceito de heroicidade pelo viés de da ascensão social, uma vez que essa mudança dentro do contexto da sociedade capitalista é condição difícil por toda a marginalidade social e existencial envolvida.

Sendo assim, de acordo com o autor, Massaud Moisés, o “Herói — designa, genericamente, o protagonista, ou personagem principal (masculina ou feminina) da epopeia,

prosa de ficção e teatro”. (1985, p. 272). Poderíamos observar também pela natureza do herói que Anísio vence obstáculos e mostra-se valente diante da sua própria natureza de sujeito marginal.

Não podemos ignorar que Anísio, ao encontrar a brecha para atravessar a fronteira que o separa daquele novo mundo ou de um ambiente que lhe é estranho, é movido por um ato de coragem inconsciente. Age mais por instinto de sobrevivência. Solitário a cruza. Diante dos traços aqui apresentados, consideramos Anísio um “herói de seu tempo”.

Informamos que descolamos o rótulo de anti-herói de Anísio, baseando-nos na definição de António Moniz para o *E- dicionário de termos literários*, de Carlos Ceia, já que, de acordo com o verbete, em “segunda acepção, anti-herói é sinónimo de antagonista, ou personagem que se opõe ao protagonista da história narrada ou encenada”. Assumimos reconhecer que ele é o protagonista da narrativa ficcional de *O Invasor* (2002) e, sendo assim, ainda podemos verificar que, em sua consciência, sua luta é justa, devido à falta de oportunidades que sujeitos marginais como ele possuem de ascender na vida.

Se nos posicionarmos pelas justificativas atenuantes de Anísio, podemos direcionar uma leitura (por uma das recepções possíveis) em que se depreende que os possíveis vilões dessa narrativa podem ser os sócios majoritários Ivan e Alaor, uma vez que tais sujeitos, mesmo possuindo oportunidades, optam por adentrar no mundo marginal e tramam a execução do sócio majoritário, porque suas motivações decorrem de seus interesses particulares, modelados pela ganância e pela busca pelo poder.

Ainda na condição de possível vilania, Ivan e Alaor podem ser considerados sujeitos desleais, cruéis, frios, calculistas e covardes, tendo em vista que foi Estevão quem lhes oportunizou a sociedade.

Uma outra personagem capaz de fortalecer Anísio como um herói é Marina —herdeira da empresa e filha única de Estevão. A partir da sua construção ficcional, observamos que Marina é presa fácil. A herdeira já tinha iniciação no mundo marginal e uma explícita carência afetiva. Por essas razões, não resiste às investidas de um sujeito estranho e, rapidamente, elege (talvez por ingenuidade) Anísio como seu herói. Devemos acrescentar que a nova sócia tinha no currículo uma passagem, aos dezesseis anos, por uma clínica de desintoxicação. Era um assunto ao qual Estevão evitava falar. (AQUINO, 2000, p.86)

Para Marina, Anísio pode ser a encarnação de um príncipe ou um herói “marginal”, uma vez que exercia controle da situação, poder e capacidade para protegê-la. E foi na observação da viabilidade de um enlace com “a mocinha Marina”, de despertar o amor nela e suprir uma carência percebida por ele, que Anísio consumou sua relação com a herdeira e

alcançou a posição de principal administrador da empresa, o que frustrou os planos de Ivan e Alaor em serem os “donos” da empresa.

A heroicidade de Anísio, independente das proposituras morais e éticas que possam balizar uma ideia contrária, ainda se mostra na maneira que a tomada de poder dele se deu. Aos poucos, vai instaurando caos, anarquia e desordem, não somente na vida daquelas pessoas, mas também num sistema social preestabelecido, onde não havia espaço para ele. A tomada do poder é subversiva, provavelmente motivada pela miséria, pela fome, pela vida marginal que tinha. No enquadramento ético matador, a conquista encena um ato de bravura, coragem e inteligência

## 7 ESPAÇOS E IDENTIDADES

### 7.1 A casa como elemento constituinte da identidade do sujeito

Esclarecemos que, para dialogarmos e refletirmos sobre a relação da casa com a identidade dos sujeitos nas narrativas do corpus dessa dissertação — *O Matador* (1995) e *O Invasor* (2002) —, iniciaremos o capítulo apoiando-nos nas teorias de Gilberto Freyre e Gaston Bachelard, e, posteriormente, iremos recorrer às de Stuart Hall e Roberto Da Matta a fim de desenvolvermos a proposta dessa seção.

Começamos por declarar que a casa fornece informações importantes acerca da construção identitária do sujeito em narrativas ficcionais. Para Gilberto Freyre, “a relação do homem com a casa, é como a relação do homem com o ventre materno, o ventre gerador, o útero” (FREYRE, 1971, p.10). Já para Gaston Bachelard, a casa se destaca por ser “um espaço privilegiado da intimidade, como se fosse uma espécie de universo particular”. Nesse sentido, “o espaço assume a identidade de quem o ocupa: na mais interminável das dialéticas, o ser abrigado sensibiliza os limites do seu abrigo”. (BACHELARD, 2000, p. 25).

É dessa forma que pensamos o espaço da casa como um lugar em que residem memórias, valores, tradições, segredos, laços e maneiras de se relacionar, que se confundem com o próprio sujeito que nela habita. A casa preserva a intimidade e a privacidade dos sujeitos. Trata-se de um lugar no qual eles conseguem sentir segurança e também se refugiarem quando necessário, evitando exposições ou posições de vulnerabilidade a condições externas adversas. Ainda podemos considerar o espaço da casa como o lugar em que os sujeitos podem se despir de qualquer máscara imposta socialmente. Em tempo, vale também lembrar que, em uma de suas citações, Mia Couto (2007) nos coloca que: “o homem é como a casa: deve ser visto por dentro”.

Diante das considerações expostas no parágrafo anterior, podemos perceber que, ao refletir sobre a casa enquanto elemento estruturador da narrativa, precisamos ter em mente que a habitação possui “uma gramática própria de organização, de valores e de ordem, o que nos permite concluir que não há assim assunto mais complexo que a casa, sobretudo a patriarcal, paradoxalmente materna” (FREYRE, 1971, p.9). Estamos perante as possíveis razões que justifiquem o fato de as vivências do homem nesse espaço serem consideradas especiais e envoltas de sentimentos.



Uma vez que observamos que as casas presentes nas narrativas ficcionais do *corpus* dessa dissertação estão atreladas às identidades, reconhecemos que uma abordagem analítica sobre a casa pode ser feita através de contrastes, levando-se em consideração os modos de ocupação desses espaços. Com respeito às casas da periferia e às localizadas nos centros de poder econômico (o que nos permite ter uma ideia das marcas identitárias sociais e da ideia de coletivização presentes nas narrativas, ao analisarmos casas das personagens principais), é possível depreender que:

Servem para marcar as diferenças entre nós, cosmopolitas, consumidores de arte, conhecedores de bons vinhos e da boa mesa, e essa gente, que “enche a cara e passa o dia a se engalfinhar – patéticos em sua animalidade. (DELCASTAGNE, 2012, p.27)

Como se pode constatar, as casas apresentam marcas expressivas capazes de apresentar traços diferenciadores de identificações sociais, culturais e políticas desses dois espaços polarizados — centro e periferia — dentro das cidades. Por tais abordagens acerca da casa como marca de identidade, consideramos que ela é capaz de nos fornecer um panorama das particularidades econômicas, éticas e morais existentes na sociedade contemporânea. Os desníveis em manter um equilíbrio entre a identidade individual e a coletiva nos levam a perceber que as velhas identidades que, por tanto tempo estabilizaram o mundo, encontram-se em declínio. Surgem, a partir daí identidades novas, transitórias, temporárias e que podem nos dar a ideia da fragmentação identitária do sujeito, que, por vezes, encontra muita dificuldade de “saber quem ele é”. Por tais razões, a casa torna-se um tema de investigação e análise em diferentes áreas do conhecimento humano:

A casa brasileira – ponto por excelência de encontro do social com o pessoal – constitui um conjunto de valores, mitos, tradições, símbolos, social e regionalmente dispersos que vêm sendo captados por ensaístas, poetas, sociólogos, historiadores, artistas plásticos, compositores, em criações nesses vários setores (FREYRE, 1971, p.48).

Escolhemos seguir na direção das artes. Vamos proceder a uma investigação da casa em espaço literário, como elemento integrante da prosa ficcional de Patrícia Melo (1995) e Marçal Aquino (2002). Embora estejamos habituados a pensarmos a casa em suas concepções de refúgio, paz e memória, salientamos que ela também aparece como lugar onde a violência se manifesta em diferentes formas. Além disso, a casa pode ser concebida como um objeto de desejo e símbolo de prosperidade financeira; um lugar que precisa ser preservado de ameaças externas. São estes os pontos a serem perseguidos na próxima seção.

## 7.2 A representação da casa como fronteira identitária

Conforme já antecipamos de modo geral, em *O Matador* (1995) e *O Invasor* (2002), a casa surge em simbolismos que permitem que esse espaço ultrapasse a fronteira dos símbolos mais comuns a ela atribuídos: abrigo, refúgio e proteção.

Nas duas obras já citadas, a casa desponta como lugar norteador de ações, relações e contratos, ainda sendo relevante considerá-la como um espaço que fornece informações sobre faixa etária, sexo, gostos, entre outras, capazes de revelar as identidades de seus ocupantes.

Stuart Hall nos fornece a base para realizar a análise da identidade das personagens, em *O Matador* e *O Invasor*, através de suas respectivas vivências no âmbito da casa, pelo viés dos binarismos e simbolismos em suas configurações. Seguem as orientações do teórico:

Ao analisar como as identidades são construídas, sugeri que elas são formadas relativamente a outras identidades, relativamente ao “forasteiro” ou ao “outro”, isto é, relativamente ao que não é. Essa construção aparece, mais comumente, sob a forma de oposições binárias. A teoria linguística saussuriana sustenta que as oposições binárias – a forma mais extrema de marcar a diferença – são essenciais para a produção do significado (HALL, 1997<sup>a</sup>, p.50)

Assim, estamos a propor que, no decorrer do capítulo, iremos explorar as construções das identidades das personagens com base na casa enquanto elemento estruturador da narrativa. Nossa intenção é abordar as diferentes construções da identidade da casa em si, uma vez que ela não se encontra reduzida ao seu sentido mais comum — lugar de habitação e abrigo capaz de fornecer proteção e paz aos seus moradores —, porque se apresenta como lugar destinado a encontros e reuniões.

Discorrendo ainda sobre esse espaço narrativo de *O Matador* e *O Invasor*, buscaremos também analisar a construtora Araújo e Associados, uma vez que ela é uma espécie de “casa comercial” e lá se efetuam transações comerciais, já que, de acordo com a definição no dicionário infopédia (consulta realizada em 21/05/19), a casa pode ser também considerada como estabelecimento comercial, empresa, firma, repartição, instituição ou empresa em que se trabalha.

Iniciaremos a incursão pela narrativa ficcional de *O Matador* (1995) para discutir a identidade de Máiquel atrelada à sua condição pessoal em franco vínculo com a casa em que vive. Posteriormente, em *O Invasor*, iremos colocar em discussão a identidade de Anísio, tendo em vista os espaços privados pelos quais circula.

É possível, através da casa da personagem de Máiquel, obtermos revelações de seus estados íntimos, possibilitando-nos construir uma história do seu “eu interior” e de como coexistem múltiplas identidades dentro dele. Essas identidades podem ser consideradas como transitivas. Elas se mostram diferentes das assumidas por ele nos espaços da casa e da rua. Se é certo que são distintas, certo também será considerá-las complementares. A saber: para que a identidade seja atrelada à uma condição pessoal do sujeito, é preciso considerar que só é possível definir o “eu” de cada um em relação ao outro. Podemos dizer, então, que as identidades assumidas implicam uma relação de semelhança e, ao mesmo tempo, de diferença no espaço da casa e na afetividade envolta nela. Podemos tecer considerações relevantes acerca dessa transitividade identitária.

Se as primeiras aparições de Máiquel se mostram pacata e tímida no espaço da rua, observamos que a presença de uma identidade diferente em suas ações e pensamentos dentro da casa. Isto se dá porque Máiquel transita entre dois polos distintos: o do seu “eu exterior”, que faz remissão à sociedade em que se encontra inserido em suas relações com esse meio social; e o seu “eu interior”, que ainda se encontra numa busca por saber quem ele é. Identificamos que há uma espécie de inconformismo em Máiquel, pelo fato de ser desprovido de condições financeiras para participar do mercado de consumo, mas também um comodismo, por acreditar que nunca dá certo o que ele faz. Esses sentimentos polarizados em relação ao mundo exterior e a pressão exercida desestabilizam e incomodam Máiquel há algum tempo:

Quando eu era garoto, adorava ouvir a música do Mappin. Videocassete Gradiente, quatro cabeças, controle remoto. Garantia Gradiente de um ano. Limpeza automática das cabeças. À vista cento e sessenta ou duas de oitenta. Famílias, brinquedos, prestações, crediários. Aproveite! (MELO, 1995, p.11)

Se as travas que lhe vetam o ingresso no mundo consumidor causam-lhe descontentamentos com sua identidade, estes ficam mais explícitos, ao observarmos os pensamentos de Máiquel em casa. Através do binarismo — casa e loja de departamento — compreendemos mais claramente o modo que ele enxerga o mundo e a si próprio:

As pessoas matam e fogem. Ou são presas e perdoadas. São condenadas e fogem. Comigo nada seria assim. (MELO, 1995, p.18)  
Eu demoro muito para entender as coisas. Parece que tem um véu cobrindo o meu entendimento. (MELO, 1995, p.39)

Esses pensamentos, descontentamentos e experiências socioeconômicas nos levam a testemunhar o surgimento de uma nova etapa no seu processo de tomada de consciência de si.

A tensão entre exterior e interior revela que Máiquel possui identidade conflitante, tanto que sofre com esta contradição: “estava arrependido por ter proposto o duelo, aquilo tinha sido uma bobagem, uma estupidez sem fim. Quis dar uma de bacana para impressionar Cledir e me ferrei todo” (MELO, 1995, p.14). Podemos concluir que, quando a porta da casa de Máiquel se abre, exhibe-se um universo particular da personagem, uma vez que suas crises identitárias tornam-se visíveis.

Ao analisar a personagem no espaço privado, nos deparamos com um jovem inseguro, sem muitas perspectivas sobre si e os demais, que se deixa levar por anúncios e programas de televisão, mas que impõe dinâmicas próprias e regras particulares ligadas a valores pessoais dentro de sua casa. Elas funcionam como marcas possíveis de inseri-lo numa identificação marginal, uma vez que foge a convenções pré-estabelecidas, uma espécie de demarcação fronteiriça entre ele e os outros. Uma marca que merece destaque, por exemplo, é a convivência que Máiquel mantém com um porco de estimação, Gorba: “Passei a sentir um certo carinho pelo Gorba, meu porco, [...]. Mas eu gostava mesmo dele, era um porco especial, inteligente para danar.” (MELO, 1995, p. 27)

Porém, o estranhamento causado pelo porco como animal de estimação pode ser neutralizado, pois, apesar de considerarmos a casa como um espaço que permite ao sujeito ser quem quiser dentro dela, “sabemos que em casa podemos fazer coisas que são condenadas na rua” (DAMATTA, 1997, p.16), possibilitando que ele ignore as convenções impostas pela sociedade.

Em consonância com as palavras de Damatta, é possível que concepção de que a sujeira suscitada pela presença do porco no interior da casa de Máiquel absorva, mas também ultrapasse a ideia proposta por Mary Douglas (1966), quando pontifica: “nossas concepções sobre a “sujeira” são compostas por duas coisas: cuidado com a higiene e respeito pelas convenções”

Arriscamos, então, uma leitura que entende a convivência e a afetividade com o porco como marcas capazes de representar a marginalidade e a ausência de racionalidade de Máiquel, ou, até mesmo, uma inocência infantil. Dessa relação entre Máiquel e Gorba, depreende-se uma possível solidão ou sentimento de aceitação de si por alguém sem julgamentos de valor. Sugerimos, ainda, uma leitura dessa convivência pode corresponder aos seguintes ditados populares brasileira: “quem com porcos anda, farelo come”; “me diga com quem andas que te direi quem és”.

Podemos dizer, então, que há um prenúncio de que, ao andar em má companhia, ele faria coisas ruins, como também podemos entrever o nivelamento de Máiquel ao animal, tendo em vista que ele é marcado por uma série de quebras de convenções sociais. Além dessas observações, conferimos que relação de Máiquel com Gorba, o porco, o coloca em posição de destaque negativo em relação àqueles que dividem com ele o mesmo espaço da periferia. A reação de Cledir diante do fato de Máiquel ter como animal de estimação um porco oferece um exemplo bem expressivo:

Abri a porta para Cledir, ela estava super bonita, uma saia azul e uma blusa branca. Oi, tudo bem? Ela entrou daquele jeito que as pessoas entram pela primeira vez em um lugar, olhando tudo. De cara, viu o estrago.  
 O que aconteceu com esse tênis?  
 Estragou.  
 Foi o cachorro?  
 Não. Foi o Gorba.  
 Quem é Gorba?  
 Deixa pra lá, Cledir. Senta aqui.  
 É um gato?  
 Senta aqui.  
 Fala. Por que você não quer falar?  
 É um porco.  
 Você tem um porco?  
 Tenho.  
 Que engraçado! Cadê ele?  
 Está lá no quintal.  
 Deixa eu ver?  
 Por que você quer ver?  
 Quero ver, o que é que tem? (MELO, 1995, p.27)

Reafirmam-se, nesse diálogo a vergonha de si e o subjacente desejo de ser um outro, uma vez que Máiquel expressa um incômodo diante da insistência de Cledir, deixando transparecer a sua posição de excluído ou marginal:

Aquilo me incomodou, mostrar o porco, ter um porco em casa, que coisa mais humilhante. As coisas vão mudando, você vai deixando, deixando, e quando vai ver, tem um porco morando em sua casa. Eu nunca quis ter um porco. Geralmente as pessoas não têm porcos em casa. As pessoas não gostam de porco. Comemos porco, isso é normal. Cledir olhava o Gorba com expressão de carinho, como se ele fosse meu filho, alguém da minha família. Isso me deu um puta mau humor. (MELO, 1995, p.28)

A reflexão de Máiquel coloca em evidência que a casa é muito importante no sentido da reserva da vida íntima, porque o conduz a ter consciência do seu ser no mundo. É interessante assinalar que Máiquel vivencia momentos amistosos com Gorba, quando distante dos olhares externos. Talvez, tomado pelos sentimentos de inadequação e solidão de um homem de identidade marginal na contemporaneidade, estabeleça uma conexão afetiva

entre ele e o porco, tanto que, em certa cena, toma banho com o animal: “À noite fiz Gorba entrar no chuveiro comigo. Todo rosado, engordando, está com fome, seu danado?” (MELO, 1995, p. 36)

Vê-se que a casa do protagonista de *O Matador* é representativa da sua intimidade e dos seus segredos. Porém, em *O Invasor*, se não há informações relevantes acerca da casa de Anísio, a casa determina o rompimento da fronteira existente entre a identidade do matador de aluguel e as dos sócios, Ivan e Alaor.

Se por um lado a casa de Máiquel reveste-se de fortes marcas identitárias, revelando certo exotismo e animalidade em sua organização e dinâmica, e, de certo modo, explicando as motivações que levaram Máiquel a se transformar em matador de aluguel, em *O Invasor* (2002), as informações acerca da identidade marginal de Anísio aparecem através da ida dos engenheiros, Alaor e Ivan, à periferia para contratá-lo, reafirmando o que dissemos: há uma ultrapassagem de fronteiras.

Observa-se que Anísio não aparece retratado no espaço doméstico — a casa. O espaço de referência para marcar sua origem e possivelmente local onde mora situa-se no público. O pertencimento da personagem àquele local fica implícito pela intimidade com que trata o dono do bar e por ser uma pessoa conhecida pelos sujeitos que ali circulam. O espaço a que Anísio pertence vem também através das reações, percepções e desconfortos que os sócios transmitem ao analisar o lugar: “Mesmo seguindo as indicações de Anísio, demoramos um bocado para encontrar o bar, numa rua estreita da Zona Leste. Um lugar medonho.” (AQUINO, 2002, p. 7)

Os olhares dos sócios são capazes de informar que Anísio está inserido em um ambiente em que “tudo o que está relacionado ao paradoxo, ao conflito ou à contradição – como regiões pobres ou de meretrício – ficam num espaço singular. Geralmente são regiões periféricas ou escondidas por tapumes”. (DAMATTA, 1997, p.39): “Estacionei perto do que parecia ser uma fábrica abandonada, um galpão enorme e cinzento, com paredes pichadas e vitrôs com vidros quebrados”. (AQUINO, 2002, p. 7)

Como se pode constatar, o espaço de pertencimento de Anísio não tem “vocalização para cartão-postal” (AQUINO, 2002, p.7) e parece ser um espaço específico para marginais. Será, a partir da invasão de uma casa, que se dará o nascimento de um outro Anísio, capaz de mudar o curso da narrativa e de ocupar uma posição de poder.

Tais constatações comprovam a adequação da narrativa ao invasor, Anísio. Ao instalar-se na casa de Marina, as estruturas da empresa são abaladas, tendo em vista que Ivan,

sentindo a ameaça de ir para cadeia, começa a pressionar Alaor, para que assuma uma nova postura frente a Anísio.

Aqui, abriremos um longo parêntese para realizar um contraponto entre Máiquel a Anísio. Começamos pela afirmação de Máiquel, ao se assumir como sujeito-função do grupo de dr. Carvalho, conquista uma espécie de visto de entrada na casa do dentista. Primeiramente, será recebido como justiceiro e, posteriormente, ingressa como o homem do ano. O acesso de Máiquel à casa do dentista se relaciona ainda à retomada da condição de marginal e excluído, uma vez que, no momento em que as portas da casa de dr. Carvalho se fecham para ele, há um retorno à sua condição inicial. O resultado desse fechamento de porta se ilumina nas palavras Roberto DaMatta, pois se trata de “um rompimento violento com um grupo social, como a consequente colocação da pessoa como um indivíduo isolado, agora situando-se diante do mundo “do olho da rua”, isto é, de um ponto de vista totalmente impessoal ou desumano” (DAMATA, 1997, p.45).

Quando o acesso à casa de dr. Carvalho lhe é negado, Máiquel se vê sozinho no mundo – sem muitos recursos ou referências a quem possa procurar para auxiliá-lo –, tentando sobreviver. A “expulsão” (tendo em vista que nunca fez parte daquele espaço) se realiza porque Máiquel não era mais útil para dr. Carvalho e seu grupo e o contato com ele poderia envolvê-los em problemas com a esfera legal.

Observamos, nos deslocamentos de Máiquel e Anísio, que as casas as quais eles adentram são estranhas a seu universo particular, pela apresentação de sua organização, consumo dos alimentos, objetos que ornaram o espaço, reafirmando que elas se mostram bem distintas dos espaços frequentados por eles, reafirmando, assim, informações sobre as posições sociais ocupadas tanto pelo justiceiro quanto pelo matador de aluguel.

É preciso também considerar traços distintivos na identidade das duas personagens diante das casas e das empresas que se apresentam a eles, somente em virtude de seus trabalhos prestados. Assim, se Máiquel sente-se desconfortável quando está na casa de dr. Carvalho, Anísio não apresenta sinais de constrangimento ou desconforto tanto na mansão de Marina quanto na construtora, como bem ilustram os exemplos retirados de *O Matador* e de *O Invasor*:

- a) Eu estava feliz por ter sido convidado, mas sentia uma aflição enorme, café, anfetaminas, parecia que eu tinha tomado muito café, eu estava com pressa, agoniado, queria que o jantar acabasse logo, queria voltar para casa, eu sou assim, tem que coisas que não gosto de viver, passar por aquilo, gosto quando elas já foram vividas, gosto das lembranças. (MELO, 1995, p.59)

- b) Anísio entrou na minha sala, examinou o ambiente e se deteve diante da reprodução de Cartier- Bresson.  
Você ficou louco, eu disse, assim que fechei a porta. Tá querendo foder a gente?  
Ele me olhou.  
Bonito isso aqui, disse, apontando a cena parisiense. [...] (AQUINO, 2002, p. 69)
- c) Anísio caminhou até o centro da sala e girou o corpo, avaliando o ambiente. Eu e Alaor nos entreolhamos. Anísio afastou a persiana da janela e espiou a rua. (AQUINO, 2002, p.71)
- d) Meu trabalho não rendeu. O tempo inteiro me senti oprimido pela presença de Anísio na empresa. De vez em quando, ouvia suas risadas na recepção. O filho da puta estava à vontade. (AQUINO, 2002, p.78)

Os motivos que orientam as ações do justiceiro e do matador de aluguel são distintos. Enquanto Máiquel, sem a intenção de se fixar, tem o acesso condicionado e definido pelo dr. Carvalho, Anísio, na qualidade de invasor, toma tanto a casa quanto a construtora, numa clara confirmação de que chegou para ficar. Assume a postura “de quem não faz mais, mas manda fazer”. (AQUINO, 2002, p.)

### **7.3 A ultrassonografia do crime dentro da casa de dr. Carvalho e da Construtora Araújo e Associados**

Um dos aspectos que percebemos, ao analisar a casa de dr. Carvalho, é que ela se revela como um espaço que entrelaça classes sociais, aproxima-as pelo viés da violência, torna-as irmanadas por uma rede sórdida de interesses individuais e pela ausência de caráter.

Ao espreitarmos a casa de dr. Carvalho, tomamos conhecimento das intenções do dono e de seus frequentadores. Nessa residência, comprovamos a coexistência das estruturas internas e do fluxo existentes no esquema criminoso que dinamiza a narrativa de *O Matador* (1995). De imediato, notamos que as personagens possuem vidas duplas e que não despertam muitas desconfianças em seu meio social. A máscara social as torna “pessoas de bem”.

É possível testemunharmos fatos que explicam as condutas dessas personagens nos espaços sociais. Elas se deixam conduzir por um alto grau de egoísmo, bem como são guiadas pelo desejo de aquisição de posses, posição social e/ou autopreservação.

A casa de dr. Carvalho possui caráter revelador, na medida em que nos possibilita conhecer as intenções criminosas, a dissimulação e as relações hipócritas dos sujeitos envolvidos nesse ambiente, pois, como já disse Stuart Hall, é possível observar que “o sujeito



assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente” (HALL, 2011, p.13)

Achamos conveniente pontuar que, diante das relações e interações que se constroem na casa de dr. Carvalho, esse espaço funciona como uma espécie de “escritório do crime”. A ideia ganha força na funcionalidade assumida pelo lugar, uma vez que é, no interior da casa do dentista, que se reúnem os profissionais liberais e pequenos empresários da região, para contratarem assassinatos com a finalidade de resolverem os problemas que lhes afligem. A casa de dr. Carvalho é o lugar ideal para os acordos de negócios ilícitos, pois garante a segurança e a discrição necessárias, além de resguardar a identidade pública dos envolvidos.

A leitura que realizamos prevê analisar a casa de dr. Carvalho, a fim de entender a confusa composição da sua decoração. É provável que ela possa colocar em evidência o modo incoerente de ser de seu dono. Partindo da seguinte colocação de Bachelard (2000) — “o espaço assume a identidade de quem ocupa: na mais interminável das dialéticas, o ser abrigado sensibiliza os limites do seu abrigo”. (BACHELARD, 2000, p.25) —, fica patente que a casa de dr. Carvalho reflete a identidade de quem a ocupa. Em uma primeira visada, o que se observa é seu potencial econômico, mas, quando vista mais de perto, torna-se incoerente ou incompatível.

Para melhor esclarecer a nossa análise, vemos, através do olhar da personagem Máiquel, que, em um primeiro momento, a casa de dr. Carvalho foi concebida como um símbolo de bem-estar e prosperidade. Após uma observação mais detalhada, a casa apresenta uma série de elementos que não se combinam. Há exageros nos adornos e na mistura de materiais diferentes que são incorporados à composição do projeto decorativo, o que possibilita depreender de que o dono possui um gosto questionável.

Compartilhamos a visão de Máiquel, que compara a decoração da casa de dr. Carvalho à dos “motéis de luxo da cidade de São Paulo”. Entendemos que tal observação por parte da personagem revela uma possível ironia ou crítica a esses homens de negócios ou profissionais liberais, ao mesmo tempo que coloca em suspeição de que aquele espaço seja realmente um lar. Tal similaridade surge como uma evidência de que a casa do dr. Carvalho segue um padrão *nouveau-riche* de decoração, que investe no empilhamento e na convivência de objetos e materiais extremamente díspares, como um modo de comunicar um destacado *status* social. Comprove-se:

A casa do dr. Carvalho tinha muito mogno e cetim, leque chinês, laca, penachos coloridos plantados em vasos gigantes e tapetes que batiam na canela da gente, um

tipo de decoração que, meses depois, quando comecei a ganhar dinheiro, descobri ser igual à dos hotéis de luxo de São Paulo. (MELLO, 1995, p.59)

Além da casa do dr. Carvalho, outro ponto de interesse diz respeito à construtora Araújo e Associados, por se tratar de um espaço que ultrapassa os limites de um local onde se desenvolvem atividades laborativas com fins lucrativos. Ela se configura como um espaço que representa a luta pelo poder. Ali, Estevão, Ivan, Alaor e, posteriormente Anísio, medem forças para defenderem seus interesses. Assim, a luta pelo poder, conforme Foucault (1987) propunha em seus estudos, visa a ações que “induzem, separam, limitam, controlam etc.”.

Sobre a luta pelo poder na construtora Araújo e Associados, reparamos que as disputas vinham de longa data através de ações financeiras, força braçal e esperteza relativas à identidade de cada um dos envolvidos. Essa luta pelo poder se confirma no embate que se deu, quando os sócios Araújo e Associados Araújo e Associados tiveram de decidir quem apareceria em primeiro lugar, na placa de apresentação nominal da empresa para o mundo exterior:

Lembra do rolo que deu quando tivemos que decidir a ordem em que nossos nomes iam aparecer nas placas?  
Isso foi uma bobagem do Estevão, eu disse.  
Bobagem uma ova. Lembra direito. Ivan. Você também não queria que seu nome viesse em último lugar (AQUINO, 2002, p.43)

A empresa é o espaço em que se revelam as situações conflituosas do mundo dos negócios, problematizando a condição dos sujeitos envolvidos nesse mercado e as identidades assumidas, tendo em vista que, por vezes, praticam-se delitos que são concebidos como ações normalizadoras.

Na Araújo e Associados, a exposição de uma rede criminosa desponta com o assassinato de Estevão e Silvana, gerando um problema para a rede que envolve Norberto, Rangel, Alaor, Ivan e Anísio. As personagens envolvidas agem para escapar do enredamento, uma vez que suas respectivas identidades estão ameaçadas: suas máscaras podem cair.

Apesar de haver várias razões que levam Alaor a decidir eliminar Estevão, pode-se considerar que o estopim foi o fato de Estevão não querer participar de um contrato fraudulento e ter a intenção de comprar as partes dos sócios, uma vez que tais ações se configuraram como uma ameaça ao poder de Alaor na empresa.

Seguindo as ações da rede criminosa, constatamos que Ivan foi sentenciado à morte pelo mesmo motivo, uma vez que ele ameaçava deixar os negócios. Os assassinatos eram meras ações de uma sucursal de uma rede criminosa instalada na empresa e que envolvia

agentes públicos, delegados e empresários. A rede abarcava desde prostituição até fraudes em licitações públicas. Chama a atenção o envolvimento do “*business men*” no empreendimento desses delitos e na ausência de constrangimento moral e ético por fazer parte de uma rede criminosa.

Sendo assim, os espaços salientados nesse capítulo — casa de dr. Carvalho e Construtora Araújo e associados — foram entendidos e analisados como constituintes narrativos que põe a descoberto a seguinte dinâmica no empreendimento de delitos: ações ilícitas praticadas por sujeitos pretensamente ilibados que estariam acima de qualquer suspeita.

Tal dinâmica se realiza através de uma espécie de exame de ultrassonografia dos espaços da narrativa. Metaforicamente, trata-se de obter as imagens com resoluções precisas, capazes de diagnosticarem as possíveis causas que se desmembraram em sintomas visíveis de violência banal, ceifamento de vidas e desumanização das vítimas como forma de resolução de problemas pessoais.

Vasculhar o interior da casa de dr. Carvalho e da Construtora Araújo e associados é um dos métodos possíveis de investigar a tensão entre máscara social e diversidade identitária das personagens e desmontar julgamentos contumazes que afirmam que a violência está exclusivamente ligada à pobreza.

## CONCLUSÃO

Como podemos observar, Patrícia Melo e Marçal Aquino são escritores que utilizam como fonte inspiradora para os seus trabalhos a realidade circundante, a realidade social e, conseqüentemente, a violência que se apresenta das mais variadas maneiras no espaço urbano.

Ambos os autores apresentam traços estilísticos marcantes para expressarem a violência nos grandes centros urbanos: frases curtas, discurso indireto livre, narração fragmentada, que possibilitam depreender a velocidade dos acontecimentos pelos quais as grandes cidades passaram a vivenciar após a segunda metade do século XX.

Percebemos que os espaços urbanos refletidos em suas obras são locais de conflitos de todas as ordens que, independente do lapso temporal entre as primeiras formas de convivência do homem e o mundo contemporâneo, continuam a produzir violência de diferentes formas como alternativa principal à resolução de conflitos pessoais ou coletivos, já que a violência, conforme afirma Nilo Odalia, apresenta-se como “uma das condições básicas da sobrevivência do homem, num mundo natural hostil” (ODALIA, 2012, p.14).

Longe de idealizar a violência, Patrícia Melo e Marçal Aquino criam personagens que possibilitam problematizar o quanto a identidade e as relações do sujeito se mostram fragmentadas diante dos mais variados contextos da contemporaneidade. O certo é que a naturalização da violência, a impunidade, o egocentrismo e a ambição, enquanto constituintes das multifaces da cidade e da sociedade, orientam os sujeitos e constroem suas identidades. Por isso, seguindo esse direcionamento, realizamos, nesta dissertação, uma investigação sobre a identidade de marginais (criminosos e justiceiro), — tão líquidas e deslizantes como as identidades da modernidade descritas por Zygmunt Baumann — com base em *O Matador* e *O Invasor*.

Para o estudo das identidades de marginais, foi preciso considerar que tudo é relativo e nada é determinado ou inflexível, pois as personagens assumem diversas facetas dentro das inúmeras brechas sociais, daí sendo possível entender a heroicidade que permeia os serviços prestados por justiceiros e matadores de aluguel. Trata-se de uma tomada de posição fincada em soluções de defesa defendidas por grupos sociais que já não recorrem às formas legítimas sintonizadas com a ética, a moral, a justiça e a ação policial.

O que vemos, no quadro da sociedade contemporânea, são amontoados de indivíduos que entregues à solidão e ao abandono, num meio em que, se a competição é cruelmente desmedida, os sentimentos de solidariedade e cooperação praticamente inexistem. E mais: o

Estado não lhes garante todos os seus direitos. O sentimento de estar desprotegido pode gerar violência. Nilo Odalia é muito claro, quando aponta que “a violência surge como meio de ataque, mas também de defesa. Ela exprime um inconformismo radical em relação às imperfeições da sociedade” (ODALIA, 2012, p.87).

É notório que habitantes de grandes centros urbanos são tomados pelo medo da violência. A esse respeito, as palavras de Zygmunt Bauman explicam com propriedade o que estamos a dizer:

Os medos modernos tiveram início com a redução do controle estatal (a chamada desregulamentação) e suas consequências individualistas, no momento em que o parentesco entre homem e homem — aparentemente eterno, ou pelo menos presente desde tempos imemoriais —, assim como vínculos amigáveis estabelecidos dentro de uma comunidade ou de uma corporação, foi fragilizado ou até rompido. (BAUMAN, 2009, p.19-20).

Quando a solidariedade é substituída pela competição, os indivíduos se sentem abandonados a si mesmos, entregues a seus próprios recursos — escassos e claramente inadequados. A corrosão e a dissolução dos laços comunitários nos transformaram, sem pedir nossa aprovação, em indivíduos de *jure* (de direito); mas circunstâncias opressivas e persistentes dificultam que alcancemos o status implícito de indivíduos de *facto* (de fato). (BAUMAN, 2009, p.21)

De acordo com a citação, compreendemos que o ato de viver e o valor dado à vida humana se apresentam em profunda degradação, assim como o medo desponta como companhia frequente dos sujeitos na contemporaneidade. Temos, ainda, que considerar que os mecanismos de vigilância, a privação e a insegurança, como componentes indissociáveis da rotina de cada um, provocam sentimentos de medo dos crimes e dos criminosos. Desta forma, a violência se manifesta de modo muito diverso, vindo a ser considerada a única alternativa possível de manutenção da paz e da ordem.

Considerando as diversas faces da violência advindas do medo que regula o homem nos tempos modernos, enfatizamos, em *O Matador* e em *O Invasor*, como as personagens de marginais tiveram (re) significadas suas representações literárias, quando debatemos a tendência de heroificá-los. Além disso, as referidas obras, conseguem apresentar um panorama da cidade de São Paulo no qual se evidencia que a violência não escolhe classe social ou econômica: “estendendo-se do centro à periferia da cidade e seus longos braços a tudo e a todos envolvem, criando o que se poderia chamar ironicamente de uma democracia da violência” (ODALIA, 2012, p.52).

E nesta considerada “democracia da violência” ninguém é uma única só pessoa. A identidade assumida vai variar de acordo com os espaços e demandas desse. Por tal razão, concluímos que a identidade está sujeita às influências externas, uma vez que se trata de um

processo dinâmico. Sendo a identidade formada e reformulada constantemente, seja através de novos valores estabelecidos, seja através de conhecimentos adquiridos ou influências do ambiente que cerca o sujeito, foi possível constatar que a violência atua nessas esferas e molda novas formas de ser e de pensar, quando tratamos das identidades de Máiquel e Anísio: o primeiro, um justiceiro; o segundo, um matador de aluguel.

Embora a maior incidência da violência seja em bairros pobres e contra a população marginal dos grandes centros urbanos, ela se relaciona intimamente com o outro polo da cidade – o centro dominante. A questão mais preocupante é que ela se apresenta como sendo um dos elementos cruciais na resolução de conflitos e meio de “participar” ou se “manter” como membro ativo da sociedade capitalista.

Dentro dessa perspectiva, há um caráter gratuito no emprego da violência, em que as interações sociais e as formas de conciliação são preteridas em favor da exclusão daqueles que não acordam com perspectivas individuais ou não se encaixam ou não se ajustam a uma sociedade considerada como ideal.

Consoantes a esses fatos, as obras analisadas trazem dois marginais — Máiquel e Anísio — que combinam características e elementos que os distinguem individualmente e como parte de um grupo. São singulares justamente por possuírem perfis diferenciados. Como se pode ver, apesar de se aproximarem por pertencerem a um grupo que ocupa as franjas da cidade e por empregarem a violência como meio de participarem do mercado de consumo e, de certa maneira, inserirem-se na sociedade, eles se afastam pela capacidade racional de se manterem nesse novo patamar e pelos objetivos pessoais.

Fica nítido que Anísio e Máiquel são representações de marginais dos novos tempos. Identificam-se por serem assassinos frios, sem valores de honra e ética, sem muitas opções para mudarem suas condições de sujeitos relegados à marginalidade social, como a de muitos brasileiros. Encontram no crime uma oportunidade de mudança social e econômica e, de certo modo, confirmam o pertencimento como algo dinâmico e articulado com a flexibilidade da identidade.

Os dois marginais se aproximam e afastam-se em seus processos de identificação. Observamos que Máiquel executa serviços a mando de dr. Carvalho e demais participantes do grupo, agindo mais restritamente nos arredores da comunidade de Santo Amaro, sendo considerado uma espécie de “justiceiro”, um herói.

Em contrapartida, Anísio é um assassino profissional, voltado ao mercado corporativo. Desestabilizando as caracterizações do marginal padrão, a personagem possui inteligência e perspicácia, tendo em vista que busca conhecer o potencial de suas vítimas e enxerga uma

brecha para a ascensão ao ser contratado para assassinar Estevão. Fixa-se em novo meio social e, através da invasão e usurpação espaciais, subordina e/ou elimina a todos que fazem parte direta ou indiretamente do círculo dos contratantes.

Máiquel, por sua vez, vai nutrindo-se de ódios injustificados. Os sujeitos que ele elimina não praticaram atos que o lesassem diretamente. São inclusive tão “marginais” (no sentido de pertencimento a uma classe social) quanto ele. O certo é que Máiquel assume uma “missão” — a de eliminar qualquer um que prejudique os interesses dos outros. Não há qualquer intenção por parte dele que justifique a execução desses sujeitos, essa é uma das razões que nos leva a concluir que ele detém a identidade de marginal-função.

Ao contrário de Anísio, Máiquel não possui uma capacidade de discernimento aguçada, como se pode verificar durante o desenvolvimento da narrativa de *O Matador*. O que se vê é uma personagem em busca de autoconhecimento, com sentimentos confusos, sem muito discernimento para tomar decisões pessoais, mostrando-se vulnerável e influenciado pela opinião alheia, principalmente a que advém do dentista dr. Carvalho, uma espécie de referência para sua vida.

Como se pode acompanhar ao longo das narrativas, Patrícia Melo e Marçal Aquino abordam as posições do sujeito marginal moderno, através das representações identitárias de Máiquel e Anísio como marginais. Ambos os autores deixam transparecer que as referidas personagens são produtos, em parte, da violência que solapa os centros urbanos, pois a violência gera insegurança e coloca os sujeitos em estado de vulnerabilidade. Para efeito de ênfase, destacamos que o medo de não se ter nada sob controle, de não se ter conhecimento sobre o que se espera e a ausência de um poder que regule esse estado de conturbação são a chave para sujeitos/personagens assumirem identidades marginais marcadas por traços heroicos e pautadas pela violência.

## REFERÊNCIAS

- ARON, A.; ARON, E. N.; SMOLLAN, D. Inclusion of Other in the Self Scale and the structure of interpersonal closeness. **Journal of Personality and Social Psychology**, Edinburgh: 63, 596–612. 1992.  
Disponível em: <https://psycnet.apa.org/doiLanding?doi=10.1037%2F0022-3514.63.4.596>.  
Acesso em: 25/02/2018
- ARON, A. et al. Close relationships as including other in the self. **Journal of Personality and Social Psychology**, Washington DC: 60, 241-253. 1991.
- ALMEIDA, A. M. O.; CUNHA, G. G. Representações sociais do desenvolvimento humano. In: **Psicologia Reflexão e Crítica**, Brasília: v. 16, n. 1, p. 147-155, 2003.
- ALMEIDA, N. A. *et al.* **Jovens em transições precárias** - Trabalho, cotidiano e futuro. Lisboa: Editora Mundos Sociais, 2011.
- AQUINO, M. **O invasor**. São Paulo: Companhia das letras, 2002.
- AQUINO, S. T. **Suma teológica**. São Paulo: Edições Loyola, 2001. v. 1; parte 1
- BACHELARD, G. **A poética do espaço**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BAUMAN, Z. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- BAUMAN, Z. **Globalização: as consequências humanas**. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BAUMAN, Z. **Identidade**: Entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005
- BELK, R. W. Possessions and the extended self. *Journal of Consumer Research*, 15, 139-168. 1988.
- CAMPELL, J. **A jornada do herói**. São Paulo: Agora, 1949.
- CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas** – estratégias para entrar e sair da modernidade. 4. ed. São Paulo: UNESP, 2007.
- CHIARA, Ana Cristina de Rezende. Os brutos também amam. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 12, 1999. Disponível em:  
<http://www.pgletras.uerj.br/matraga/matraga12/matraga12anachiara.pdf>. Acesso em: 12/12/2017



COHEN, D.; NISBETT, R. E. Self-Protection and the Culture of Honor: Explaining Southern Violence. *Personality and Social Psychology Bulletin*, Michigan: 20(5): 551-567, 1994.

COHEN, G. L. et al. Reducing the racial achievement gap: a social-psychological intervention. *Science*, Michigan: 313(5791), 1307-1310, 2006.

COUTO, M. **Terra sonâmbula**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CROSS-, S. E.; BACON, P. L.; MORRIS, M. L. The relational interdependent self-construal and relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, Michigan: 78, 791-808. 2000.

CROSS-, S. E.; MORRIS, M. L.; GORE, J. S. Thinking about oneself and others: The relational-interdependent self-construal and social cognition. *Journal of Personality and Social Psychology*, Michigan: 82, 399-418. 2002.

DALCASTAGNÉ, R. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo: Editora Horizonte/ Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2012.

DAMATTA, R. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DOUGLAS, M. **Pureza e perigo**. São Paulo: Perspectiva. 1966.

DUBAR, C. Para uma teoria sociológica da identidade. In: **A socialização**. Porto: Porto Editora. 1997.

EIDELSON, R. Toward a unifying model of identification with groups: Integrating theoretical perspectives. *Personality and Social Psychology Review* Raanana, Israel: 12, 280-306, 2008.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. **The Established and the Outsiders: A Sociological Enquiry into Community Problems**. London: Frank Cass, 1965.

FAGAN, J. Adolescent Violence: A View from the Street. Research in Progress Seminar Series (January). Washington, D.C.: Office of Justice Program, National Institute of Justice, 1998.

FERNANDES, L.; NEVES, T. Controlo da marginalidade, violência estrutural e vitimações colectivas. In: Carla Machado (Coord.). **Novas formas de vitimação criminal**. Braga: Psiquilíbrios, 2010. p. 13-335.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. 35. Ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREYRE, G. **Heróis e vilões no romance brasileiro**. São Paulo: Cultrix, 1979.

FREYRE, G. **A casa brasileira**. Rio de Janeiro: Grifo, 1971.

GRILO, M. **Desafios da Educação** – Ideias para uma política educativa no século XXI. 1. ed. Lisboa: Oficina do Livro, 2002.

GRUSZYNSKI, A.; FIALHO, L. C. Cosac Naify: uma editora, um editor, uma ousada proposta gráfica e editorial. **40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Curitiba: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2017.

HALL, E. T. **A dimensão oculta**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11. ed., 1. Reimp, Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HALL, S. **Representation: cultural representation and signifying practices**. London: The Open University, 1997.

HALL, S. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

HOUAISS, A. **Dicionário da língua portuguesa**: Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

HUTCHEON, L. **Poética do pós-modernismo**. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

JAMES, W. **Psychology: briefer course**. London: Macmillan & Co, 1892.

JODELET, D. **Les representations sociales**. Paris: Press Universitaires de France. 1989.

KIM, S. Immigration, industrial revolution and urban growth in the United States, 1820-1920: factor endowments, technology and Geography. In: **NBER Working Papers Series**, n. 12900. Cambridge: National Bureau of Economic Research, 2007.

LEACH, C. W. et al... Group-level self-definition and self-investment: a hierarchical (multicomponent) model of in-group identification. **Journal of Personality and Social Psychology**, 95, 144–165. 2008.

LE, B. et al. Predicting nonmarital romantic relationship dissolution: a meta-analytic synthesis. **Personal Relationships**, 17, 377-390. Washington D.C: 2010.

MCLAUGHLIN-VOLPE, T. An organizing framework for collective identity: Articulation and significance of multidimensionality. **Psychological Bulletin**, New Jersey, New York: 130, 80-114. 2004.

MELO, Patrícia. **O matador**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MENNELL, S. The Formation of We-Images: A Process Theory. In: C. Calhoun (ed.) **Social theory and the politics of identity**. London: Blackwell, 1994.

MOISÉS, M. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 1985.

MONIZ, António. Anti-herói. In: CEIA, Carlos. **E-dicionário de termos literários**. Disponível em: <http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/anti-heroi/>. Acesso em: 05/05/2019.

MORETTI, F. O século sério. In: MORETTI, Franco (org.). **A cultura do romance**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2009. p. 823-863.

NASCIMENTO, T. G.; SOUZA, E. C. L. Escala trifatorial da identidade social (ETIS): evidências de sua adequação psicométrica. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 22, n. 2, p. 217-234, Maio/Ago. 2017.

NEVES, L. B. A Marginalidade enquanto identidade: A Literatura de Periferia e o empoderamento cultural de seus sujeitos. **Conexões Culturais – Revista de Linguagens, Artes e Estudos em Cultura - V. 02, nº 01, ano 2016**, p. 213-228

ODALIA, N. **O que é violência**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

RATTANSI, A.; PHOENIX, A. Rethinking youth identities: Modernist and postmodernist frameworks. **Identity**, 5, 97-123, 2005.

SALDANHA, J. D. M. *et al.* Os complexos cerâmicos do Amapá: proposta de uma nova sistematização. In: BARRETO, Cristiana; LIMA, Helena P.; JAIMES BETANCOURT, Carla (eds.) **Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia: Rumo a uma nova síntese**. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi / IPHAN, 2016. p.86-96.

SANTIAGO, Silviano. **O cosmopolitismo do pobre**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

SCHOLLHAMMER, K. E. **Ficção brasileira contemporânea**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

SCHOLLHAMMER, K. E. Os cenários urbanos da violência na literatura brasileira. In: PEREIRA, C.A.M. *et al.* **Linguagens da violência**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p.237-59.

SCHOLLHAMMER, K. E. Pequena Genealogia do Olhar Viajante. IN: TORRES, Sonia (Org.). **Raízes e rumos**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2001. p. 254-262.

SENNETT, R. **A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. 18. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

SILVA, T.T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA, T.T. **O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular**. Belo Horizonte, Autêntica, 2003.

SILVA, T.T. da; HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2014.

SILVEIRA, R. C. Máique, o herói da morte: uma análise mitológica do romance O matador de Patrícia Melo. In: **Anuário de Literatura** 8, 95-120, 2000.

SOUZA, A. J. **O imaginário positivista e a ideia de nação no Brasil**. 2000. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

SPEARS, R. Group identities: The social identity perspective. In: S. J. Schwartz, K. LUYCKX; VIGNOLES, V. L. (Eds.). **Handbook of identity theory and research** (pp. 201-224). New York, NY: Springer, 2011. p. 201-224

SWANN, W. B., JR.; BOSSON, J. K. Identity negotiation: A theory of self and social interaction. In: O. P. John, R. W. Robins, & L. A. Pervin (Eds.). **Handbook of personality: Theory and research** (3rd ed., pp. 448-471). New York, NY: Guilford Press, 2008.

SWANN, W. B., JR *et al.* **When group membership gets personal**: A theory of identity fusion. *Psychological Review*, 119, 441-456. 2012.

TAJFEL, H. **Differentiation between social groups**: Studies in intergroup relations. London, England: Academic Press, 1978.

TRAFIMOW, D.; TRIANDIS, H. C.; GOTO, S. G. Some tests of the distinction between the private self and the collective self. **Journal of Personality and Social Psychology**, 60, 649-655. 1991.

VIGNOLES, V. L., SCHWARTZ, S. J.; LUYCKX, K. Introduction: toward an integrative view of identity. In: S. J. Schwartz, K. Luyckx, & V. L. Vignoles (Eds.). **Handbook of identity theory and research**. New York: Springer, 2011. p. 11-27

WACQUANT, Löic. **Os condenados da cidade**. Trad. MARTINS, J. *et.al.* Rio de Janeiro: Revan, 2001.

YAMAGISHI, T. Micro-macro dynamics of the cultural construction of reality: A niche construction approach to culture. In: M. J. Gelfand, C.-y. Chiu, & Y.-y. Hong (Eds.), **Advances in culture psychology** (Vol. 1, p. 251-308). Oxford: Oxford University Press, 2010.